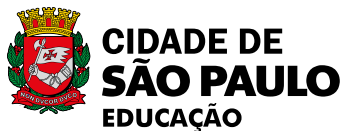


DESCOBRIR-SE AUTOR

Memórias



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO



PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Fernando Padula

SECRETÁRIA EXECUTIVA MUNICIPAL

Malde Maria Vilas Bôas

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO

Bruno Lopes Correia

CHEFE DE GABINETE

Omar Cassim Neto

**CHEFE DA ASSESSORIA DE ARTICULAÇÃO
DAS DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO – DREs**

Sueli Mondini

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

DESCOBRIR-SE AUTOR

Memórias



Academia Estudantil de Letras

São Paulo - 2022

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Simone Aparecida Machado - *Coordenadora*

NÚCLEO TÉCNICO DE CURRÍCULO - NTC

Aparecido Suter da Silva Junior - *Diretor*

Equipe NTC

Amanda Ferreira Rodrigues
Ana Katy Lazare Gabriel
Anna Luisa de Castro
Carlos Alberto Mendes de Lima
Carolinne Mendes da Silva
Claudia Abrahão Hamada
Clodoaldo Gomes Alencar Junior
Eduardo Murakami da Silva
Eva Aparecida dos Santos
Guilherme Cunha de Carvalho
Jonas Ribeiro dos Santos
Juliana Bauer de Oliveira Pimentel
Karla de Oliveira Queiroz
Lisandra Paes
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi
Regiane Paulino
Regina Célia Fortuna Broti Gavassa
Renata de Lara Pereira Tamasi
Samir Ahmad dos Santos Mustapha
Selma Andrea dos Santos Silva
Thais Blasio Martins

ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS - AEL ACADEMIA DE LETRAS DOS PROFESSORES - ALP

Guilherme Cunha de Carvalho
Samir Ahmad dos Santos Mustapha

CENTRO DE MULTIMEIOS

Ana Rita da Costa - *Diretora*

Núcleo de Criação de Arte

Angélica Dadario - projeto e diagramação
Cassiana Paula Cominato
Fernanda Gomes Pacelli
Priscila da Silva Leandro
Simone Porfirio Mascarenhas

Revisão Textual

Roberta Cristina Torres da Silva

Imagem capa: Daniel Cunha - FOVE (acervo MEM) - COPED - SME

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Descobrir-se autor : memórias. – São Paulo : SME / COPED, 2022.
136 p.

Volume VI resultante da 11ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao
Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Código da Memória Documental: 114/2022

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

Disponível também em: <<http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>>

Consulte as obras disponíveis na Biblioteca Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação.
Disponível em: <<http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centro-de-multimeios/biblioteca-pedagogica>>
E-mail: smecopedbiblioteca@sme.prefeitura.sp.gov.br

Caro(a) Leitor(a)

Gosto muito de contar histórias. Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram.

(Daniel Munduruku – Meu avô Apolinário)

É com muito orgulho que apresentamos os textos literários produzidos por estudantes da Rede Municipal de Ensino de São Paulo – RME.

A Secretaria Municipal de Educação tem uma rica trajetória de incentivo à leitura e valorização da autoria literária. A Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, por meio da Lei nº 14.999/09, potencializa a visibilidade e o fomento às ações realizadas nas nossas escolas municipais, como a proposta do livro Descobrir-se Autor, que chega ao seu 6º volume.

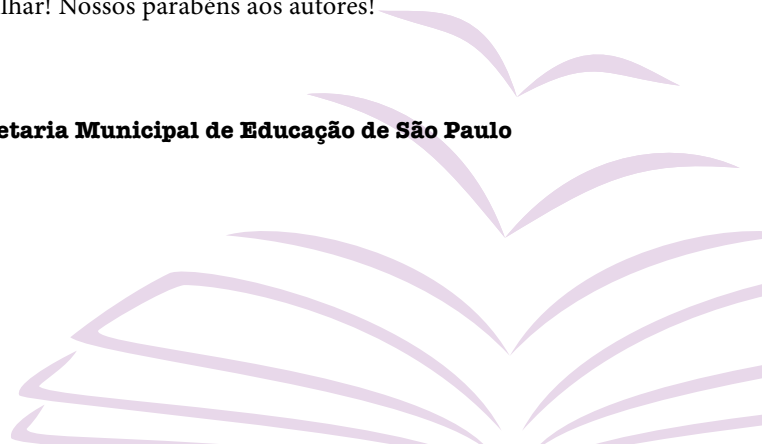
Em 2022, a obra tem como temática central as Memórias, que foram lembradas e elaboradas em forma literária pelos estudantes ou, ainda, criadas, inventadas de forma bem criativa.

Os textos foram produzidos de forma coletiva ou individual e mediados e organizados em sua versão final pelos professores do projeto Academia Estudantil de Letras. A AEL, em seus 17 anos de história, tem sido espaço privilegiado para criação literária e valorização do registro de experiências, como a proposta deste ano propiciou.

Você encontrará nessa obra a criatividade de crianças, jovens e adultos (estes, membros vitalícios do projeto AEL) com muitas histórias para contar e compartilhar! Nossos parabéns aos autores!

Boa leitura!

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo



Sumário

Diretoria Regional de Educação – DRE

Butantã	6
Campo Limpo	23
Capela do Socorro	31
Freguesia/Brasilândia	36
Guaianases	42
Ipiranga	59
Itaquera	66
Jaçanã/Tremembé	83
Penha	90
Pirituba/Jaraguá	100
Santo Amaro	109
São Mateus	120
São Miguel	128
Coordenadores da AEL nas DREs	136



DRE

Buntantă



A última corrida

Júlia de Oliveira Maurício, 13 anos

Ainda me lembro como se fosse ontem o dia em que um pedaço do meu coração foi destruído, o dia em que eu perdi minhas forças... o pior dia da minha vida!

Faz aproximadamente um ano e meio que tudo aconteceu. Era uma quinta-feira e ainda estávamos no período de quarentena, por conta desse vírus devastador. Estava com meu cachorro, o Iron (se fala Airon), meu parceirinho de pandemia. Nesse dia, brincávamos de pega-pega em casa como fazíamos de costume. Ele sempre dormia com a minha mãe, porém como a cama dela era muito alta, ele começou a ter muitas dores nas costas e foi aí que ela teve uma ideia para resolver esse problema: comprar a tal escadinha, facilitando a vida do nosso animal de estimação.

Assim, corríamos e eu ria muito, estávamos muito felizes, mas quando chegamos no quarto da minha mãe, onde tinha uma escada que ia do chão à cama, insisti em algo: depois de muitas tentativas, descobri como fazer com que o meu cãozinho pudesse subir os degraus. Agora descer já era outra história! Ele subiu e me olhou, abanando o rabo, completamente ofegante. Eu logo saí correndo de volta para a cozinha, quando ouvi ele pulando da cama, mas, para minha surpresa, ele não veio atrás de mim. Achei estranho, voltei para verificar e vi ele andando para debaixo da cama, seu esconderijo favorito. Achei que estava apenas cansado e segui com as minhas tarefas.

Ao cair da tarde, na hora do pôr do sol daquele dia, minha mãe já havia chegado e estávamos tomando café, quando reparamos que o Iron não estava lá com a gente para pedir seu pedaço de pão. Em seguida, nós o chamamos, e ele veio caminhando bem lentamente do quarto em direção à cozinha. Na mesma hora, estranhamos o seu comportamento porque ele sempre vinha correndo e bem animado. Preocupada, o peguei no colo e ele resmungou alto, parecendo estar com dor. Parecendo não, ele estava com uma dor enorme.

A partir desse momento, foi tudo muito rápido, da tarde para a noite, a dor só piorou e ele se movia muito pouco e bem devagar. Eu fiquei extremamente nervosa, na verdade sentia um medo gigante de que algo pior pudesse acontecer, de que as nossas brincadeiras, de certa forma irresponsáveis, o tivessem prejudicado. Na hora de dormir, eu ainda estava em pânico e conversei com a minha mãe sobre a possibilidade de levá-lo ao médico, mas não conhecíamos nenhum que funcionasse naquela hora da noite. Concordamos, então, em ir no dia seguinte, o mais cedo possível. Mas quem disse que eu conseguia desgrudar dele ou muito menos dormir?

Fiquei vendo-o com seu terrível incômodo por um tempo, até que, no meio da madrugada, decidi colocá-lo na minha cama e “avaliar” a situação, pois parecia estar piorando. Assim que o deitei na minha cama, ele logo reclamou e tentou sair, foi aí que eu percebi que meu cachorro estava se arrastando e não estava mais andando. ELE ESTAVA PARAPLÉGICO!!!

Entrei em pânico e comecei a chorar. Acordei minha mãe, desesperada. Na mesma hora, ela decidiu que o levaríamos a um hospital 24 horas, pois ainda eram quatro horas da manhã. Procuramos alguém pela internet e achamos o mais próximo, que ficava a uns vinte minutos da minha casa. Ao chegarmos lá, fomos rapidamente atendidos, levando-o para uma sala, com a minha mãe junto. Eu fiquei na sala de espera, pois só podia entrar um acompanhante. Nunca um nome foi tão apropriado para

uma salinha: “espera”, já que fiquei muito tempo lá, com uma ansiedade imensa dentro de mim. Depois de uma eternidade, minha mãe finalmente saiu com a médica e o Iron, que se encontrava enrolado em uma das minhas cobertas antigas, de quando eu era bebê. Ao sair, ele começou a tremer e a veterinária disse que ele teria que fazer um exame de tomografia, pois desconfiavam que havia acontecido algo em sua coluna e precisavam de imagens para decidirem o que fazer. O problema era que só tinha horário às onze. Quem já teve ou tem um animal de estimação que é praticamente parte da família, vai me entender: a cada minuto, a angústia aumenta. O fato de não sabermos o que ele tinha e ainda ter que esperar mais tempo para descobrir, nos fez tomar outra decisão: ir a outro hospital e voltar mais tarde para poder ter diferentes opiniões.

Já era em torno das seis horas da manhã, e o Hospital Veterinário Público já estava aberto, então fomos até ele e lá se foram mais trinta minutos (a essa altura do campeonato, eu já estava completamente desacreditada, não tinha certeza do que aconteceria, mas sabia que não iria ser um diagnóstico bom). Chegamos lá, hospital lotado, com atendimento a vários animais diferentes, aves, cachorros e gatos e estavam todos muito abalados. Esse, definitivamente, era um lugar com muita tristeza, desespero e esperança. Cadastro feito, aguardando atendimento (eu juro, o tempo parecia estar regredindo, pois não passava), o nosso estado era devastador: nós duas chorávamos e revezávamos o colo para meu cãozinho, que só resmungava, tadinho, sem movimentar as patas traseiras.

Eu nunca pedi tanto para ficar tudo bem como fiz nessas horas que passamos no hospital, eu estava cansada, com medo e angustiada demais. A essa altura, minha mãe decidiu avisar a chefe dela que não iria trabalhar. Finalmente, lá pelas dez horas, repete o ritual: minha mãe e Iron seguem para uma salinha e eu fico na de espera, ou quase! Dei um jeito de espiar e vi minha mãe aos prantos, não aguentei e entrei na sala. Fiquei lá. Acho que ficaram com pena de mim.

Depois de colher sangue, tomar soro e diversos outros testes, chegaram à conclusão de que precisavam de um raio-X. Fomos então fazer o exame, voltamos para a sala e esperamos as veterinárias. Elas nos disseram que realmente precisam de uma tomografia, mas dariam um remédio para controlar a dor, e aí a doutora falou dos cuidados com um cão paraplégico porque dificilmente ele voltaria a andar.

Chegamos em casa por volta das treze horas, eu estava só o fiapo, minha última refeição havia sido o café da tarde. Estava com fome e não aguentei, assim que comi, desabei nos colchões que estavam no chão para melhor locomoção do Iron. Acordei no final da noite e me dei conta que minha avó e minha mãe ficaram se revezando nos cuidados da medicação e alimentação do nosso Iron.

Eis que nessa hora, minha mãe indo dormir, ele começa a gritar de dor (do jeitinho que só os cachorros gritam). Reforçamos a medicação, mas os episódios de dor, acompanhados de choro eram frequentes. Sem condições, meu padrinho foi acompanhar a minha mãe e meu cão a outro hospital. Eu simplesmente capotei de tanto cansaço. Quando tive notícias, ele havia feito a tomografia e permanecia internado para receber o remédio na veia. De certa forma, fiquei aliviada, pois ele estava sendo bem cuidado. Enquanto isso, também contatamos outra especialista, amiga da minha tia, para quem contamos tudo que aconteceu.

Ao recebermos os resultados, também os enviamos para ela e para as veterinárias do Hospital e ficou no ar um certo suspense, até que deram o veredito: Iron estava de fato paraplégico, levando nossa esperança para o chão. Contudo, depois do susto da notícia, agradecemos por ele estar vivo. Mas não termina por aí: ele havia rompido um disco e havia soltado um líquido que iria espalhar pelo corpo, por isso tínhamos que manter o pescoço erguido para não atingir o cérebro. Eu só fiquei sabendo disso no dia seguinte quando iríamos visitá-lo pela última vez.

Ao chegarmos à clínica, o momento mais difícil: minha mãe contou tudo com detalhes e disse que teríamos de sacrificá-lo. Ele me deu a chance de escolher participar ou ficar lá fora. Se ficamos com eles nas horas felizes, não seria justo deixá-los quando estão com dor, com medo, e nas mãos de estranhos, então eu permaneci também neste duro momento.

Fiquei lá durante todos os minutos e posso afirmar com toda a certeza, por mais que a gente espere passar por algo assim, quando acontece dói muito, nos corrói por dentro e destrói tudo o que há de bom e é muito difícil recuperar. Com o tempo, aprendemos a lidar, mas o buraco continua ali. Aquela tarde, voltamos para casa, saindo de uma família com três integrantes para uma com dois. Desde então, posso dizer que eu nunca mais fui a mesma.

Cena constrangedora

Laura Braga Villafraña, 13 anos

Quando eu entrei na AEL, eu tinha 9 anos. Foi nessa época que eu comecei a me apaixonar por livros e todos os gêneros literários tinham graça para mim. Hoje em dia, eu gosto de ler, mas coisas diferentes. Mas, voltando ao começo de tudo, o meu primeiro passeio com a AEL foi com a professora Marlene (que, infelizmente já se aposentou, pois sinto muita falta dela), e foi um dos melhores passeios da minha vida escolar. A Bienal do Livro é simplesmente incrível, lá tem tantas coisas interessantes, é como se tivéssemos descoberto um mundo completamente novo. O engraçado na AEL é que mesmo quem não gosta de ler, acaba adquirindo conhecimento sobre várias coisas que irão ajudar na sua vida estudantil: você aprende a atuar, melhorar sua leitura e faz novos amigos (pelo menos essa foi a experiência que eu tive).

Foram tantas experiências dentro do projeto AEL. Uma delas tem a ver com uma apresentação teatral, em que eu vivi uma situação um tanto constrangedora para mim, mas engraçada para os outros. Foi quando eu escolhi fazer um papel de burro (sim, você não leu errado) e, para a minha tristeza, a gente teve que apresentar a peça em vários lugares. Tecnicamente, eu não tinha muitas falas como burro, mas só de ter que fazer o barulhinho dele era muito constrangimento para uma pessoa só. Além de ter que interpretar esse animal tão estigmatizado (coitado!), eu tive que fazer o papel de mãe do meu irmão, essa última personagem sim tinha muitas falas. No fim, eu perdi a minha vergonha de atuar e até hoje eu estou no teatro da AEL.

Talvez possa não ser a coisa mais interessante do mundo, mas essa é a minha memória mais marcante na Academia Estudantil de Letras. Eu realmente gosto de representar e mesmo atuando como um burro, o famoso que aparece no poema “Cidadezinha Qualquer”, do Carlos Drummond de Andrade, eu percebo que os papéis que faço me ajudam a refletir sobre a vida. Por exemplo, por mais que tenha sido embaraçoso aparecer no palco diante de uma plateia imensa como um burro, foi muito mais valioso perceber que eu tenho compromisso e responsabilidade com o teatro, com as pessoas que fazem parte dele e que eu posso superar vários obstáculos. Que venham mais peças, personagens e momentos de aprendizagem, afinal: o espetáculo não pode parar!

O grande encontro da minha vida

Ratssa Amorim dos Santos, 14 anos

Nem todo mundo gosta de ler, porém eu não acredito. Quem não lê, só não encontrou ainda o livro certo que vai fazer entrar no mundo da leitura. Comigo não foi diferente!

Voltando um pouquinho no tempo, na minha infância, eu não lia muitos livros, gostava mais de ler gibis da Turma da Mônica e alguns livros de “youtubers”.

Quando entrei na EMEF Teófilo Benedito Ottoni, já no primeiro ano, em 2015, eu tive aula de Leitura com a professora Marlene, na sala onde moram os livros físicos: a sala de leitura! A partir do meu terceiro ano, já foi com a professora Gislaíne e segue assim até os dias de hoje. Nesse espaço tão convidativo para ler, eu peguei vários livros que me marcaram e fizeram parte da minha história, tais como: “Até as princesas soltam pum”, “Chapeuzinho Colorido”, “A velhinha que dava nome às coisas”, entre outros.

Porém, ainda nessa época, eu me lembro de que eu gostava de ler, mas não tinha muita iniciativa para querer escolher, pegar o livro e levar para casa. Passando um tempinho, as coisas foram mudando... Ainda no terceiro ano, com a minha professora de sala, a Betânia, lemos o livro “O Pequeno Príncipe”, o qual eu gostei muito. É um livro bastante famoso e acho que o que me fez gostar desse livro foi a narrativa da história e as lições que ele traz, mas não tenho tantas lembranças da história. Ainda assim, é um livro que me traz conforto e boas memórias da minha leitura e espero poder reler esse livro.

Já no quarto ano, a professora Juliana fez um projeto com a turma: todos leríamos um livro da coleção “Diário de um Bana-na”. A gente leu e fez um diário pessoal. E para completar, após ler a história, assistimos ao filme também. Confesso que gostei do filme, mas gostei bem mais do livro, porque o primeiro filme não me causou aquele impacto como o texto escrito. Aí veio o segundo da série, que acabou ficando abandonado. Cheguei a pensar que não retornaria a essa leitura, até que chegou o dia em que algo mudou a minha vida!

Nesse dia, eu fui à casa da minha madrinha, porque o meu avô, que mora na Bahia, estava lá. Minha mãe e eu fomos visitá-los e resolvi levar o segundo e o terceiro livro dessa série pra me distrair, contudo, quando eu abri o livro, foi uma sensação mágica! Eu não conseguia parar de ler, foi como se a porta do universo da leitura tivesse se abrindo para mim naquele dia. Acho que o que mais me fascina em qualquer livro é o jeito como o autor narra a história, como no caso do “Diário de um Banana”, em que são contadas situações do dia a dia do protagonista, porém contadas de uma forma engraçada e com ilustrações, deixando a história bem dinâmica e divertida. Eu me identificava e me identifico até hoje com alguns episódios dessa narrativa. Além de ser fissurada, é claro, em alguns personagens como o protagonista Greg, que é extremamente engraçado e que passa por situações que todas as crianças e adolescentes passaram ou vão passar. Os personagens secundários também são muito bem desenvolvidos, e a gente fica totalmente capturada pelo enredo. Li todo o livro em um dia e isso me fez querer ler todos da coleção. Fui comprar os outros títulos, mas, como eles estavam com preços absurdos, eu me contive. A minha sorte foi ganhar do quarto ao nono livro de presente, de segunda mão, mas em ótimas condições e com muito carinho e amor, o que foi de extrema importância para mim como leitora que estava entrando recentemente no mundo dos livros.

Ao longo desses quatro anos, eu li diversos livros e descobri vários autores nacionais e internacionais que hoje fazem parte de quem eu sou. Dois grandes exemplos são: As escritoras Paula Pimenta e Thalita Rebouças, essa última é a minha amiga literária na AEL. Eu sou apaixonada pela escrita delas e pelos personagens. Eles são adolescentes como eu, então eu me identifico com o que eles fazem, com o que eles assistem e gostam. Por exemplo, a protagonista do livro da Paula, chamado “Fazendo meu filme”, é a Fani, uma personagem que gosta muito de filmes como eu. É claro que eu me identifico muito com as narrativas. Nelas têm cenários em que a gente vive como: escola, casa etc.

Os livros são quase como uma segunda casa para mim, neles eu me sinto confortável, consigo ver o mundo com uma outra visão e ter compaixão pelas outras pessoas e acho que todos os tipos de livros podem nos trazer algum aprendizado. Em 2022, eu entrei para a AEL Cecília Meirelles, que está contribuindo para a minha trajetória de leitora e tenho certeza de que trará ainda muito aprendizado para minha vida, com as professoras Giselda e Gislaine. Ainda tenho muito a aprender e espero progredir mais como pessoa e como leitora e espero que possamos ter cada vez mais leitores no mundo!



Uma aventura nos ares

Anna Luiza Gonçalves Carvalho, 14 anos

Em 2018, aconteceu um fato que marcou a minha vida. Eu estava muito ansiosa para ir a um passeio de formatura da escola no quinto ano. Nós iríamos a um parque bem distante, cujo caminho tinha muitas árvores e morros.

Quando chegamos lá, fomos direto fazer uma trilha e fiquei imensamente feliz, pois adorava esse tipo de evento. Aventura em meio a natureza era comigo mesma! Ao chegarmos ao final desse caminho, nos deparamos com muita lama, o que me deixou brava por um momento, mas, mesmo assim, foi muito legal, depois trocamos nossas roupas e ficou tudo bem.

Em seguida, vimos uma peça teatral infantil, com um assunto ligado à natureza que tinha tudo a ver com a visita ao parque. Quando acabou a peça, nós fomos até uma ponte suspensa entre duas árvores. Achei que essa atividade seria a melhor parte do encontro, porém o melhor ainda estava por vir. Ainda faltavam tábuas para passarmos, nesse momento fiquei bem tensa, mas logo me soltei, subi até o ponto mais alto e consegui passar. Enquanto atravessava, me deu aquele frio na barriga!

Essas duas atividades (trilha e ponte) não eram o que eu mais esperava nesse passeio, pois tinha da tirolesa que eu queria tanto pular, então fomos em direção a um morro e, quando chegamos lá em cima, dava para ver o parque inteiro. Imagina a minha emoção: foi muito legal ter visto tudo aquilo e, sinceramente, naquele momento, fiquei com medo de pular a tal tirolesa. Contudo, ser humano é um bicho invejoso e depois que vi meus amigos pulando, adeus medo e eu fiquei com tanta vontade de pular, até que, por fim eu consegui! Era uma sensação maravilhosa! Parecia que estava voando sobre o parque e escutando meus amigos gritando meu nome e acenando para mim. Foi muito bom! Jamais pensei que eu, no auge dos meus dez anos, uma menina pequenina, fosse fazer algo tão grandioso, como pular de tirolesa. Até hoje, quando me lembro desses segundos antes do salto, em que eu quase desisti, me vem a minha força interior, me mostrando que posso superar muitos desafios.

Depois, ainda teve um episódio engraçado: eu estava feliz da vida por ter saltado, e os meus amigos começaram a gritar o nome da minha professora, acreditando ser ela que estava atrás de mim. Eu também achava, só que não! Quando essa mulher se aproximou, vimos que não era a nossa professora e foi risada garantida. Por fim, depois de tudo isso, nós fomos embora, foi um dia excelente e uma experiência inesquecível!

O que é memória?

*Ana Luiza Souza Alves, 12 anos
Anny Vitoria Olimpio da Silva, 12 anos
Beatriz Moreira da Silva, 12 anos
Bruna Aysla de Souza Montalva, 12 anos
Jefferson Matheus dos Santos Felipe, 12 anos
Jessica Raquel da Silva dos Santos, 12 anos*

*Joao Paulo Evangelista Garcia, 12 anos
Kaique Guilherme Vasconcellos da Costa, 14 anos
Laryssa Fernandes dos Santos, 13 anos
Luis Felipe Pereira Cardoso, 12 anos
Nicolly Victoria Olimpio dos Santos, 12 anos
Patrick Tadeu Oliveira dos Santos, 12 anos
William Rogério dos Santos Felipe, 13 anos*

Guilherme Augusto Araújo Fernandes - quantos nomes ele tinha!
Esse menino tinha uma grande amiga, Dona Antônia, sua vizinha.
Mas um dia ele descobriu que ela estava perdendo a memória,
E foi ver como podia ajudar aquela senhora a reencontrar sua história.

Guilherme Augusto foi pesquisar a fundo
Foi ao asilo ali do lado e perguntou pra todo mundo
O que é memória? Perguntava por aí,
E reuniu várias respostas, que vamos comentar aqui.

Alguém disse que era algo muito antigo, que você pode partilhar com um amigo,
Então juntamos as nossas memórias de criança, pra cultivar a lembrança:

Um dia bem antigamente
Laryssa quase apanhou na rua
“Pai, vem me ajudar! É urgente!”
Mas a ideia não foi eficiente
O pai dela não quis ajudar
Só a mãe, essa sim, foi atrás pra lhe salvar

João tinha só três aninhos quando fingiu que viu uma barata e ia matar
A prima dele quase morreu de susto
E ele tomou uma bronca que ele sempre vai lembrar

Alguém disse que memória era coisa quentinha
Aquecia o coração e deixava a alma levinha

O abraço da mãe da Bruna
esquenta o mundo
inunda no mesmo segundo
tudo envolta com um calor profundo

A avó da Anny faz a melhor sopa da vizinhança
Não tem como não guardar na lembrança
Os legumes todos cortadinhos
E a panela soltando aquele cheirinho

De quando João era criança
Há um montão de lembranças
Mas uma se destaca, sem semelhança,
É o chocolate quente com gosto de infância

A avó da Juli fazia uma polenta quentinha
Coisa igual naquela época não tinha
Ela amava polenta com carne, queijo ou ovo
Se pudesse, comeria hoje de novo

Quando a Livia era bem pequena
Sua mãe fazia leite quente com canela
Depois, pra temperatura ficar amena,
Ela fechava bem a porta e a janela

Para o Willian, a memória mais quente
Foi o dia que foi pra praia com sua gente
A família reunida perto do mar
E a areia nos pés, a esquentar.

Uma vez a irmã da Ana sentou no chão
E ficou olhando Ana, com um isqueiro a brincar
Criança tem tanta imaginação!
Achando que fosse uma vela, a pequena queria o isqueiro assoprar

Semana passada tava tanto frio
que os queixos das alunas tremiam;
então decidiram vir enroladas na coberta com a carinha bem feliz,
Nicolly, Laryssa e Beatriz,
e assim ficaram o tempo todo na escola
até mesmo na hora de jogar bola

Alguém disse que era algo que faz chorar,
E que, às vezes, a gente cura a dor ao conversar:

A gata do Luiz, coitadinha, se chamava Princesinha.
Um dia ele foi entrar na perua e ela veio junto, ligeirinha.
Então ela foi parar lá embaixo da roda, sozinha.
Ela foi atropelada, mas sobreviveu,
porque a mãe do Luiz veio correndo e a socorreu.
Até hoje o coração do Lu fica apertado
De lembrar de ouvir ela miando de dor, ali do seu lado.

“A casa da árvore”, disse a Bruna, “era meu sonho de criança”,
Que seu avô, Alberto, prometeu que ia realizar,
E nunca sai da sua lembrança,
Que o vovô morreu antes de terminar.

A avó da Jéssica também foi embora cedo
Mas deixou algo bonito como um segredo
Como forma de se despedir de sua gente
Dedicou à sua família sua casa de presente.

Alguém disse que a memória te faz rir
e foi só começar a contar pra todo mundo sorrir

“Olha pra frente, menina, que cê vai tropeçar!”
A Bia nem deu atenção, continuou a andar,
Ela tava mais preocupada com o milho que tava comendo,
Do que com o poste ali na frente, que ela nem tava vendo
Não deu outra: bateu a testa, ficou tudo doendo,
E o pior de tudo: o milho delicioso que caiu e ela acabou perdendo

Essa memória é engraçada, naquele dia tava chovendo...
Nicolly tava andando na calçada, voltando da feira correndo,
Ela sem guarda-chuva pra se proteger
Começou a tentar correr
Mas tinha uma faixa vermelha no chão,
A Nicolly viu? Claro que não...
Escorregou e se ralou todinha,
Quase rasgou sua calça novinha!

A mãe do Jefferson deixou ele esquentar a pizza em banho-maria
Mas ele se distraiu quando estava arrumando a pia,
Ficou lá por um tempão no fogo e a água, é claro, evaporou
E a panela preferida da mamãe estragada ficou.
A mãe, bem chateada, foi lá perguntar o que tinha acontecido
Ele sem saber o que fazer começou a rir, constrangido,
A mãe ficou muito brava e ia jogar o chinelo, mas o Jefferson desviou,
E então foi o irmão dele que uma chinelada na cara levou!

Outro tipo de memória é aquela que vale ouro,
que você não quer esquecer nunca, por isso guarda como se fosse um tesouro:

Ana Luiza estava brincando de corrida com carrinho, ela e seu primo Dudu, no sítio da vovó,
Aí tiveram a brilhante ideia de descer o barranquinho, correndo e gritando, sem dó.
De repente, uma pedra no caminho fez virar o carrinho
e a Ana saiu rolando pelo morrinho.
Não sei como ela não morreu desta vez,
Com essa loucura que a turminha fez,
Aliás, eu sei sim!
Disse a Ana: “foi meu primo atrás de mim!”
A amizade e solidariedade do Dudu a salvaram naquele dia
Apesar de cair e chorar, Ana ainda sorria
Porque ter uma amizade como essa vale ouro, não tem nada igual,
Por nada, nada, nada, um amigo verdadeiro eu trocaria,
E essa história acaba por aqui, tchau!

Reunidos , os acadêmicos da AEL Daniel Carvalho
dançam, cantam, interpretam, criam poemas e novas memórias
ao compartilharem, com amizade e alegria, suas histórias,
quentes, engraçadas, tristes, antigas, que valem ouro - únicas como cada gota de orvalho.

Eu (é que) me lembro

Um pouco da memória sempre é inventado

Maria Rafaela Rodrigues do Espírito Santo, 16 anos
Erick Gonzalez dos Santos, 15 anos
Pamela Vitória de Nova, 17 anos

Stephany Oliveira Rodrigues de Souza, 16 anos
Violeta Ayres Monteiro, 15 anos
(MEMBROS VITALÍCIOS)

Eu lembro como se fosse ontem, daquele último dia
(Eu é que lembro de cada notícia dessa pandemia)

Era bem cedo, umas sete e pouco
(Esse dia, a aula começou às nove e meia)
Eu dormi bem, mesmo com o barulho do tempo louco
(Cheguei atrasado, a professora fez cara feia)

A primeira aula era de educação física
(Eu não gostava de fazer muito “exercício”)
O jogo de vôlei tava difícil
(Eu assustei! com a prova de física)

No fim do dia teve aula de matemática
(Não faz sentido essa matéria)
Calcular a área do triângulo é uma coisa mágica
(Pelamordedeus!, que aula “véia”)

(Tinha que calcular a altura do avião feliz
depois dele rodar até bater num prédio)
O cálculo era sobre os elementos da matriz
Era tão fácil que quase morri de tédio

(Naquele dia, era aniversário dela)
Ele me deu parabéns antecipado
(Mas eu nem fui convidado pra festa)
Era no dia seguinte, ele pensou errado

Eu lembro como se fosse ontem, daquele último dia
(Eu é que lembro de cada notícia dessa pandemia)

(Chegou a notícia pelo zap da Maria)
Veio a professora e dispensou todo mundo
(Eu nem sabia o que significava pandemia)
Eu me senti num buraco tão profundo

Achei que ia durar uma semana
(Eu queria que durasse pelo menos um mês)
(Nos primeiros dias, até achei bacana)
Eu aproveitei pra fazer aulas de francês

Quando passou de um ano,
sabia que nunca mais veria aquela escola
(Quando passou de um ano,
fiquei com saudades daquela escola)

Eu lembro de ver as mortes aumentando
(E eu só lembro da minha prima chorando)
Tomei vacina porque minha mãe me obrigou
(Foi um alívio quando a minha vez chegou)

Eu lembro como se fosse ontem, daquele último dia
(Eu é que lembro de cada notícia dessa pandemia)

*Livremente inspirado na canção
“Eu me lembro”, de Clarice Falcão.*

As trevas que consomem

Raquel Israelly dos Anjos, Sergio, 17 anos

Eu acordei naquela manhã esperando que fosse mais um dia chato, um dia cheio dos mesmos deveres e responsabilidades, da mesma solidão.

Eu não podia sair do castelo e a ironia disso não me fazia rir. Eu nunca esperei que viesse alguém, galante e, em seu cavalo branco, me salvar ou pedir minha mão e me tornar livre, porque ficar no castelo é estar segura.

Porém, aquele dia me prometia algo diferente.

— Princesa? – era minha criada, Joyce. Ela amava formalidades, provavelmente por ser velha demais e odiava quando não eram formais com ela.

— Pode entrar, Joyce. Já terminei de me vestir. – mas eu nunca era formal, e a cara azeda que ela fazia todas as vezes só me motivava a continuar.

Eu faço quase tudo sozinha, tomo banho, me visto e arrumo meu cabelo sozinha. E isso provavelmente seria algo estranho ou um ultraje, mas sou diferente das outras princesas. Eu não posso ser tocada por conta de meus poderes que absorvem sentimentos e dores, e, por conta deles, posso morrer. Como já quase aconteceu. Cada um sofre com o fardo de seus poderes, eu só não vivo por conta dos meus.

— Você tem uma visita marcada para hoje.

— Uma visita?! De quem?! – mal podia conter minha animação.

— Um príncipe, senhorita.

Um príncipe? Por quê?

Não contestei. Arrumei-me rapidamente, o mais bela possível e comecei meu dia. Etiqueta, História, Literatura e então a visita do príncipe. As aulas passaram tão devagar que chegava a ser torturante olhar o relógio e ver que só se passaram cinco minutos desde a última vez que olhei, odiei até a aula de Literatura, que eu amava, por passar tão lentamente. Então, ela acabou e eu levantei rapidamente e fui até a biblioteca, onde foi marcado o encontro. Quase tropecei na frente da porta, que estava aberta, olhei para trás e vi Joyce correndo, não pude evitar a risada. Mas ouvi outra risada e então percebi que tudo isso era observado pelo príncipe que vira minha quase queda e estava se segurando para não gargalhar.

— Ahn... Olá. – morta de vergonha me aproximei, ele ficou em minha frente com a mão estendida em cumprimento. A mão envelopada em uma luva branca, que o cobria só até os pulsos.

— Desculpe-me por isso. – aceito seu cumprimento.

— Achei tudo adorável. - sorriu, evitando uma risada. Tinha um lindo sorriso, lindos olhos verdes, cabelos sedosos e ondulados, era um homem deslumbrante.

— Me chamo Arvit.

— Janeth. Prazer em conhecê-lo, príncipe Arvit.

— O prazer é todo meu. – ainda segurando minha mão, ele se curva levemente para beijar-me. Rapidamente me livrei de suas mãos. Ele fica constrangido e confuso.

— Me desculpe, não quis ofendê-la.

— Me desculpe, Príncipe Arvit, eu não quis ser rude. Eu tenho uma doença que me impede de tocar e ser tocada, tem ligação com meus poderes, e é algo que pode causar graves consequências para mim. – ele ficou surpreso.

- Pensei que soubesse e por isso estava usando luvas.
- Esse é o traje real. Sou obrigado a usar luvas quando tenho que me apresentar com o traje real. – diz corando levemente, provavelmente envergonhado por não saber sobre minha condição.
- Conte-me mais sobre você, o que gosta de fazer em seu tempo livre? – pergunto tentando deixá-lo mais à vontade.
- Gosto de esgrima, corrida de cavalos, de pescar.
- Pesca sem dúvida tem a sensação de adrenalina parecida com seus outros gostos. - brinco. Ele ri e concorda.
- Vou à loucura, literalmente. – rimos.
- Agora me fale sobre você.
- Eu gosto de ler, de escrever poemas e dançar, mesmo que eu não possa ir a muitos bailes. - dou de ombros.
- Gostaria de dançar comigo, princesa? – ele sorri, encantador.
- Agora? Sem música? – ele afirma com a cabeça. — Pareceremos dois bobos.
- Dois bobos juntos.

Coro inevitavelmente:

— Adoraria fazer papel de boba junto com você. – então começamos a dançar. Ele pousa uma de suas mãos em minha cintura e segura minha mão com a outra. Minha mão que não é segurada está sobre seu ombro. Frente e trás, giro e tudo de novo, nos olhando, rindo, sorrindo e corando.

E sua visita termina um pouco depois, com ele tendo que voltar a seus afazeres e eu aos meus.

Os dias passam, todos sendo preenchidos por visitas do homem que me faz corar com poucas palavras e com quem eu não me sinto mais sozinha. Pude sair para os jardins e sentir um pouco do sol junto a ele, pude dançar, pude conversar. Nunca havia me sentido tão bem. Estava sempre pensando nele, ansiosa para encontrá-lo, estar perto e queria compartilhar tudo com ele. Quando ele não podia me visitar, enviávamos cartas. Às vezes, eu escrevia lindos poemas de amor para ele e ele me agradecia com flores. Eu estava apaixonada, cada vez mais, a cada visita, e esperava que ele pedisse minha mão ao meu pai em breve.

Em uma de suas visitas, no lugar de me encontrar, ele foi direto ao meu pai, eu o segui até o salão do trono, esperando ouvir atrás da porta sobre seu pedido de casamento. Conteí aos guardas e eles me deixaram colocar as orelhas nas grandes portas e ouvir a conversa.

Só conseguia ouvir depois de um tempo.

— Tem sorte que tenho muito afeto pela princesa ou seus planos nunca teriam sucesso. Jamais perdoarei a que ponto você chegou para conseguir o que deseja, fez de sua filha uma bomba relógio para ser o rei mais temido de todos os nove reinos. Valeu a pena?

— Muitos se curvaram diante de mim, mesmo aqueles com tropas de milhões porque meu poder era mais forte!

— O poder dela! Como pôde machucá-la desta maneira? Manipulá-la assim? Sua própria filha. - havia desgosto na voz de meu príncipe, tom esse que nunca ouvi sair de seus lábios.

Sobre o que falavam?

— Ela servirá ao propósito que preparei para ela e você me ajudará nisso quando se casar com ela. Você é quem tem sorte, garoto, pois se ela não tivesse afeto por você, já estaria morto, não vê que o prazo do meu feitiço já venceu a semanas? Ela não se lembra porque não quer lembrar, pois está distraída demais pensando em você, do jeito que eu planejei.

— Meu pai o devia ter matado enquanto pôde, no lugar desse acordo fajuto de casamento. Como pode oferecer sua filha como arma para outro reino para impedir uma guerra que você comprou e não pode vencer porque tudo que consegue fazer é apagar a memória dela para não causar destruição como faz todo ano, nem consegue controlar os poderes dela e ainda a chama de arma.

Abro a porta do salão. Os guardas tentam me impedir, mas é tarde. Minha cabeça dói, flashes surgem, de memórias que não me lembro. De guerras que não vi, mortes que não presenciei e dores que não senti. Que não eram para serem minhas, mas eram.

Então, mais um ano de mentiras e memórias apagadas. Mais uma tática de como me usar para seu próprio bem. Eu lembrava de tudo. Até de querer matar o rei.

— Manipulou-me novamente. E agora trouxe até um príncipe para me usar.

— Janeth, eu não tenho nada a ver com isso. Não quero te manipular, eu amo você. — Arvit veio até mim, seu rosto demonstrava medo, só não sabia se era de me perder ou de morrer pelas minhas mãos.

— Calado! — com um sinal de mãos fiz com que se ajoelhasse diante de mim. — Mentiu para mim. E não diga que não porque sei que é mentira. Casaria comigo mesmo sabendo que ele me daria de presente para seu pai usar nas guerras. Eu não sou uma arma, Arvit!

— E eu nunca pensei que fosse.

— Pare, você está aqui com um propósito, acalmar os ânimos dela quando ela toma essa forma cruel das trevas. — disse o rei. — E amolecê-la com seu amor e sentimentos juvenis para enfim controlar o poder devastador que vive dentro dela.

Dor e vozes que querem que eu mate dominam a minha mente, meu corpo.

— Calem-se os dois! — agora o rei também se ajoelhava aos meus pés. — Eu sei porque mente e diz que tenho uma doença, sei porque me tranca. Minhas trevas podem ver através de você quando me toca e é por isso que sempre que apaga minha memória não deixa que ninguém toque em mim. Suas manipulações não têm fim mesmo — forço um riso. — Mas hoje botarei um fim nelas e em você.

Minhas trevas, que saem de minhas mãos o erguem no ar, vou até ele e toco em suas mãos. O tranco é forte, muitas memórias e sentimentos. Vejo uma família feliz, eu, minha mãe e meu pai. Vejo seu reino prosperar, mas o medo e a inveja crescer pelos reinos vizinhos que crescem e prosperam mais. Vejo a revelação do meu poder e os pensamentos malignos dele a partir disso. Vejo a noite da guerra, estávamos perdendo, muitas pessoas morrendo, o reino em chamas, caos! E meu pai mandando seu inimigo para matar minha mãe e então despertar o meu poder. Ódio, dor, matei todos, meu poder surgiu junto com a ruína do reino inimigo. Venci a guerra. Sangue para todo lado, eu ainda queria mais. Primeiro apagão. Vi todos, todas as vezes que eu lembrei ou que descobri que toquei alguém, todas as vezes que ele errou e eu destruí tudo, todas as vezes que ele aprendeu com o próprio erro.

Solto ele e cambaleio para trás. O ódio crescendo, a dor dominando. Ele matou minha mãe para me ter como arma! Descontrole. Sinto as trevas me dominarem, ouço gritos abafados, sinto gosto de sangue. Meus olhos se descobrem e tomo o controle, ofegante. Tem sangue em minhas mãos, em meu rosto, em meu vestido. Olho para o corpo em minha frente e meu peito dói, as lágrimas quentes caem.

— Arvit... - seguro seu corpo desfalecido contra o meu e choro até meus olhos doerem. Olho para ele, acaricio seu rosto manchado de sangue e deixo um beijo em seus lábios, podendo ver que ele havia descoberto o plano de nossos pais pouco antes de falar com o rei. — Eu também te amo, meu príncipe.

Sinto uma mão em minha cabeça e sei que é meu pai, sei que vai apagar minha memória e deixo, pois a dor que carrego é impossível de suportar.

— Pai? — acordo pela manhã, outro dia, novamente sozinha, outro dia chato e rotineiro como todos, porém não achando ruim e pensando na seguinte frase: “Nossas memórias são como o oásis de nossas vidas, a esperança em meio ao deserto de decepções, às vezes elas desaparecem, mas voltam e nem sempre as queremos de volta”.



Minha melhor lembrança

Gabriel Gallo Gasalbez Dias, 10 anos

Uma das lembranças que marcaram minha vida foi quando fui à praia com meus amigos e meu irmão, passamos um fim de semana muito divertido.

Sabe aquele momento em que bate a dúvida? Foi assim comigo, não queria ir, mas na última hora arrumei minha mala e fui, achando que ia me arrepender, pois não tinha videogame nem internet, como viver sem isso? Como sobreviveria sem tudo isso?

Enquanto seguia, pensando no que havia deixado em casa, comecei observar as paisagens pela janela do carro, era tudo tão lindo, real, diferente de tudo que via na internet.

Quando chegamos, sentindo a brisa do mar, percebi que tinha feito a escolha certa. Quando pisei na areia e vi o mar, a emoção tomou conta de mim, jamais esquecerei esse momento.

Minha primeira viagem de avião

Julia Maria Almeida Marques, 12 anos

A minha primeira viagem de avião foi para Porto Seguro (Bahia), minha mãe disse que iríamos eu, minha vó, minha tia e ela. Ficamos lá por uma semana, no mês de agosto, foi simplesmente incrível.

A sensação do avião subindo é uma delícia, dá um frio na barriga supergostoso, juro!

A coisa que eu mais gostei foi ter olhado o pôr do sol com meu amigo (que inclusive conheci lá), não lembro o nome da praia em que estávamos, mas era linda, tinha um monte de caranguejo, era cheia de pedras e areia, claro. Ver o pôr do sol lá é muito, muito bonito! Eu simplesmente amei!

Eu também comprei uma bolsinha em um dos passeios que proporcionaram, superbonitinha, de pano e colorida. Nesse passeio, também provei cacau puro, sinceramente, não gostei não, sei lá, o gosto é estranho.

E, na volta, pude aproveitar novamente o voo de avião.

Quando eu conheci minha cachorra

Katarina S. Yoshida, 12 anos

Quando eu tinha 8 anos, meu pai me mostrou uma foto de vários cachorros que eram brancos e marrons, e apenas um era branco e preto. Meu pai perguntou:

“Qual você mais gostou?”

Eu escolhi o branco e preto. Após alguns dias, fui para a casa da minha mãe no fim de semana, e quando voltei para casa, a grande surpresa! Meu pai abriu a porta e disse:

“Olha dentro do quarto da bagunça!”

Eu olhei e não tinha nada, mas reparei meu pai olhar embaixo da mesa e quem estava lá? Sim, a minha nova cachorrinha junto com sua irmãzinha, que ficou conosco uma semana para depois ir para uma nova família.

Acho que depois que ela veio, eu fiquei muito, muito mais feliz. Depois dela, veio a outra cachorrinha, mas essa é outra história.



O dia em que fiquei presa na geladeira

Anna Clara Santos de Brito, 11 anos

Era um sábado, como todos os outros, e dia de limpeza na casa de minha avó. Minha mãe e meu pai estavam trabalhando e, por isso, sempre me deixavam por lá. E eu adorava.

Eu tinha, nessa época, por volta de seis anos e vivia explorando os lugares da casa de vovó. Cada cantinho tinha sua magia.

A faxineira limpava o chão, ajeitava os móveis, lavava os tapetes e minha avó andava pra lá e pra cá, organizando a casa.

Eu brincava no quintal, corria atrás do gato da vizinha que tinha pulado o muro, colhia plantinhas e percebi, num dado momento, perto do tanque, uma porta que nunca tinha visto. Onde será que ia dar? Resolvi abrir, entrei, fechei e fiquei lá dentro. Era uma geladeira que estava desligada.

Fiquei lá por algum tempo e não conseguia sair. Comecei a chorar e ficar sem ar. Não tinha como me mexer muito, mesmo a geladeira estando vazia. Não ouvia ninguém e não sabia se estavam me procurando.

Comecei a gritar:

— Socorro!!! Socorro!!!

Ninguém me ouvia. O tempo foi passando e eu ficando sem ar.

Quando já não aguentava mais chorar, minha avó abriu a geladeira e, desesperada, disse:

— Anna, minha neta, ainda bem que te encontramos! Já faz um bom tempo que estamos te procurando. Fomos à mercearia, às lojinhas do bairro e pelas ruas procurando por você e, quando voltamos pra cá novamente, ouvimos seu choro aqui na geladeira! Graças a Deus que está bem!

Respirei aliviada e recebi muitos abraços, um bom prato de bolo, chocolate e suco.

Depois de ficar mais calma, paparicada e alimentada, minha avó olhou pra mim bem séria e disse:

— Nunca mais faça isso, Anna! Você é muito preciosa para nós todos!

Eu respondi que sempre, a partir daquele dia, olharia bem os cantinhos por onde passasse e ficaria bem longe de qualquer porta que encontrasse.



DRE

Campo Limpo



Memórias de um desejo presente: Ler

Carlos Eduardo Bueno Vieira, 10 anos
Christopher Barbosa de Albuquerque, 10 anos
Enzo Amorim Bananeira, 10 anos
Gabriel da Silva Fernandes, 10 anos
Gabriell Pereira Santos, 10 anos

Lorenzo Veloso Marques, 10 anos
Miguel da Silva Fernandes, 10 anos
Sarah Lima Ribeiro, 10 anos
Theo Farias Ignacio de Souza, 10 anos

Entender, estender,
Aprender, erguer,
Saber, escrever,
Ver diferente,
Para estar sorridente
E sempre contente.
Voar na imaginação,
Dentro do coração.

Para ver certo, para se informar,
Para levar e trazer o mundo dentro de si.

Praticar, armazenar,
Olhar, soletrar,
Armar, respeitar,
Saber votar e amar
Relembrar o que se viu
Gravar o que se vê,
Soar o que se sente
Marcado na memória e no papel.

Para sentir, para seguir a vida,
Para ser feliz aqui e agora, e lá e depois.



O passeio inesquecível...

Geovana Lorany, 13 anos

Eu me lembro que a escola estava planejando uma excursão para o Rincão.

Lógico que eu iria! Minha professora falou que era para estarmos na escola às 6h00. Eu já estava muito ansiosa para ir, dormi cedo e acordei na hora certa e já fui para a escola, porque, como disse, já estava ansiosa para ir para o passeio.

Cheguei à escola um pouco atrasada, não sei como pude fazer isso, e o ônibus já estava saindo. Entrei no ônibus e sentei no meu lugar, demorou duas horas para chegar lá.

Assim que chegamos, nos divertimos muito, brincamos muito nas piscinas, tobogã, e na piscina de ondas.

No fim da tarde, hora de ir embora, nos arrumamos, entramos no ônibus e retornamos.

Mas, quando nós passamos pelos trilhos do trem, estava vindo um trem, bem devagar. O motorista do ônibus achou que daria para passar, mas, infelizmente, o pneu do ônibus ficou preso no trilho e o trem bateu em nós!

O motorista ficou um pouco ferido, mas, depois, ficou bem. Como tinha outro ônibus, fomos transferidos para ele e, depois desse dia, nunca mais esqueci deste passeio.

As lembranças são muitas, mas da alegria para o sentimento de desespero e medo, este passeio foi inesquecível!

Memórias

Agatha Costa Sales, 13 anos

Eu tenho memórias, memórias gigantes, como o Monte Everest.

Eu tenho lembranças únicas, tristes, felizes e tantas mais...

Eu achava que as memórias poderiam ser modificadas até eu tentar e... adivinha? Eu não consegui...

Eu consegui chorar, sorrir de canto, sentir raiva e uma mistura de sentimentos que eu não havia sentido até aquele momento. E, assim, eu criei outra memória.

As memórias proporcionam sentimentos únicos. Claro, podemos reviver experiências, mas os sentimentos não.

Isso me lembra uma peça que encenamos, aquela peça... Saltimbancos.

Óbvio que nós, diariamente, não iremos ver ou ouvir “au,au,au, hi,ho,hi,ho, hi, ho, miau,miau, miau ou cocoricó”.

Óbvio que não iremos escutar crianças cantando “Todos juntos somos fortes, somos flechas, somos arco, todos nós no mesmo barco, não há nada a temer”.

Ok! Nós até poderíamos apresentar, novamente, mas será que iríamos sentir a mesma magia de antes?

“Oh, meu Deus! Que nostalgia!” Seria com toda certeza uma das frases mais ouvidas...

Nossas memórias podem acabar sendo esquecidas, mas ninguém esquecerá os “juntos atacamos, sem medo!” que o jumento falou.

Essa é a graça da memória, lembrar estes momentos mágicos que um dia vivemos.

Peço a todos que vivam intensamente e criem lindas memórias, nas quais a saudade não se torne tristeza e proporcione-lhe um grande sorriso, como o de uma criança ao ver um doce gigante.

Memória é uma memória e, meus queridos leitores, senhores, senhoras e ouvintes, eu as chamo de “um bicho só é um bicho, agora todos juntos: Somos fortes!”.

Eu não me lembro de tudo, mas o tudo que me lembro é único!

Escrito por uma garotinha que acredita que as memórias são como sonhos inesquecíveis!

Uma lembrança que chega até o céu

Ana Beatriz da Silva Santos, 13 anos

Uma grande lembrança foi eternizada, nossa conexão era de outras vidas, para quem acredita... para quem não acredita, uma memória.

Chorei... A saudade não passa de um dia para o outro, pode ter certeza!

A gente cantava e cantava...Ouvia o som do tambor e eu ia para a imaginação, ouvir-te cantar era tão bom!

Sorria e esquecia do tempo, esquecia até das maldades do mundo sobre nossa religião...

Ah, a nossa religião... se tivessem um pouco de conhecimento sobre o que seguimos. E foi assim que nos conectamos, era lindo ver seus olhos brilhando por tudo aquilo que nós víamos, era gratificante dar-te o último adeus.

Sorri demais, assim como chorei por sentir sua perda. Mas todas as nossas lembranças serão guardadas em minha mente, assim como seu sorriso e abraço, sim eles são minhas melhores lembranças.

Minhas lembranças

Michell da Silva Anunciação, 13 anos

Um dia antes do aniversário de meu pai, eu estava bem. No outro dia, minha barriga começou a doer e minha mãe me levou para o hospital...

Os médicos falaram que meu apêndice estava quase estourando. Eu podia ter morrido, mas, graças a Deus, eu sarei e estou bem até hoje.

Eu sou grato por ele ter me ajudado, na verdade, me deu outra vida. Aliás, não era a primeira vez que operava. Quando eu nasci, fiquei muito tempo na UTI, tive que operar, nem sei o quê, mas tudo correu tudo bem, graças a Deus, mas, depois de tudo isso, estou bem e, hoje, eu vivo como se não tivesse acontecido nada!

Essas lembranças só servem para eu valorizar minha vida, ainda mais!

Meu primeiro beijo

Guilherme de Lima Teles, 13 anos

Meu melhor beijo foi com uma menina que era de minha sala. Ela sentava na primeira cadeira, do lado da porta, tinha cabelo cacheado e curto e era baixinha. Foi no sétimo ano, em um dia de prova, que eu decidi me aproximar dela e dizer um “oi”. Eu a chamei, e ela respondeu “oi”.

Foi com uma menina chamada Gabriela. Eu era apaixonado por ela desde o início do ano, só que era uma pessoa muito fechada e nunca tive coragem de dizer a ela, mas, no sétimo ano, na semana de prova, decidi falar com ela...

Foi algo simples, mas por ser a primeira coisa que ela me disse, eu fiquei muito feliz. Decidi tocar no assunto da prova e ela falou que estava muito ansiosa, e eu também falei que estava preocupado e achava que tiraria uma péssima nota e, sim, foi exatamente isso que aconteceu: tirei um três e a menina que eu gostava também tinha tirado uma nota ruim.

No dia seguinte, o professor disse que, na outra semana, daria uma nova prova de recuperação. Assim que o professor disse isso, a menina de cabelo cacheado e curto gritou meu nome, eu virei meu rosto e respondi “oi”! Ela me puxou e perguntou se eu queria estudar para a prova junto com ela. Sem pensar duas vezes, eu falei que sim e, até chegar o dia da grande prova, eu ficava com ela até tarde, estudando na escola.

Eis que o grande dia chegou, estávamos muito confiantes. O professor já chegou na sala entregando as provas, foi aí que o frio na barriga bateu. A única coisa que passava na minha cabeça foi “e se eu não conseguir”?

Enquanto eu fazia a prova, eu lutava para não pensar nisso. Eu fui o último a entregar a prova e, no mesmo minuto, o professor já começou a corrigi-las.

No final do dia, ele me entregou a prova. Eu e minha parceira decidimos ver as notas juntos. Quando saímos da escola, nos sentamos em um banco de frente para o parquinho. Eu abri a prova dela e ela abriu a minha. Assim que eu abri, eu gritei: “Parabéns, você tirou dez!”. Ela gritou: “Você também tirou dez!”.

Quando ela se virou, nesse momento, nós ficamos cara a cara e, na hora, com o calor do momento, eu a beijei e ela aceitou. Depois, ficamos envergonhados, mas aquele beijo foi o meu primeiro beijo e o melhor momento da minha vida!

Ah, memórias... como essa, não podem ser esquecidas!

Férias, viagem, tudo são memórias...

Cauã Santos Martins, 13 anos

Quando eu era pequeno, meus pais viajavam e sempre faziam paradas. Nesse momento, eu brincava muito porque tinha brinquedos. Eu gostava bastante de brincar e ficar com minha família.

Certa vez, fomos para Aracaju nas minhas férias, foi muito legal! Quase todo dia eu ia para a praia, meu pai arrumou um hotel para nós ficarmos, mas, sem querer, escolheu o mais caro porque tinha piscina e foi muito bom!

Essas férias foram as melhores férias de todas, fomos para muitos lugares legais, passeamos de lancha, que foi a melhor parte do passeio, o problema é que tinha muitos pernilongos.

Foi inesquecível por ser a minha primeira viagem de avião!

Uma das melhores partes foi a comida e as sobremesas, eu amei, nenhum dia tinha comida ruim, além do café da manhã, que tinha de tudo! Engraçado, como nossa memória tem gosto e cheiro, lembro-me de tudo e já me dá água na boca!

Aracaju é tão quente que eu tinha que tomar muito sorvete, pois era muito refrescante, além de açaí, geladinho etc.

Se é para ficar na memória, com certeza esta viagem ficará para sempre. Hoje, sou grato aos meus pais por estes momentos inesquecíveis!



Poeta

Deivid Figueiredo, 15 anos

A poesia, de paraquedas, caiu
na minha vida.
E me tornar poeta veio, de repente
em seguida.
De um a quarenta poemas no insta, impressionante
como vários me apoiaram nessa escolha
repentina.

É engraçado,
Na poesia descobria um novo mundo
De poeta, poetas e poesias.
Cada qual, coisa mais linda.

Incrível como passam
No papel sua vida em letras:
Suas histórias e vivências,
Alegrias, raivas e tristezas.

Isso é poesia, é cultura!
E o trabalho do poeta é
A expressão disso com poemas a
Sua altura.



A casa da infância

Alan José de Freitas da Silva, 14 anos.
Ana Luiza Santos Rocha, 11 anos
Anna Beatriz Braga Lopes, 12 anos
Camila da Cruz Araújo, 13 anos
Evelyn Gabriela da Silva, 13 anos
Fabio Junio Goes Bueno dos Santos, 14 anos
Filipe Gabriel Pereira Neves, 13 anos
Izabella Vagonete dos Santos, 13 anos
Jennifer Santana Sena, 14 anos

Juan Rodrigues Lima, 13 anos
Julia Vitoria Silva de Oliveira, 15 anos
Karina Sara Silva Rodrigues, 14 anos
Khaue Henrrique Marcondes de Oliveira, 15 anos
Kimberlly Lisboa Almeida, 15 anos
Maria Luiza Soares de Oliveira, 14 anos
Mariana Santos de Campos, 14 anos
Pietro Moura Lira Santos, 13 anos
Stefany Cristina da Silva Santos, 13 anos
Yasmin Pereira de Moraes, 13 anos

Dias desses, ao levar um amigo até sua casa, depois do trabalho, passei em frente à casa onde morei a maior parte da minha infância. Parei em frente, numa mistura de satisfação e nostalgia. Lá estava ela! Bem diferente, mas muito havia do que antes fora: a janela do meu antigo quarto e do meu irmão, ao lado da vidraça da sala. Quanto momento alegre vivi naquela sala, naquele quarto... enfim, naquela casa.

Minha família sempre foi muito unida e fazíamos tudo juntos, da conversa à noite, à mesa do jantar, quando era possível estarmos todos em casa, o pai e a mãe que vinham do trabalho e meu irmão mais velho da faculdade, até a faxina semanal da casa.

Quando sentávamos à mesa para o jantar, era a hora de cada um contar o que se passara em seu dia. Geralmente, quem mais tinha coisas diferentes para contar era meu irmão, pois sempre contava vários detalhes sobre as aulas, o caminho no ônibus e metrô até lá, os professores, os colegas, as suas paqueras e toda vez gostava de exibir os mínimos detalhes. Digo exibir porque achava ele exibido mesmo, só porque já estava na faculdade, enquanto eu, com meus tenros onze anos, na quinta série. É que, como minha avó dizia, eu era o “temporão” ou a “raspa do tacho” da família porque nasci muito tempo depois dele.

Meu pai contava mais ou menos as mesmas coisas todos os dias porque dizia que lá na fábrica não aconteciam muitas coisas diferentes. Então, para não ficar fora da conversa e porque minha mãe insistia que todos tinham que contar sobre seu dia, às vezes, parecia que estava contando coisas que já havia acontecido. Mas, com um bom humor inigualável, sempre sobravam boas risadas de todos nós, enquanto ele falava, com a voz solene de sempre, “mais um dia na fábrica”, como costumava iniciar sua explanação. Falava sobre como se divertia lá, como seus colegas de trabalho que mais pareciam amigos, tanta era a intimidade que traz vinte anos na mesma empresa. Eu ficava ouvindo atento, como se já guardasse o riso pra soltar na hora certa e ficava imaginando que,

talvez, um dia, eu pudesse ser feliz assim, no meu trabalho, com um monte de amigos e uma rotina divertida, como a de meu pai, apesar de perceber, mais tarde, como se cansava lá, no trabalho.

Quando chegava a vez da minha mãe, ela falava do seu dia no salão de beleza onde trabalhava, com um jeitinho carinhoso de contar sobre cada cliente das quais fazia as unhas. Elogiava seus pés ou as mãos, que, lógico, ficavam mais bonitos depois que ela os fazia. Elogiava seus cabelos bonitos, as roupas elegantes, ou a sua maneira de tratar os funcionários e as funcionárias do salão. Às vezes, apareciam umas pessoas que não eram muito legais, mas aí ela preferia não ficar contando sobre elas e explicava que nós sempre devemos buscar enxergar somente as qualidades das pessoas.

Na minha vez de contar, eu tinha que pensar nos detalhes das conversas nas aulas, das lições que a professora passava, da hora que a minha vó ia me buscar na escola, nas coisas que fazia na casa da minha vó durante o dia, até a hora que minha mãe ou o meu irmão (quem chegasse primeiro) fosse me buscar. Gostoso era quando tinha alguma coisa diferente para contar, tipo um passeio, uma aula diferente ou quando minha vó me deixava brincar um pouquinho na rua. Aí, eu olhava para o meu irmão para ver a reação dele. Geralmente, ele nem ligava muito. Um dia inventei de contar sobre a avó ter me tirado do sofá quentinho para fazer uma faxina e que me sentia como se tivesse indo para a guerra. Quis parecer engraçado, mas minha mãe disse que eu precisava ajudar mesmo, pois ela já estava idosa e era bom que tivesse ajuda.

Agora, parado em frente a essa casa, sei o quanto tive uma família unida e uma infância feliz.

Só mudamos daqui quando meus pais, depois de muito economizarem e juntarem o dinheiro, conseguiram comprar a nossa casa própria.



DRE

Capela do Socorro



Memórias em meu cérebro

Beatriz Pardinho Lourenço de Almeida, 13 anos

As memórias são pequenas histórias
Guardadas em nosso cérebro

Mas quando alguém as bagunça,
Ah... são como a cena de um crime
É uma briga para solucionar.

Tenho medo de bagunçá-las
Porque assim elas virão me atormentar!

Memórias que assustam

Beatriz Pardinho Lourenço de Almeida, 13 anos

Tenho medo do que esconde as noites escuras,
e do que guarda a mata fechada.

Mas em minha cabeça,
minhas memórias me assustam

Bem mais que qualquer noite escura,
muito mais que qualquer mata fechada.



Viagem inesquecível

Isaac Gilmar B. da Silva, 13 anos

Quando era menor, com cerca de nove anos de idade, fui para Pernambuco ver a minha avó. Lá conheci alguns primos que nunca havia visto antes, me diverti muito com eles, nós brincávamos na rua sem preocupação, pois lá praticamente não passava carro e, se passasse, era ônibus de turismo, que quando vinha dava um banho de barro na gente.

Também brincávamos numa quadra que ficava atrás da casa da minha vó. Quase todo dia assistíamos a filmes que a minha prima tinha. Quando chegou o dia de ir embora, fiquei um pouco triste, mas não deixei de aproveitar cada segundo do último dia, brinquei o máximo que pude e devorei as comidas gostosas que minha avó preparava. Na hora de ir, não pude esconder minha tristeza, mas também estava ansioso para chegar em casa e contar tudo à minha mãe.

Lembrança de criança

Isaac Gilmar B. da Silva, 13 anos

Quando pequeno
Gostava de sonhar
Amava imaginar
Lembro até hoje
Com minha bicicleta brincava
Em volta da mesa, da cozinha
Eu girava e girava
Com minha bicicleta imaginava
Um lugar muito bonito
Principalmente divertido
Era mais que imaginação
Um sonho, de fato.

Meu primeiro dia de aula

Larissa Rodrigues Mata, 13 anos

Não lembro o dia, mas lembro das situações que passei nesse dia.

Fui de ônibus escolar. Na ida, eu já tinha feito uma amiga, que era da minha classe.

Subimos juntas pra sala, só que como a gente não tinha lembrado qual sala era, fomos pra uma sala sem saber se era lá. Depois de um tempo, percebemos que nossos nomes não estavam na chamada, então falamos pra professora, que nos levou pra nossa verdadeira sala.

Quando chegamos lá, havia duas carteiras vazias, uma perto da outra, sentamos lá e fizemos amizade com outra menina.

Mantivemos contato até o 6º ano, depois nunca mais vi nenhuma das duas.

Depois de um tempo, comecei a receber livros da escola, na época eu só guardava, mas, depois, comecei a perceber que todas as minhas amigas já tinham lido a maioria dos livros, isso me mostrou um novo caminho.

Minha mãe sempre fala que cada livro abre uma porta. Então resolvi ler. Foi quando li um livro chamado “Pippi Meialonga” e comecei me inspirar mais nos livros. Na época, eu amava desenhar, então, eu usava a minha imaginação.

Após muitos anos (no caso agora), percebi que a minha amiga Letícia tá participando da AEL. Quando eu descobri, decidi participar, afinal eu adoro ler.

Quando entrei na AEL, falaram para escolher um autor que a gente goste da escrita e da maneira que escreve. Eu escolhi o autor Rodrigo de Oliveira, porque amo terror em geral e a forma como ele escreve, ou até mesmo explica, me chamou a atenção. Hoje amo livros.

Sonho possível

Kaiky Ramos Dos Santos, 13 anos

Quando eu tinha mais ou menos 9 anos de idade eu catava latinhas, eu tinha pensado nisso porque eu tinha um sonho de ter um notebook.

O meu antigo padrasto me ajudou muito quando tomei essa decisão, ele trabalha em feiras de exposições e lá havia muitas latinhas, e ele me ajudava pegando para mim. Ele levava lá pra casa e eu ficava um bom tempo amassando-as, quando ele tinha tempo, ele me ajudava, mas quando não tinha, eu fazia às vezes sozinho, meus primos iam para casa e me ajudavam, e a minha irmã mais velha também.

Com o dinheiro das latinhas, eu ajudava minha mãe com as coisas de casa, e toda vez que eu entregava o dinheiro para minha mãe, ela dizia que iria me devolver depois, mas eu não pedia, e ela me devolvia.

Até que um dia eu consegui juntar 600 reais, eu fiquei muito feliz com aquela quantia que eu tinha, minha mãe me levou até uma loja para eu comprar o meu querido notebook, o que eu gostei na loja era um notebook de 1.800 reais, mas eu só tinha 600 reais, eu até pensei em escolher outro mais barato, mas a minha mãe disse que ia pagar o resto para mim, eu fiquei muito feliz.

Eu o levei para casa e o configurei todo com a ajuda da minha tia, minha mãe e minha vó, até hoje eu tenho o meu notebook.

Tenho 13 anos e, atualmente, estou pesquisando como me preparar melhor e ganhar dinheiro, fico de olho nos cursos de Jovem Aprendiz. Essa é a minha memória. Obrigado ao leitor que chegou até o fim!

Minha agenda

Mariana Moreira dos Santos, 13 anos

Costumo dividir minha vida como se fossem agendas, ou seja, são 13, minha idade. Algumas vezes, resolvo abrir uma ou outra em determinados dias e meses. Admito que algumas anotações me trazem cheiro de nostalgia, outras me fazem sorrir e outras me fazem triste. Abro a agenda de 2009, exatamente no dia 08 de janeiro, uma quinta-feira, lá está registrado o dia da minha estreia no mundo.

Dentre as minhas anotações, está cada momento único da minha vida. As viagens, as festas, as altas gargalhadas com pessoas que me fazem sentir bem, os finais de semana com os familiares ou com os amigos e todos os outros momentos especiais pelos quais eu passei. Assim como teve momentos bons também aconteceram momentos ruins, tristes ou desconfortáveis; brigas, perdas, oportunidades desperdiçadas, uma pandemia e algumas outras coisas...

Não pense você que isso foi tudo o que aconteceu na minha vida, seja bom ou ruim. Porém, para mim, os piores momentos pelos quais eu passei foram durante e depois da pandemia da COVID-19, quarentena, milhares de mortes, uso de máscara, comércios fechados, crises econômicas e principalmente as sequelas que esses acontecimentos causaram em milhões de pessoas, como ansiedade, depressão, crises, insônia, medo, inseguranças, autoestima baixa, etc.

Guardo, de forma muito especial, anotado, todos os lindos momentos que passei ao longo desses 13 anos. Lembro-me de cada momento especial com pessoas especiais, mesmo que já tenham partido da minha vida.

Os dias passam, sigo minhas anotações...

De volta ao passado

Isabela Acácia Lessa, 13 anos

Caro amigo, preciso te contar algo, uma memória que tenho que é inesquecível!

O ano era 2015, eu e minha família viajamos para Goiás (Caldas Novas), era o nosso primeiro dia lá, lembro que estávamos no quarto de hotel, quando minha mãe apareceu e perguntou a mim e ao meu irmão se queríamos dar uma volta. Ficamos empolgados e fomos atrás da minha irmã e da minha vó, então fomos todos nós para a piscina, colocamos nossos pezinhos na água e ficamos conversando bastante, ríamos muito das palhaçadas que minha irmã fazia.

Um tempo depois, fomos tomar sorvete e tiramos várias fotos, foi divertido... E muito.

Eu faria de tudo para voltar no tempo e viver essa memória de novo. Depois do

sorvete, voltamos para o quarto e fomos dormir. Não só aqueles dias, mas os próximos 3 dias depois foram inesquecíveis.

Infelizmente, nunca mais voltamos para Goiás, mas pelo menos tenho essa memória guardada dentro de mim. E eu espero nunca esquecê-la.

DRE

Freguesia / Brasilândia



Os amores de João

Arthur Almeida Rezende

João sempre estudou na Escola Estadual Vila Penteado II, porém, lá só tinha o Ensino Fundamental I, que ia do 1º ano até o 5º ano. Após concluir o 5º ano do Ensino Fundamental I, ele foi transferido para uma escola chamada EMEF Prof.^a Cecília Moraes de Vasconcelos, para completar o seu Ensino Fundamental II, lá iniciou no 6º ano e atualmente se encontra no 9º ano. Ele sabia desde o começo que, a partir do 5º ano, teria que trocar de escola, porém, no lugar de se preocupar com isso, decidiu aproveitar os cinco anos na escola antes de ser transferido.

João se apegou bastante à rotina da escola Vila Penteado II e estabeleceu laços de amizade muito fortes. No 1º ano, conheceu a Ana, no começo ele queria “ficar” com ela e decidiu se aproximar. Com o passar do tempo, conseguiu conquistar sua amizade e confiança, João e Ana se aproximaram bastante, o fazendo perceber que, na verdade, a amizade foi mais forte e ao invés de ficarem, se tornaram melhores amigos. Após três longos anos de amizade, já no 3º ano, Ana chegou e disse a seguinte frase a João:

— Meus pais decidiram me tirar da escola.

— Como assim? Do nada? Qual o motivo disso? Questionou João.

Ana respondeu:

— Eu também não sei o motivo, mas, a partir de amanhã, irei para outra escola.

João ficou magoado, mas decidiu que não ia se deprimir no último dia que teria a oportunidade de ver a pessoa mais importante para ele. Juntos brincaram e se divertiram como nunca. No final do dia, choraram muito ao se despedirem. Após a saída de Ana da escola, João mudou bastante, continuou com suas outras amizades, porém, nunca se esqueceu de sua grande amiga.

Terminou o 2º ano que faltava para ele ser transferido de escola e, no final do seu último ano, mais uma cena de choro se apresentou no palco da vida desse rapaz, pois se separou de vários amigos que tornaram sua vida diferente e iriam deixar muita saudade. Após as despedidas e falas chorosas, ele entrou de férias, aproveitando para repor suas energias, pois no 6º ano não teria moleza, as exigências viriam com mais força.

Voltando à realidade e iniciando o ano letivo, João seguiu para a nova escola. No seu primeiro dia de aula, ele foi desanimado porque não conhecia ninguém e não estava a fim de se enturmar. Logo que ele entrou na sala e reparou as pessoas, começou a sorrir e ficar animado, pois reconheceu sua primeira amiga. Sim, meus caros leitores, por ironia do destino, ele reencontrou com sua melhor amiga, Ana. João ficou muito feliz e alegre, sentou-se atrás da Ana e colocou os papos em dia; matou a saudade e sua alegria voltou. Ana já tinha alguns amigos e os apresentou para o João, eles se chamavam: Pedro, Michele e Kelly. Assim que João bateu os olhos na Michele, se apaixonou completamente, foi amor à primeira vista.

João se enturmou durante cinco meses, assim que ele já tinha um pouco mais de intimidade, decidiu “dar em cima” da Michele, porém ele nem sequer imaginava que a Michele fosse osso duro de roer - seria uma batalha conquistá-la, pois Michele só confiava na Kelly que, por acaso, era sua prima e, por razões de afinidade, Kelly nunca gostou do João, implicando diretamente na possível relação dos dois, sem contar que a Michele literalmente tinha um coração de pedra. Mas João não hesitou em investir na conquista e logo tomou um fora bonito da Michele, magoou-se muito, porém nunca desistiu.

Após dois anos vivendo um amor incorrespondido, Michele percebeu que João estava realmente apaixonado por ela e decidiu dar uma chance para os dois – quem sabe não nasceria um amor verdadeiro. E foi isso que ela fez, deu uma chance para o João, ele ficou muito feliz, mas a Michele continuava a não confiar em ninguém. João teria a missão de dar-lhe segurança. O casal namorou durante quatro meses. Nos três primeiros meses, estava tudo indo bem, até o João conhecer uma “tal” de Larissa, se encantando pelo brilho que reluzia dela. Como um galanteador, João quis se aproximar e, assim, se tornaram amigos próximos, claro que havia interesse além da amizade. Após um tempo, a amizade foi se transformando num sentimento diferente, algo que João jamais havia sentido por alguém, porém, guardou tudo para si, pois não sabia o que a Larissa pensaria sobre isso, por conta de ele estar em um relacionamento sério com Michele.

Um certo dia, João foi para escola e viu que sua namorada havia faltado, até então, seu dia prosseguiu normalmente, mesmo sabendo que todos da escola sairiam mais cedo, às 16h. Ao sair da escola, João ficou conversando com Larissa por um tempo e, no momento da despedida, rolou um selinho naturalmente entre os dois. Depois do selinho, ambos ficaram sem palavra e em silêncio foram para suas casas.

No caminho, João encontrou Michele, Kelly e Alan na viela. João perguntou:

— Oiê, o que vocês estão fazendo aqui?

Michele respondeu:

— Estávamos na casa da Kelly e descemos para ver o povo da escola.

João respondeu:

— Ah tá!

Michele convidou João para ir até a casa da Kelly, João aceitou o convite, porém, antes foi pedir autorização para sua mãe que o deixou ir. Eles foram para a casa da Kelly e ficaram conversando. Durante a conversa, João se pegou pensando e sentiu um peso na consciência, pois querendo ou não, havia traído sua namorada. O peso na consciência foi tão grande que ele decidiu ir até a casa da Larissa e falar com ela sobre o que acontecera e que tal situação não poderia se repetir. Então, em questão de segundos, mandou mensagem marcando um encontro e logo inventou uma desculpa para sua namorada, dizendo que precisava ir para casa. Como não queria ir sozinho encontrar a Larissa, resolveu chamar seu amigo Kaio para acompanhá-lo. Ao chegarem no local marcado, Larissa já estava esperando no portão. João conversou com ela e explicou a situação, Larissa compreendeu e agradeceu por sua sinceridade, mas antes de o João ir embora, não resistiu e rolou outro selinho entre os dois, pois os dois estavam completamente apaixonados. Após o selinho, João foi embora e voltou para os braços da Michele. João e Michele aproveitaram o fim da tarde e um pedaço da noite juntos, quando decidiram que já era hora de irem para suas casas. João deixou Michele na residência dela e logo se dirigiu para sua.

A noite se esticava e, deitado em sua cama, João sentiu ainda mais o peso na consciência - ele estava dividido entre as duas meninas e, em meio à confusão de sentimentos, decidiu que iria ficar com a Larissa, pois ele sentia algo a mais por ela, em vista do que já tinha por Michele. Logo, decidiu que, no dia seguinte, teria de contar tudo e terminar seu relacionamento.

No dia seguinte, Michele já estava sabendo de tudo por outras pessoas e estava muito magoada e triste com a infidelidade de João, pois achou que o relacionamento deles era verdadeiro. João tentou se explicar, mas aquilo não tinha explicação - uma traição. Então, ele assumiu tudo que tinha feito e o relacionamento deles acabou ali. Mesmo João sendo o causador do término, não poderia negar que ficou um pouco abalado, mas era a oportunidade perfeita para viver uma nova relação, em especial com Larissa, a quem lhe havia despertado um sentimento forte e amoroso.

Uma semana depois do término do seu relacionamento, João investiu suas forças na tentativa de conquistar Larissa e, a princípio, Larissa ficou confusa e pediu um tempo para pensar. Após se decidir, respondeu sim para João e ele ficou muito feliz. Um novo relacionamento se iniciava. Tudo parecia lindo! Eles ficaram por um tempo e depois começaram a namorar, namoraram por mais um tempo. Mas, caros leitores, nem tudo são flores, há também os espinhos e problemas existentes em uma relação e esse problema agora seria a Michele, ex-namorada que voltara a falar com João, causando assim ciúmes em Larissa. João compreendeu a situação e se comprometeu a não ficar de “gracinha” com a Michele.

Certo dia, durante o intervalo da escola, João e Kaio inventaram de brincar de “balança caixão” com Ana. Eles correram atrás dela, pegaram-na no colo e fizeram a brincadeira. Kaio, empolgado, resolveu fazer com a Michele e o João, no calor do momento, fez a brincadeira com a Michele. Mal sabia ele que a Larissa estava presenciando tudo e se corroendo de ciúmes.

Após o término do intervalo, João se dirigiu à sua namorada, que, por sua vez, não lhe deu atenção, desprezando-o. Ele ficou sem entender nada até quando encontrou Bianca, amiga da turma, que contou o que Larissa estava sentindo. Assim, João mandou mensagem para ela se explicando, mas não adiantou, Larissa estava cheia de ciúmes e terminou o relacionamento com ele. João não tinha o que fazer, até tentou algumas vezes ir atrás dela e reatar o relacionamento, mas as tentativas não obtiveram sucesso e ele resolveu se conformar e ficar solteiro.

Atualmente, João permanece solteiro, ficando com quem deseja, mas focado nos estudos.

A solteirice tem seu lado bom e seu lado ruim: algumas vezes, nos sentimos solitários e, outras, podemos ficar com quem quisermos. O importante é viver e ser feliz!

O que é memória?

Kesia Camili de Faria Silva, 14 anos

Memória... o que quer dizer?

Para cada um de nós é algo difícil de descrever,
Ou melhor dizendo, é feita de sentimentos
Bons ou ruins, cheios de alegrias ou de lamentos

Memórias são ricas de emoção
Pode passar um tempão que elas lá estarão:
Na cabeça e no coração, arrepiando todo corpo,
rolando em lágrimas pelo rosto e secando-se no chão

Memórias são vidas
Que mesmo na morte se tornam fortes
Capazes de vencer, com luz, a escuridão
Tornarem-se eternas por tempos, momentos e estações

Como era bom ser criança

Carlos Eduardo Martins Gomes, 13 anos
Dasmim Alexandrina Souza Santos, 13 anos

Nathalya Araujo Costa, 13 anos
Reginaldo Erick Santana da Silva Junior, 13 anos

Acordei com o barulho do despertador, às 5 horas da manhã, para trabalhar. Todo dia a mesma coisa, a mesma rotina. A correria da cidade me faz viajar em um mundo paralelo ao da minha infância.

Lembro-me do barulho da colher raspando o fundo da panela de doce de leite na casa da avó, sujando minha boca, meu rosto, minha roupa; da primeira vez que andei de bicicleta na rua de casa e quantas vezes eu precisei cair e me machucar para aprender a pedalar; o quanto joguei bola, brinquei de boneca, pulei corda e, no fim do dia, eu chegava em casa, tomava banho, comia e depois dormia... Momentos em que apenas o brincar era minha responsabilidade. Ah! Como era bom ser criança.

Hoje, sou um adolescente, já com algumas responsabilidades e penso que a vida não passa de uma mala cheia de memórias. Memórias essas que ficarão para sempre gravadas em minha cabeça e guardadas em meu coração.

Certo dia, li um livro que falava sobre um homem que perdeu sua alma pelo simples fato de não compreender o propósito da vida; de deixar que as coisas materiais fossem mais importantes que o próprio viver; esquecer-se dos sentimentos, memórias e emoções ofertadas nas relações e, assim, atropelar o tempo e se perdeu de tudo, inclusive de si mesmo. Isso me fez refletir o quanto deixamos de aproveitar nossa vida por coisas fúteis e que, às vezes, precisamos parar no tempo, respirar, nos encontrar em corpo e alma e, assim, criar novas memórias, pois o bom da vida não está aonde queremos chegar ou no final de tudo, e sim, em seu percurso, que nos garante: encontros e desencontros, experiências e frustrações, alegrias e tristezas, conquistas e perdas; a bagagem suficiente, não para chegar ao fim da vida, mas sim, para vivê-la intensamente em cada momento.



A Cachoeira

Dimy Michael Balcazar Huanca, 13 anos
Érica Vitória Souza dos Santos, 12 anos
Gabrielli Maria Alves Guimaraes, 12 anos

Itaty Ana Balcazar Huanca, 11 anos
Jhonatas Samuel de Oliveira Francisco, 12 anos
Mellissa Magalhães Montouro, 11 anos

Eu e meus amigos combinamos de fazer um passeio no fim de semana para as cachoeiras de Capitólio, Minas Gerais. Marcamos de nos encontrar ao amanhecer na casa de Rafael, para não pegarmos trânsito. Melissa, a única que tinha carteira de motorista chegou com a minivan de seu pai buzinando e falando:

— Vamos! Todos para dentro!

Começou aquela discussão de sempre “eu quero ir na frente”, “eu quero ir à janela”. Eu não fazia questão de ir na frente (Melissa não era uma das melhores motoristas), mas fiz questão de ir à janela porque sempre fico enjoada. Decidimos os lugares, e assim iniciei a viagem mais doida da minha vida. Pegamos a estrada e o Jhonatas escolheu uma música para ouvirmos. Passado algum tempo, tive mal-estar e vomitei no colo da Itaty. Melissa parou no acostamento para eu respirar. Limpamos o carro e continuamos a ouvir música, comendo batatinhas.

Chegamos a Capitólio, e paramos na frente de uma pousada, pois um pneu estava furado. Aproveitamos que estávamos perto de uma cachoeira e fizemos a reserva na pousada. Fomos para o quarto colocar as roupas adequadas para fazermos a trilha que dava acesso à cachoeira. Levamos uva, maçã, banana e cinco litros de água em uma bolsa térmica. Iniciamos a trilha, caminhamos durante uma hora, até que percebemos que Dimy havia desaparecido. Começamos a gritar:

— Dimy, Dimy!!!

Eu o encontrei atrás de uma árvore fazendo suas necessidades. Continuamos caminhando por duas horas e chegamos à cachoeira. Eu nunca tinha visto uma paisagem tão linda!

Meus amigos começaram a pular na água. Eu fiquei com vontade de entrar na água porque a emoção era enorme e pulei, mas esqueci que não sabia nadar. Érica percebeu que eu estava me afogando e me resgatou. Todos ficaram assustados e voltamos para a pousada. Tomamos banho e marcamos de nos encontrar na varanda da pousada. Já era noite e o céu estava lindo, com lua e estrelas. Refletimos a respeito de tudo que tinha acontecido e demos um longo abraço coletivo.

A Placa

Brenno Kayke do Nascimento Souza, 11 anos

Evellyn Oliveira Santos, 12 anos

Grazielly Fernandes de Souza Silva, 11 anos

Isabela Domingos da Silva, 11 anos

Isaque Dias Xavier, 12 anos

Luan Bispo Pereira, 11 anos

Numa segunda feira de julho, fui para a escola e não tinha aula. A secretária me falou que teríamos 15 dias de recesso. Fiquei triste porque iria ter aula de Educação Física. Lembrei que minha mãe tinha dito que, nas férias, a gente iria para a praia. Fui correndo para casa arrumar a minha mala porque no dia seguinte iríamos viajar. Partimos bem cedo e, no caminho, o carro quebrou. Chamamos o guincho que nos levou a um mecânico que tinha no meio da estrada. O carro foi arrumado e continuamos a viagem. Depois de algumas horas, chegamos na casa da minha tia.

Ela tem dois filhos, Lorenzo e Renzo. Eles não ficaram tão felizes quando nos viram e me perguntaram o que estávamos fazendo lá! Nem contei para minha mãe... Deixamos todas as nossas malas no quarto que minha tia tinha preparado para nós, trocamos nossas roupas e fomos para a praia. Logo que chegamos na areia, vi uma placa com desenho de tubarões e fiquei impressionada, mesmo assim entrei na água porque queria aproveitar o dia. Brinquei com meu primo e ele fez uma brincadeira comigo que era mergulhar e puxar meu pé. Assustada, achei que fosse um tubarão e saí correndo da água. Todo mundo começou a rir de mim. Fiquei muito envergonhada e, para me tirar daquela situação, minha mãe comprou uma raspadinha. Eu, então, inventei de ir com a deliciosa raspadinha para o mar. Veio uma onda forte e derrubou tudo. Eu ri bastante e lembrei do que meu primo fez comigo e decidi devolver a brincadeira. Mergulhei e puxei o pé dele. Ele se assustou na hora e, da mesma forma que eu, saiu correndo e gritando. Claro que todos riram dele, que ficou bastante sem graça. Nessa hora, decidimos que todos entraríamos na água. Fomos para o fundo com meus pais e minha tia. Eu, meu irmão e meus primos brincamos de guerra de água e eu quase me afoguei. Felizmente tinha adultos por perto.

Já estava ficando tarde e voltamos para a casa da minha tia para descansarmos, porque aquele dia foi muito legal e muito cansativo. Teríamos outros dias para ir à praia.

DRE

Guaianases



Quando eu ensinei crianças a ler

Isabella Melo da Silva, 13 anos

Elas não sabiam ler bem, muitas delas não conseguiam aprender a ler. Havia uma professora que nunca esquecerei, seu nome era Cibele, minha professora do 4º ano, era uma pessoa dócil e amável, muito gentil também. Eu entrei na sala cheia de esperança e feliz demais para ensinar, MAS FOI CHOCANTE. Era muita bagunça e folia, mas era o 4º ano “néh”! É claro que vai ter bagunça, pois é o 4º ano.

Deixei pra lá e segui o meu propósito de estar ali que era ensinar, fui direto numa pequena menininha que, por sinal, era a única quieta naquela sala.

A professora pediu silêncio para eu me apresentar para a turma, pelo menos eram obedientes, me apresentei, falei o que eu estava fazendo naquela sala, muitas crianças começaram a me perguntar se eu podia ensiná-las, meu sorriso abriu e fiquei ainda mais feliz.

A professora, às vezes, tinha um pouco de dificuldade em ajudar a todos, mas ela me agradeceu muito por eu estar ali colaborando.

Comecei orientando os alunos em grupo, depois fui diminuindo e, assim, consegui ensinar todos a ler. Claro, foi difícil e ainda estavam com um pouco de dificuldades, mas a professora foi e ensinou mais.

Fiquei feliz em conseguir ajudar, nunca me esquecerei dessa lembrança que guardo no coração.

Minha vida depois da AEL

Cecilia Bezerra da Silva, 13 anos

Eu sou a Cecilia, tenho 13 anos e sou aluna do Claudia Bartolomazi. Eu já participei da AEL mais ou menos no 4º e 5º anos, por dois anos seguidos.

Eu ainda me lembro do meu amigo literário, era o Ariano Suassuna, e foi meu autor por dois anos seguidos. Lembro também dos teatros, corais e apresentações... foi muito legal e eu faria tudo de novo. A AEL me ajudou muito na minha leitura e apresentação de trabalhos, porque eu sempre fui tímida, e essa é uma das razões de voltar para a AEL. Eu estou no 8º ano e temos muitas apresentações, então a AEL vai me ajudar muito esse ano. Do mesmo jeito que me ajudou no 4º e 5º ano.

Eu me lembro de quando eu era mais nova e participava de um projeto de leitura, eu lembro que eu e mais três meninas escolhíamos de três a quatro livros infantis, então entrávamos nas salas e pedíamos para as crianças escolherem dois livros para lermos para elas.

No começo, era meio difícil porque as crianças não paravam quietas, mas, com o tempo, elas ficavam quietas e conseguimos ler os livros para elas. Lembro que quando íamos para outras salas, elas imploravam para que fôssemos na sala delas!

Eu gostava muito quando lia para eles.

Hoje em dia, eu voltei a ser muito tímida para ler, para falar a verdade eu sou muito quieta, antigamente eu era mais alegre e falava demais, apesar de que hoje em dia eu ainda sou alegre, só que sou mais quieta. Eu espero que a AEL me ajude na minha leitura e apresentação, porque esse ano eu preciso perder minha timidez para poder apresentar os trabalhos.



Mais uma estrelinha no céu

Mariane da Silva Santos, 13 anos

O ano era 2016, eu e minha irmã estávamos na casa da minha tia quando recebemos a notícia, meu avô estava sendo internado às pressas, estava inconsciente, mas com vida, foi o que disseram, mas é claro que não acreditei. Muito abatida e tentando disfarçar, minha tia nos pediu para orarmos por ele.

De mãos dadas, fizemos um círculo e iniciamos a oração. Assim que terminamos, o telefone tocou e nossos corações dispararam. Minha irmã atendeu e pela expressão de seu rosto, suspeitamos do pior: “O vovô foi morar com os anjos”.

Minhas mãos começaram a tremer, minhas pernas bambearam e eu mal conseguia ficar de pé, pensei na minha mãe, queria estar perto dela, mas não tive como dizer isso a ninguém.

Soubemos que minha avó estava sendo amparada pelos vizinhos. Preocupada, minha tia pegou o carro para irmos até lá e também para nos encontrarmos com meus pais.

Encontramos minha avó chorando muito, com meus pequenos braços a envolvi em um grande abraço e falei: “A senhora está triste, né vovó? Eu também”.

Eu era pequena, todos pensavam que não entendia o que estava acontecendo, mas eu sabia sim, sabia que não iria mais ver meu vizinho, não iria mais passear com ele, ouvir as histórias que me contava do seu tempo de menino, não poderia mais rir das suas brincadeiras. Meu vizinho tinha partido.

Quando fecho os olhos, sua imagem a sorrir e a me fazer cafuné aparece. Pesam-me as lembranças neste luto interminável. Meu avô tinha tanta coisa boa para ensinar, tanta história para contar. Guardarei na memória seu sorriso, sua voz segura e forte, seu carinho que não conhecia limite. Suas histórias me acompanharão para sempre. A certeza de que ele viveu bem, me conforta. Meu avô me deu o melhor que podia, o mais importante, o amor, um amor singelo, simples e que deixava meu coração quentinho, quentinho.

Você não partiu vovô, você ainda está aqui, guardadinho no quentinho do meu coração.

Minha culpa?

Anna Giulia Alexandrino, 13 anos

Sempre fui preguiçosa. Quando minha mãe me pedia para lavar a louça, ajudar na arrumação da casa ou mesmo organizar minha bagunça, reclamava e protelava o máximo que podia. Queria assistir TV, usar o celular, mas serviços de casa, nem pensar. Claro que entendia o quanto ela se esforçava para nos sustentar e ainda garantir que tudo estivesse em ordem, mesmo assim minha preguiça era maior.

Lembro-me como se fosse hoje, eu tinha por volta de 10 anos e estava dormindo ao lado dela, como fazia todas as noites. Acordei às 3h da manhã com minha mãe passando mal. Ela sentia fortes dores no peito e eu não sabia o que fazer. Corri até a cozinha, peguei um copo com água gelada, levei para ela e comecei a abaná-la. Ela melhorou e conseguiu descansar até o dia amanhecer.

Na manhã seguinte, ainda com dor, foi ao hospital. O médico que a atendeu pediu apenas que passasse gelo no peito para melhorar.

As dores passaram a ser frequentes, eram intensas, assemelhavam-se a um infarto, consultou-se com vários outros médicos até que uma médica realmente se preocupou e solicitou vários exames até o triste diagnóstico: câncer.

Quando me contaram sobre a doença da minha mãe, meu mundo desmoronou, me senti muito culpada, tive medo de perder a pessoa mais importante da minha vida, como poderia viver sem ela?

Os médicos sugeriram cirurgia. Pelo SUS poderia demorar muito e particular era muito caro. Uma das minhas tias decidiu ajudar e a operação foi marcada.

Enquanto minha mãe estava na sala de cirurgia, o tempo pareceu congelar, várias lembranças vieram me visitar. A delicadeza com que minha mãe penteava e arrumava meus cabelos, as conversas animadas durante as refeições, o cheirinho dela sempre que deitava minha cabeça junto do seu corpo na hora de dormir, o seu jeito carinhoso cuidando da nossa humilde casa, revivi o barulho de seus chinelos, seu andar pela casa de um lado para o outro... não, eu não poderia viver sem tudo isso. A culpa voltou a tomar conta de mim, não tê-la ajudado com os afazeres de casa todas as vezes que me pediu me causava grandes remorsos. Chorando acabei adormecendo. Acordei com minha tia me chamando, a cirurgia havia terminado, agora era aguardar a recuperação.

Depois de alguns meses, novos exames foram realizados e graças a Deus minha mãe estava bem.

Faz 4 anos que minha mãe foi curada, até hoje sinto culpa, então ajudo o máximo que posso, lavo louça, arrumo a casa inteira e faço sempre sem reclamar. Minha mãe é meu bem mais precioso. Agradeço todos os dias a Deus pela mãe que tenho. Quero que ela viva muito, que acompanhe todo meu desenvolvimento, minhas formaturas, minha vida profissional e que esteja ao meu lado também nos momentos difíceis. Ela é meu porto seguro. Vou recompensá-la por todo bem que sempre me fez.

Viagem pré-pandemia

Stefani Santos Silva, 11 anos

A pandemia pegou todo mundo de surpresa. Antes dela, acredito que não houve nenhuma outra situação que tenha impedido o direito de ir e vir das pessoas.

Era sábado e como todo final de semana eu estava jogando no celular quando ouvi minha mãe tentando convencer meu pai a irmos à casa da minha tia em São José dos Campos. Eu também queria ir, então passei a reforçar o pedido dela insistindo com meu pai para irmos. Conseguimos convencê-lo e começamos a arrumar as malas.

Quando tudo parecia pronto, um balde de água fria foi jogado sobre nós, meu pai não conseguiu comprar as passagens, teríamos que desfazer as malas. Decidi que só iria desmontar a minha depois do almoço.

Antes mesmo de o almoço ficar pronto, surpresa, meu pai nos avisa que havia conversado com um vizinho que fazia transporte de pessoas e, por um preço “camarada”, ele poderia nos levar a São José dos Campos. Minha mãe e meu irmão voltaram a refazer suas malas, comemorei por ainda não ter desfeito a minha.

Almoçamos rapidamente e, logo em seguida, saímos. Eu estava muito feliz, quase não saio de casa, adoro passear. As lembranças que tinha da casa da minha tia eram vagas, da última vez que a visitamos eu era ainda mais nova e quase não me lembrava de nada, estava com muitas expectativas.

Foi uma viagem tranquila, o trânsito estava livre e seguíamos bem. Próximo da casa da minha tia, nos perdemos, meu vizinho não encontrava o endereço. O jeito foi ligar para minha tia, que ficou surpresa, mas feliz com nossa visita, então ela passou o celular para o meu tio que foi explicando o caminho para o meu pai que repassava as informações ao motorista.

Chegamos enfim, e algumas das minhas lembranças retornaram. Dois cachorros, que não estavam ali da última vez, me chamaram a atenção. Um deles se chamava Beethoven e o outro Topetinho, havia também três gatos, um preto, outro branco e um filhotinho que estava parado, tão fixo que parecia uma estátua. Era tarde, estávamos todos muito cansados, então fomos dormir.

No dia seguinte, acordei e vi meu pai dando comida para os animais, resolvi ajudá-lo. Vários outros parentes que moravam próximo foram até a casa dos meus tios nos visitar. Um primo da minha mãe apareceu com sua enteada, uma garota que tinha a mesma idade que eu, e um outro garotinho com cerca de três anos. Eles queriam ficar somente no celular e, apesar de também gostar, vendo tantas coisas pra fazer ali naquele sítio, não queria perder tempo com eletrônicos.

Exploramos todos os espaços do sítio, foi muito divertido. Decidimos depois brincar na rede, foi quando meu irmão nos assustou com um grito, para não sentarmos, pois havia esquecido seu celular ali e caso sentássemos poderia quebrá-lo. Brincamos por um bom tempo na rede, depois fomos almoçar. Passamos um dia muito agradável, me diverti bastante. Voltamos para casa à noite, exaustos, mas muito felizes com o passeio.

Algum tempo depois, foi declarada a pandemia e tivemos que ficar trancados dentro de casa por quase dois anos. Não pude mais ir à escola, não via mais meus amigos, nem passear podia. Meus dias eram chatos e monótonos, só conseguia ver o mundo através da TV, tablet ou celular. As lembranças que guardei do último passeio enchiam meu coração de ternura e de esperança de poder reviver tudo aquilo. A pandemia ainda não acabou, mas as coisas estão melhores, voltamos a frequentar a escola, revejo meus amigos e já posso sonhar com a próxima viagem.



Lembranças da quarentena

Raissa Mineiro de Lima, 14 anos

A quarentena foi um período turbulento não só para mim, mas para a sociedade em geral. Em meio a esse turbilhão de coisas, resolvi tirar um período para escutar o que a voz dentro de mim gritava. Resolvi escutar o silêncio mais barulhento e perturbador do mundo, minha mente.

Dediquei este tempo para me conhecer melhor, meu gostos, minhas necessidades, minhas qualidades e minhas falhas.

A quarentena me mostrou que precisava sair do piloto automático, infelizmente muitas pessoas ainda estão nele, em um circuito vicioso, em um labirinto escuro onde você encontra seus desejos, suas ânsias, sua zona de conforto, tão difícil sair dela.

Foi difícil para mim, por minha hiperatividade, sentar e refletir, adotar modos de vida diferentes, me sentir realmente presente na minha vida. Hoje em dia, o tempo em que menos estamos é o presente, sempre estamos a pensar em nossos erros, nossos medos que até hoje nos atormentam.

O que eu poderia ter feito de diferente? E se eu tivesse mais uma chance? Como serei no futuro? Terei uma vida bem estruturada? Nos preocupamos tanto com o futuro e passado que nos esquecemos do presente. Tentei me manter por alguns minutos no presente e me surpreendi, como é diferente tomar um café usando todos os meus sentidos. Às vezes, na pressa, não prestamos atenção e, quando vemos, já terminamos o café sem nem sequer percebermos, sem apreciá-lo. Vivemos em meio a tantos problemas que esquecemos o básico. Viver, sentir, cheirar, tocar, afinal, as coisas simples são as mais importantes, cada momento é especial, ele nunca volta.

E você, em qual tempo está hoje?

A única lembrança de uma bebê

Rebeca Allany Miguel Dos Santos, 12 anos

Certa noite, sem saber onde estava, abri meus olhinhos. Meu pai me segurando em seus braços, sentado no fundo, perto da porta, vi uma bancada repleta de doces e muitas delícias.

Estava uma gritaria, instrumentos tocando e pessoas gigantes do meu lado, era uma igreja com luzes brilhantes e coloridas.

Pergunto-me:

— O que é isto?

— Por que eu estou aqui?

Interessante...

— Como eu sabia de tudo isso?!

— Como eu sabia que eles eram meus pais?!

— Será que foi porque me seguram em seus braços? Ou será que senti ou reconheci o cheiro deles? Seria o aconchego? Não sei, mas era o melhor lugar do mundo!

De repente, meu olhar se voltou para a mesa de doces novamente. Fico com água na boca e muita vontade daqueles doces! Mesmo sendo uma bebê, já amava comer doces! Olhava para os doces e, por um momento, não queria nada, apenas me deliciar com aqueles doces, mesmo sabendo que não poderia comer tudo.

Desisti dos doces, olho agora para o lado e vejo uma mulher cantando de olho fechado, logo pensei:

— Essa mulher está dormindo mais que eu quando tomo meu mamã! Ela deve ter tomado o dela agora! Meus pais também estavam cantando, então decidi tomar a maior decisão da minha vida naquela noite: voltar a dormir.



Minhas memórias

Beatriz dos Santos Mota, 10 anos

Uma das mais belas memórias de minha vida
É da minha bisa querida
Eu a amava muito, muito de montão
Eu contava tudo pra ela
Mas um triste dia acordei com a notícia que ela morreu
Eu chorei muito e minha irmã também
E o mais triste foi não poder vê-la
Pois a COVID a levou
Ate hoje guardo comigo coisas que ela me deu
Sinto muitas saudades
Saudades não tem idade



Vento forte

Nicolas Luis Moura de Almeida, 14 anos

Em um dia frio e gelado, dentro de casa com cortinas balançando, dia sem cor, sem amor e carinho. Vem à memória o momento mais “emocionante” e “feliz” da minha vida. Em fevereiro de 2020, estava bem, sonhos, viagens, compromissos planejados, desejos se realizando, objetivos sendo alcançados como uma flecha que atinge o alvo...

Mas, quando chegou o dia 26, tudo se acabou, lojas fechando, sonhos trancados, corações abalados, tornando o mundo uma desgraça. Lembro-me que fui em uma loja com minha mãe em São Miguel Paulista, não havia ninguém lá, somente policiais. Eu e ela achamos muito estranho, porque estava havendo isso, com pontos de interrogação em nossas cabeças.

Depois, em 20 de abril de 2020, o *lockdown* no Brasil foi iniciado, ensino EAD (ensino a distância), crianças se afastando dos estudos, depressão, desânimo...

Agora, vamos à principal parte de toda essa história, o dia que eu tive, e outras pessoas também tiveram, depressão; quando o *lockdown* começou, o sentimento de amargura, tristeza e dor bateram em minha porta dizendo:

— Abra, venha se sentir culpado por tudo isso comigo. Precisei de ajuda psicológica, chorando à noite desesperado. A vontade de viver não existia mais, sabemos que viver não é fácil, preços dos produtos, alimentos, da gasolina subindo cada vez mais.

Tomei vários remédios controlados, por causa dessa séria situação que estava passando, agora felizmente estou de alta, estou livre dessa situação de tristeza e angústia. Agora posso dizer para o mundo: — Sou uma pessoa livre, alegre, pronto para entrar em qualquer dificuldade e guerra.



Baú de memórias

Giovana Cristina da Silva, 10 anos

Criança caindo do céu,
andando no deserto xadrez.
Pessoas mascaradas se aproximam
e levam o restante de graça da flor dourada.
Briga inesperada,
e a flor rosa que está despedaçada,
tudo culpa da flor prata
e o coelho correndo como o tempo.
Novas flores nascem na árvore da vida
e se tornam belos morangos.

Reconstrua quantas vezes quiser,
Mas nunca deixe de ser você mesma.

A viagem

Heloisa da Silva Maciel, 10 anos

A demora de ir a um lugar
quando ia viajar.
Eu chegava lá
e de bicicleta queria
quando via minha prima
chamava para brincar
de esconde-esconde, pula corda, pega-pega ou desenhar.
As amigas da minha prima
iam nos chamar
para com elas brincar.
A gente voltava no entardecer
e em casa íamos comer
depois colocava meu pijama
dormia e começava a sonhar.
Sempre gostei de ir pra lá.



Memórias

Laís Rodrigues Corti, 14 anos

Uma tarde nublada, com cheiro de café fresco, me traz a memória da minha avó contando suas histórias. Minha mãe lavando a louça após o almoço em família, na casa de minha vózinha. Meu pai no sofá, ajudando-a a se levantar. O sorriso radiante de uma senhora brilhante, me contando suas memórias mais profundas e cativantes. E eu pensando: “Quero poder contar essas experiências para alguém um dia”. E poder sentir a vida que eu vivi. E eu pensando nisso enquanto minha avó conta sobre o dia que o seu cachorro fugiu. Loucura, né? As lembranças dela me fazem desejar ter algumas memórias. Para no futuro dizer: “Minha querida vó, inspirei-me em você”.

Memórias

Felipe Gabriel Bezerra Marques, 14 anos

Doces Saudades
Pessoas incríveis de verdade
Saudade de quando era criança
De quando não tinha preocupações
Tinha amor de mãe
Memórias essas que jamais
Serão esquecidas
Levadas pela dura vida
Crescer é difícil mas necessário



Vou reescrever a minha história

Vitória de Moraes da Silva, 14 anos

Que saudades de brincar,
Correr para lá e para cá
Eu me divertia tanto
Chegava em casa cheia de barro
Vivia rodando.
Olhar para o jardim, desenterrar minhas lembranças
Agora correr um pouco, já me cansa
Depois que cresci, só acordo desanimada
Não é “ruim” crescer
É! Só que não tem tanta graça ficar acordada até o amanhecer.
Antigamente a vida era mais colorida
Parecia que a primavera era mais florida
Acho que eu tirei um pouco da cor da minha vida
Fiquei tão obcecada nas coisas mundanas
Que acabei deixando para trás as felicidades vividas.
Não dá para voltar ao passado
Agora só me restam as memórias
Mas eu ainda tenho um futuro “ousado”.
Depois de tudo isso, parece que ainda tenho tempo de reescrever a minha história,
Vou me concentrar mais em mim, no meu dia a dia
Para me trazer alegria
E as cores, que já há tempos não aparecia.

As memórias

Gabriele Duarte dos Santos, 15 anos

Memórias que eu queria poder reviver;
Quem dera eu pudesse voltar no tempo;
Se eu tivesse o tempo em minhas mãos seria tudo mais fácil.
Mas na verdade eu que estou nas mãos do tempo.
Ora senhor tempo, passe mais devagar, não leve as minhas memórias.
Mesmo se o tempo tentar levá-las de mim, nunca deixarei de lembrar dos tempos bons.



Primeiro salto alto

Suely Aparecida Rodrigues Leandro, 65 anos

Como toda menina do interior, aos nove anos já trabalhava. Sempre fui apaixonada pela vida, desde o amanhecer ao anoitecer. Fui criada pela minha mãe, meu pai me visitava raramente, era maravilhoso, ele sempre trazia meu bombom predileto e os abraços tão ternos apertados...

Abraços de amor e proteção. Numa dessas visitas, faltavam dez dias para completar 10 anos. Minha mãe sempre dizia: “Nunca aceite dinheiro do seu pai”.

Não entendia o motivo, mas obedecia. Quando cresci, entendi meu amor por ele, era genuíno, afinal era o meu pai. Estando próximo meu aniversário, ele me presenteou com CR\$ 10,00, escondi de minha mãe e de todos, era uma quantia alta.

Uns dias antes, minha mãe havia pedido para nossa costureira fazer um vestido novo, e passei em frente a uma loja de calçados e vi meu sapato Chanel branco... de salto, custava CR\$ 9,90. Comprei. Senti-me uma princesa dos contos de fada. Com o troco, comprei doces variados e meu bombom predileto. Escondi o sapato por alguns dias ainda.

Chegou, enfim, o dia, vestido novo e meu primeiro sapato de salto alto, me senti tão adulta, “um mulherão”... com 10 anos. Usei-o muito, quando estragava o saltinho, lá ia eu e ele para o sapateiro, pois amava o som do salto e até hoje o que me encanta é o som dos meus sapatos, escolho sempre pelo som.

Passado um mês, meu pai foi me visitar, me vesti, calcei os sapatos... rodopiei na frente dele, e ele me disse uma frase: “Filha, você está linda, já é uma mocinha”, ganhei um abraço e ainda me disse: “Quando crescer seja elegante com teus saltos altos, ande firme, de cabeça erguida”.

“Obrigada pai, por me ensinar a andar firme... com a cabeça erguida, com meus sapatos de saltos altos.” E assim, sou até hoje, ao calçar meus saltos altos, me lembro das palavras dele e entendi, com o passar dos anos, a frase: “cabeça erguida, elegante e firme”, ou seja, nunca abaixe a cabeça!

Lembranças

Antônia Vicente dos Santos Junior, 39 anos

A primeira flor a brotar foi na família.

A semente cresceu e brotou.

A árvore das mãos

E junto com ela um amor.

O amor pela árvore das mãos

Um ramo, outro ramo, mais um ramo.

Uma mão; outra mão, muitas mãos.

Dentro de mim como semente.

Os vagalumes que iluminam a minha casa na árvore

Cristina Gonçalves Costa, 49 anos

Que saudade da minha infância,
De quando eu era criança.
Que saudade daquela casa na árvore,
Onde eu brincava até tarde
Enquanto o céu entardecia, eu me perguntava
“O que iria iluminar minha casinha”?
Foi quando uma ideia teve o meu irmão:
Pegar os vagalumes com a mão,
Subir na árvore e soltá-los na casinha
Se eu soubesse,
Que a luz dos vagalumes era mais brilhante
Que as luzes dos postes da cidade,
Teria pedido a Deus.
Para nunca chegar a atual idade.

João, o menino do Nordeste

João Queirós Fernandes, 34 anos

Nasci na cidade de Capoeiras, em Pernambuco no agreste meridional pernambucano, às zero horas. Eu cresci e me criei no povoado chamado Sítio Imbé, por lá eu era muito querido.

Era um menino muito alegre e fazia amizade fácil com qualquer pessoa, podia ser pobre, não tinha vergonha de nada, eu tenho orgulho de meu pai, Juarez Fernandes, pois ele trabalhava numa fazenda, eu gostava muito quando ele aboiava o gado, gostava muito de ir para a roça com meu pai e minha mãe, Maria Gilda, eu gostava muito quando meu pai limpava o mato e assobiava, eu amava muito aquelas plantações de milho e feijão.

Ô coisa linda do meu Nordeste
No meu lindo agreste
Da minha terra do coração
Hoje me considero um vencedor
Da terra do meu agreste
Tão lindo do meu amado Nordeste.



A Perda

Miriam Santos Rodrigues, 10 anos

Oi, meu nome é Luana, hoje vou contar para vocês uma história que só contava para minhas duas filhas.

Meu marido morreu em um acidente de carro e assim fiquei viúva, mas foi só durante seis meses, até que um dia, acabei esbarrando em um moço que me pediu desculpas e, como acabamos nos esbarrando outras vezes, uma semana depois nos tornamos amigos. Seu nome era Paulo.

Certo dia, em uma bela tarde, Paulo me convidou para jantar, eu aceitei e, neste dia, ele me pediu em namoro e começamos a namorar.

No começo, estava tudo certo, nos dávamos super bem, eu trabalhava até às 7h da noite e Paulo até às 6h. Porém, descobri que Paulo estava mentindo, pois ele trabalhava até às 5h e chegava mais cedo em casa e ia mexer no cofre que tinha em meu quarto.

Quando me dei conta, ele tinha roubado uma boa parte das economias que meu marido havia me deixado; eu me senti muito triste e traída e não pensei duas vezes em terminar o namoro e mandá-lo embora. Durante algum tempo, me senti muito sozinha e sem esperanças, até que um dia passei em frente a um abrigo de crianças e resolvi que ia trocar esta desilusão e tristeza pelo serviço voluntário e me dedicar aos outros.

No final, isso me fez tão bem que acabei adotando duas meninas, Júlia e Tais, e, assim, me tornei a pessoa mais feliz e realizada do mundo. Apesar de ter perdido a confiança nas pessoas, em minhas filhas reencontrei um motivo para acreditar que tudo pode dar certo.



Matheus Soares, 16 anos

Em memória de quem um dia fui
me desculpo com meu eu de outrora
por colocar de lado
não lhe dar a importância
sentir tudo
menos amor ao fitar meus olhos em ti
ora no espelho
ora por baixo de todas as camadas de pele que refugiam
meu ser
peço desculpas por tentar dar amor ao mundo
e esquecer que,
antes de tudo
meu mundo sou eu
sou minha fênix
e nasço novamente a cada dia.
Cada queda me transforma em uma nova versão
todos os estilhaços do meu coração
todo joelho ralado
são revertidos em regeneração
me faço,
refaço
pelo prazer de vagar entre várias versões

perceber o quanto cresci em todos esses anos
e retiro todas do limbo
conserto cada machucado
faço da dor
cicatriz
porque revisitando quem fui
gravo na memória
como quem usa um gravador no *repeat*
que estar vivo não é fácil
mas eu venci cada batalha até aqui
desafiei todos os monstros que me assustavam
e ainda estou de pé
meus pulmões transportam ar
meus pés por mais cansados que estejam
me levam à linha de frente de qualquer batalha
ainda mais preparado que ontem
estou mais forte do que em qualquer memória.

O gosto doce das memórias

Mary Cristine Nunes da Silva, 15 anos

Ao pensar em memórias
me lembro da primeira vez,
no palco, me lembro da sensação angustiante,
do frio na barriga,
do medo de dar tudo errado.
Recordo, da satisfação e felicidade de ser aplaudida.

Ao pensar em memórias,
recordo do meu grande medo de cantar em público,
porque hoje sei que, de certa forma, ter medo é bom,
ter medo não é ser fraco.
Ter medo é mostrar que você é humano,
ter medo para que no futuro você possa se orgulhar.
Se orgulhar de ter conseguido superar.

Ao pensar em memórias
me lembro da primeira vez
que entrei na sala de leitura.
Me lembro porque é um local que me traz paz,
um lugar que aconchega,
porque é um local que permite mil e uma possibilidades.
Podemos ser quem somos.

Ao pensar em memórias me lembro
da primeira vez que li Carlos Drummond de Andrade,
a primeira vez que fez eu me apaixonar inteiramente por tuas obras.
E como é doce o gosto de ter memórias.

Sentada em frente à escrivaninha da minha casa, observo a tela do meu computador. Os dedos parados em meio ao ar, com a mente vazia e calma, sem saber transcrever e transbordar as palavras que estava sentido, a inspiração que eu sentia havia acabado! E diante da minha face mais amadurecida ou dos olhos mais experientes, observava algo diferente do meu tempo de menina. Havia tanto tempo! Mas as sensações e a saudade insistem em trazer as recordações de volta.

Custo a acreditar que tudo aquilo que foi para nós, acadêmicos da AEL, hoje já não o seja mais. Onde nos refazíamos nos palcos e nos transbordávamos em meio aos versos, que isso tenha ficado para trás, essa é a dor do amadurecimento e das responsabilidades. Mas, por um instante enquanto fecho os olhos, consigo lembrar de estar lá, de ainda ter a paixão ardente e florescer em cada expectativa, nervosismo e, principalmente, a felicidade de cada momento compartilhado, de sentir o som dos aplausos e a emoção por conseguir proporcionar tudo ao público.

Naquele tempo, eu estava sentada junto à plateia aguardando e apreciando cada apresentação. Observando com atenção cada mínimo detalhe apenas para não perder nada e, se fechar ainda mais os olhos, sinto o meu corpo voltar àquele mesmo lugar. Uma das últimas carteiras em meio a tantas, uma das últimas carteiras que ficava próximo à porta direita do teatro que dava acesso tanto à entrada quanto à saída. Conseguia lembrar ainda de ter a respiração um pouco mais pesada e um pouco de suor acumulado em um cantinho específico do pescoço causado pelo cansaço gratificante de ter participado de mais um sarau, mas não foi ali o momento mais especial naquela manhã de 2018.

As luzes aos poucos foram se apagando, a plateia estava quieta e ao mesmo tempo extasiada, e eu, admito, não me sentia diferente deles. Ficava deslumbrada por cada movimento e fala, por cada luz se apagando e acendendo e por cada aluno ali em cima dando vida a uma pessoa e uma forma de expressão diferente. Aquela foi a apresentação Vilarejo, dos acadêmicos da Academia Estudantil de Letras Walcyr Carrasco, dirigida e orientada pela professora Marcia Dias.

E o mais impactante de tudo é que naquele momento foram os alunos brilhando pelo enorme potencial que tinha em cada um deles, representando não só a professora, como também cada nome ali falado e citado. E sim, foi ali que senti a inspiração tomar conta de mim, foi ali que senti todos os pelos em meu braço se arrepiarem por tamanho talento e capacidade, e foi ali, com a plateia os aplaudindo de pé, que senti o desejo de estar com eles.

Abrindo os olhos novamente, os sentindo molhados pelas memórias, tento resgatar no fundo do meu coração em que momento perdi essa essência. Logo, pegando a xícara de chá que estava ao meu lado, dando um gole suave no chá, sentindo o líquido preencher o meu interior, me recordo de presenciar essa mesma sensação quando novamente Vilarejo se torna presente diante do meu campo de visão, com o som dos aplausos, da luz brilhando no palco e dos alunos de mãos dadas felizes por dar vida a mais uma apresentação. Mas, dessa vez, comigo junto a eles.

E enquanto as lágrimas desciam e os meus dedos tocavam nas teclas do computador, me senti grata por todas as lembranças e momentos, me senti grata por mais uma vez aquela família tão distinta e diferente, aquela família que representava tantas cores em diversas formas, me trazer novamente a inspiração.

Olhando as expressões amadurecidas em minha face e um olhar mais experiente, começo a me lembrar e sentir falta dos meus tempos de menina. Onde memórias marcaram minha vida, memórias causadas por muita cor, muita resistência, muita luta, muitas risadas, muitos “quebrem a perna”, muita cumplicidade e dedicação. Sei que são essas memórias que nunca morreram, porque nos refazemos em versos e transbordamos em meio aos palcos, são memórias que sempre renascerão como fênix em cada novo acadêmico que se interessar em conhecer o livro de memórias vividas da AEL Walcyr Carrasco, histórias essas contadas de forma doce e feliz pela professora Marcinha.

DRE

Ipiranga



Marcas

Ana Clara Pereira da Silva, 13 anos

Julia Lira Ribeiro, 12 anos

Isabella Ramalho de Carvalho, 13 anos

Nossas memórias, nossas histórias
Contadas por lembranças dos bons momentos
Marcados por nossos pensamentos.
Nossos projetos guiando nossos trajetos
Que envolvem nosso afeto.

Colecionadora de lembranças

Julia Lira Ribeiro, 12 anos

As memórias mais lindas são aquelas que quando fecho os olhos me abraçam.
Elas me fazem ir ao encontro daquele momento em que o tempo parecia não parar.
Enquanto escrevo, lembro quando eu e minha mãe pulávamos em um pula-pula, sorriamos enquanto saltávamos no ar.
A outra memória me traz saudades, sinto até o cheiro da minha avó, eu ao seu lado enquanto ela transformava tecidos em bonecas de pano, para a vida de mais crianças alegrar.
Tenho 12 anos e uma vida inteira pela frente para colecionar lembranças.



Esta não é uma história de amor

Yasmin Pereira de Barcelos, 14 anos

Você chegou do nada.
Com seu jeito insuportável, me irritando por qualquer motivo!
Mesmo assim, eu achava engraçado.

Você chegou do nada.
Com suas roupas repetidas, sempre de time de futebol e isso me deixava intrigada.
Afinal, qual era a graça que você via em usar essas roupas?

Você chegou do nada.
Com suas manias, falas e jeito de andar totalmente diferentes do meu conhecer.
Você era meio louquinho das ideias.
Mas isso não me incomodava em você.

Mas chegou um dia, que eu pensei que não iria acontecer!
Eu comecei a gostar de você... Mas não queria que isso atrapalhasse em nada, éramos bons amigos e isso seria um problema no final.
Mas você não me escutou, e isso me deixava irritada demais.

Aos poucos, fui percebendo o quanto me incomodava ver você com outras garotas, e também percebi que você não gostava dos meus amigos.
E demorei a perceber o quanto aquilo parecia louco, mas era verdade, eu acho.
Deixava-me louca, quase para arrancar os cabelos quando via você rir alto com aquela garota, eu achava que ela era mais bonita que eu e por isso você a escolheu.

Mas eu percebi que se gostasse mesmo da nossa amizade não se afastaria quando fez amizade com ela.

Agora eu me sinto insuficiente demais e eu não queria me sentir assim.
Você é a porcaria de um garoto que me fez sentir o que eu não sentia há muito tempo. E você nem se esforçou para conseguir isso.

Se dependesse de mim, eu teria contado tudo, aberto a boca e vomitado as palavras que eu seguro há meses!!!
Mas eu não o fiz, sabe por quê?!
Porque eu tenho medo. Tenho medo de falar coisas demais e nunca mais ter coragem de olhar na sua cara. De não responder por mim mesma, de acabar com tudo por besteira.

Eu poderia desabafar o quanto quisesse, nunca esse peso sairia de mim, nunca me sentiria bem com esse fardo. Mas eu acordei, tomei um choque tão grande que percebi a realidade.

Gostei, amei e me acabei porque falei: “tarde demais”.
Talvez se eu tivesse falado antes, seria cedo demais? Afinal, todas gostam de você, e eu fui apenas mais uma sem querer ser.

Você continua sendo importante e especial, tendo um lugar no meu coração. Mas parece que é só mais alguém que conheci e que preferia não conhecer.
Posso me arrepender de ter pedido seu número, posso me arrepender de falar que gostava de você.
Mas você vai continuar tendo controle sobre os meus sentimentos.
Vai continuar com o mesmo cargo.

Mas nunca vai voltar a ser o que era antes, porque tudo mudou, tudo!
Mudou a forma de te olhar, a forma de me referir a você, a forma de gostar te amar, a forma de te abraçar, e isso é bom!
Foi uma experiência nova para mim, mas percebi o quanto isso me machuca também.
Mas não vou sofrer por te ver com alguma garota, somos somente amigos. E pelo visto isso nunca vai mudar também...

*Dedicado ao garoto que eu
deveria me arrepender de ter conhecido*



Saudades, AEL!

Gabriela Eduarda Serafim de Souza, 13 anos

Yasmin Naomi Laurengo, 13 anos

Quando éramos da AEL, nós fizemos uma peça chamada “O Mágico de Oz”.

Essa apresentação nos surpreendeu muito, pois nela havia muitos efeitos especiais, além dos figurinos, que estavam maravilhosos.

Enquanto estávamos atuando, sentimos vergonha, porém felizes e emocionadas, tudo ao mesmo tempo.

A AEL ajudou muito a gente, porque éramos muito tímidas, e ainda somos, mas bem menos do que antes.

Além de tudo isso, a AEL nos proporcionou muitos momentos bons, que nunca esqueceremos, todas aulas, ensaios, peças etc.

Agradecemos muito às professoras Natália e Ana Helena que nos acompanharam em todos esses anos.



Momentos e memórias

Isabelly Rubi Oliveira Cruz, 14 anos

A lembrança é a motivação do dia a dia
momentos serão sempre memórias
para que nenhuma fase da vida
a infância, a juventude ou a velhice seja esquecida

Criança vive com o coração
brincadeira e diversão
Alma pura e inocência
Raiva e gritaria?
Sim, haja paciência!

Ao longo do caminho,
nos machucamos e caímos
com o tempo aprendemos
que é melhor levantar sorrindo

Em qualquer fase da vida
cheio de saúde ou um pouco doente
coleccionar momentos com quem a gente gosta
é melhor do que qualquer presente

O quase primeiro beijo... perfumado!

Nicolly Crevelin da Silva, 15 anos

Eu me lembro bem de um dia em que estava passando o fim de semana na casa da minha família paterna. Bem naquele dia ia ter uma festa na casa dos vizinhos. Estava muito animada!

Eu tinha apenas 7 anos e não saía da minha cabeça uma cena de novela em que uma adolescente beijava um garoto. Eu achei aquilo muito engraçado e diferente. Então, estava determinada a fazer o mesmo. Detalhe: eu mal conhecia as crianças da vizinhança para poder botar meu plano em prática.

Na novela, antes de a adolescente beijar o menino, ela espirrava algo na boca. Provavelmente, para deixar um bom hálito. Inocente, eu imaginei que fosse perfume e lá fui eu espirrar perfume na minha boca. Que péssima ideia! Que gosto horrível! Eu mesma ri sozinha por ter sido tão bobinha.

Na festa, eu encontrei um menininho e decidi que seria ele que eu beijaria. Alvo escolhido! Fui tentando fazer amizade com ele e outras crianças. Estava criando coragem para dar um selinho nele, achei que iria conseguir... Até ver o olhar furioso do meu pai em minha direção, ele vinha bufando de raiva. Sem mais nem menos, me levou para casa e não me deixou voltar para a festa, incomodado com a minha euforia e facilidade de me entrosar com as crianças. Ele nem conseguiu me dar bronca porque não tinha um bom argumento e nem sequer estava pensando direito.

Enfim, fiquei chorando no colo da vovó e passei o resto da noite com um gosto de perfume na boca sem ter dado o meu primeiro selinho em ninguém.

A woman with dark hair, wearing a colorful patterned dress, stands in a field. In the background, there is a wooden fence and some trees. The overall image has a warm, slightly grainy texture.

DRE

Itaquera



Perda de um anjo

Jessica de Biasi, 14 anos

Eu estava em uma loja qualquer no centro da cidade, passeando por lá com meu pai, quando avistei um ursinho de pelúcia, para ser exata um minion de pelúcia.

Quando o vi, fiquei extasiada com o que estava a minha frente, ele era lindo, eu o queria para mim, só para mim.

Pedi a meu pai para comprá-lo, mas ele não tinha dinheiro o bastante, entendi e continuei andando até chegar a minha casa. Porém estava muito triste, pois queria muito aquele minion para mim.

Passaram-se dias, meses, até que uma semana antes do meu aniversário eu estava em casa e não parava de pensar naquele minion. E chegando no dia do meu aniversário, à tarde já, estávamos preparando a festa, quando minha mãe recebeu uma ligação estranha dizendo que era do hospital e que meu pai tinha falecido naquela tarde. Fiquei em choque quando ouvi, eu não conseguia me mexer, estava paralisada.

Descobrir que meu pai faleceu naquela tarde não era uma coisa que eu esperava e foi um baque para mim, muito doloroso para uma menina que iria fazer apenas seis anos.

Estava muito triste, mas eu não podia acabar com a festa, então me levantei e me arrumei para a festa, coloquei um sorriso no rosto e segui em frente com a festança. Os convidados foram chegando cada vez mais.

Chegando ao fim da festa, todos já tinham ido embora, deitei em minha cama e logo mergulhei em meus sonhos.

Acordei de manhã com uma caixa e uma carta ao meu lado, me levantei e a peguei na mão, era leve a caixa. Primeiro, abri a carta para ler e logo as lágrimas começaram a encher meus olhos e rolar por meu rosto. Na carta estava escrito as seguintes palavras:

*“Seu pai infelizmente não pôde ter te dado pessoalmente,
mas saiba que é com muito amor e carinho, seu presente que tanto queria. Eu te amo!”*

Assinado: mamãe

E lá estava o minion de pelúcia que tanto queria, chorei mais ainda.

Sempre vou amá-lo.

Obrigada pai, por tudo.

Lembro-me bem de nonno, que se sentava na cadeira da ponta da mesa em nossa simples sala de jantar. Essa mesa era sempre coberta pela toalha rendada cor de creme. Todas as tardes, nonno se sentava em sua cadeira com uma pequena xícara de café e seu rádio antigo que narrava o jogo de futebol.

Sempre gostei de observar seus pequenos fios de cabelos brancos saindo do lugar por causa do vento que entrava pela janela. Sua pele era iluminada num tom alaranjado pela suave luz do crepúsculo vespertino.

Era difícil evitar risadas todas as vezes que ele reclamava quando seu time perdia.

— *Càspita!* - gritava, irritado pela derrota.

Eram em tardes como essa que a casa ficava com um tranquilo e agradável aroma de café.

Mesmo já estando muito velho, nonno sempre fazia um grande esforço para vestir a camiseta de seu time, uma tarefa difícil, já que seu braço direito era quase inteiro paralisado. Mesmo com dificuldades, ele não permitia que o ajudássemos e sempre vestia suas roupas sozinho.

Mas o tempo estava passando...

Até que, em uma tarde, nonno foi da sala de estar até a de jantar para se sentar, mas andar havia se tornado algo complicado, mesmo com a bengala. Com muita dificuldade, sentou-se e ligou seu rádio, extasiado com o jogo.

Já em outra tarde, o velhinho foi ouvir o futebol como de costume, mas algo mudou. A energia para vestir a camiseta do time não estava mais ali.

Na próxima tarde, ele se sentou, mas o jogo não parecia tão empolgante como antes. Seu sorriso, aos poucos, ia sumindo.

Na última tarde, ele foi para a sala de jantar, mas o rádio não estava em suas mãos. Tudo o que vinha com ele era uma xícara de café quase vazia.

Nenhum ruído ele emitia, apenas longos suspiros quebravam o silêncio do ambiente.

O tom alaranjado do crepúsculo vespertino já não o iluminava, agora a casa estava cinzenta, escura. O céu teve seu lindo pôr do sol ofuscado por nuvens negras que tornavam aquele dia nublado.

Nonno estava sentado olhando para a mesa em sua frente enquanto uma fina e brilhante lágrima fugiu de seus olhos, escorrendo pela pele enrugada.

Em vez de bater na mesa ou reclamar pela derrota de seu time, dessa vez tudo o que ele me conseguiu dizer foi:

— Eu te amo.

Após aquilo, o aroma suave do café nunca mais tomou conta de nossa casa.

Após aquilo, nunca mais pude dar risadas de nonno bravo com o futebol.

Após aquilo, o rádio já não ligava mais e a pequena xícara não foi mais preenchida pelo doce e suave café.

A cadeira da ponta agora está vazia.

O silêncio me sufoca e a ausência de nonno me angustia.

A viagem surpresa

Silvane Luana Condori Janco, 15 anos

Pseudônimo: Janco

Ao entardecer, estava eu lá dentro de um táxi com a minha família indo para a casa da minha avó. Quando chegamos, meu pai disse ao motorista:

— *¿Quanto es?*

E o motorista respondeu:

— *50 bolivianos, señor.*

Quando chegamos, a minha ficha não caiu, eu não acreditava que toda a minha família estava na Bolívia. La Paz estava tão fria quando eu cheguei.

Apertamos a campainha, abriram a porta e gritamos “*surpresa!*”, imagino que devem estar se perguntando por que gritamos *surpresa*? Vou explicar; quando nós viajamos, ninguém sabia que os visitaríamos, nem mesmo eu, então resumindo, quem sabia que nós íamos viajar era somente minha família e meu tio Jose Luís, estes que não me contaram.

Quando entrei na casa da minha vó, eu fui ao quarto do meu tio, porque ele tinha chegado antes, assim ficamos conversando sobre como era o Brasil, porque ainda não tinham vindo para cá e a conversa durou, ficamos até tarde.

No dia seguinte, eu não queria levantar, eu estava tão quentinha na minha cama e estava tão frio, estava uns cinco graus lá fora. Mas saí para lavar meu rosto e, quando a água tocou meu rosto, imediatamente pensei que havia congelado de tão fria.

Nesse momento, minha mãe me gritou, falando:

— *Silvane ven a tomar té!*

Então eu a respondi com um simples *ok*. Depois de tomar meu chocolate com leite, nós saímos. Foi quando andei pela primeira vez em um teleférico, foi tão legal, parecia que eu estava andando em uma caixa flutuante de vidro, tanto que eu nem tenho palavras para descrever.

Depois, descemos do teleférico e fomos de *microbús* até um certo ponto da jornada e, por fim, chegamos em um lugar, que não recordo o nome, mas que estava bonito.

Além dessas paisagens, no período da viagem estava tendo uma celebração chamada *Alasitas* e estava sendo comemorado muito. Passamos por locais que estavam comemorando e fomos para outro lado, um lugar chamado Plaza Murillo, que era cheia de pombos e, perto dali, havia uma casa onde os vereadores, presidente, entre outros de cargos governamentais ficavam.

Lembro que até tirei uma foto com o guarda que estava lá parado, porém foi ali que eu comprei meus quatro objetos, que guardo com muito carinho, que são: *tararararara!* São canetas, sim! Canetas, uma do Mario Bross, uma de Cisne, outra de Baby Groot e a última de Sitch, e quando eu olho para elas eu me lembro da Bolívia e dos meus parentes.

Memórias

Geovanna Thawany Souza Rocha de Santana, 14 anos

Haverá aquele dia em que você irá lembrar
De todos aqueles que passaram
Aqueles tempos que não voltarão mais
E viver as lembranças que ficaram

Olhando aquele relógio antigo
Percebendo a sua própria definição
Por que consideramos ele antigo
Sendo que ele não passou em vão?

Lágrimas e sorrisos que nos acompanham
Nessa jornada com intensos sentimentos.
O que nos resta hoje é a saudade
Das memórias que às vezes nos invadem.



Memórias

Ítalo Wagner A. Desidério, 13 anos

Memórias boas que tocam meu coração, memórias ruins que me deixam para baixo, uns acreditam e outros criticam.

Quando cheguei, todos me falaram “parabéns”, com olhos invejosos, mas não liguei nem critiquei, segui em frente e hoje todos me conhecem.

Quem me conhece sabe como foi difícil, mas estou aqui: firme e forte, nada me abala e espero que um dia o sistema racial, desigualdade social, preconceito com os imigrantes, machismo e agressão física acabem.

Eu acredito que o nosso país será melhor, não só ele, como o mundo, para que assim, as crianças possam ter boas memórias.



A vida

Pietro Ortunes Santos, 11 anos

Minhas memórias são ótimas.
Mas estão muito caóticas!

Parece muito bagunçado.
Mas eu lembro do passado.

Estávamos com alegria.
E minha família ria.

A Vida é como um livro.
Parece-me um paraíso.

Um dia de verão.
Onde todos dividiam um pão.

Um teatro de fantoches.
Onde três amigos fizeram trotes.

A Vida é assim.
Não se esqueça de mim.

A gente na vida corre.
Até que chega a nossa hora.
A gente morre.
Pronto para a espera.

Uma pequena memória

Angélica Botelho da Silva, 11 anos

Lembro-me de um dia, ao pôr do sol, estar observando o céu. Em uma noite de verão, o céu formava uma paleta das mais variadas cores, enquanto algumas nuvens estavam espalhadas como pequenos algodões.

No centro de todo aquele show natural do universo havia uma meia lua. Observei aquele céu e fiquei extasiada, repetia para mim mesma: Lembre-se desse momento.

É uma pequena memória, talvez até insignificante para alguns, mas naquele dia me lembro de me sentir grata por estar viva para presenciar aquele momento.



Faltou beijinho

Luana Câmara de Souza, 10 anos

Michel Vitor de Jesus Lucindo, 9 anos

Leandro Chiedozi Uchenna Okali, 10 anos

Certas lembranças doem, trazem saudades. Mas o que é a saudade? Saudade pra mim é uma coisa que aperta o coração, algo que antes eu tinha, mas agora já não tenho mais. Isso me trouxe à memória minha vizinha de cabelos brancos, macios como algodão e leve como as nuvens, olhos castanhos, nariz fino e muito magrinha. Gostava de usar roupas coloridas.

Lembro-me do seu jardim, ela adorava passear por entre as flores, era o jardim mais florido que eu tinha visto na minha vida. Ela cuidava das plantas como se fossem suas filhinhas, regava e também conversava com elas. Perguntava se estavam bem, se o sol estava forte, ou se havia algum bichinho as incomodando. Havia também o canteiro onde apreciava as hortelãs, manjerição, orégãos, alecrins e mais outros que não saberia dizer. Nos dias frios, ela fazia aquele chazinho bem quentinho para nos aquecer e, quando bebíamos, era como se estivéssemos próximos a uma lareira bem quentinha. Como morávamos em estados diferentes, não era possível nos vermos com frequência, então doíam muito as despedidas. Adeus acarajés, adeus feijoada, adeus bolinhos de chuva e adeus àquele maravilhoso macarrão que eu e meus primos disputávamos pra ver quem comia mais. Ainda sinto o gosto, ma-ra-vi-lho-so!

A dor da saudade é uma coisa! Essa coisa te domina se você não souber controlar, é algo que nunca te deixa em paz. Dor eterna! É ferir um pedaço de você!

Uma certa vez, comemorei o meu aniversário na casa de minha vizinha. Estava completando dez anos, foi ela quem preparou os salgadinhos, os brigadeiros e aqueles que não podiam faltar, “beijinhos”. Eram a nossa paixão. Faziam a gente ir até o céu, fechávamos nossos olhos quando comíamos. Os brigadeiros eram como se estivéssemos numa plantação de cacau, à vontade! Para completar minha alegria, minha mãe deu-me um presente, estava dentro de uma caixa enorme. Abri e, de repente, uma criatura pulou sobre mim e começou a me lamber. Era um cachorrinho, fiquei muito feliz porque era o meu primeiro, lembro bem como ele era, todo branquinho, brincalhão e muito bagunceiro, corria pela casa toda, queria se divertir. Descuidamos um pouco dele e, quando estávamos prestes a cantar parabéns, o cachorro comeu todos os beijinhos. Então demos um nome a ele, “Beijinho”!

Tudo estava bem, até a hora de partirmos. Desta vez, também tivemos de dar adeus ao Beijinho. Voltamos para São Paulo. Não pudemos levá-lo. Chorei muito, mesmo sabendo que a gente ia se ver de novo. Fui embora com as lembranças de como minha vizinha ralhava com ele porque ele corria no seu jardim. Não entendia porque ela brigava tanto, era só um cachorrinho e precisava se divertir.

Voltei à casa de minha vizinha no meu outro aniversário, já pensando em matar a saudade do Beijinho da minha vizinha, da mesa cheia de comida, do meu bucho cheio...

Tinha tudo na casa. Estavam lá as comidas, o jardim, as flores, mas minha vizinha nos disse que infelizmente não teríamos beijinho. Foi como uma facada no meu coração!

Um ano antes faltaram beijinhos, e naquele, faltou o Beijinho.



Pipa voada

Aquilles Gabriel Alves Menezes, 14 anos

Vou voar por aí!!!
Não importa o que aconteça.
Fazer do céu meu altar, mostrar minha grandeza.

A linha que me guia.
Fala muito sobre mim.
Fala que eu tenho que continuar sem pensar no fim.
Minha alma voa livre, feito uma pipa por aí.

Lembro bem das minhas felicidades.
O que faz eu contar a verdade.
Viajar em minhas lembranças,
onde fica a bela fonte de minha perseverança.



Sol

Vitória Emanuelle Micci de Souza, 14 anos
Pseudônimo: Vih Manu

Acordei assustada, parece que já passa de meio-dia, não posso ficar na cama até essa hora, sol já tá de torrar. Se não virar as samambaias, as folhas vão tudo queimar. Ao levantar levei um susto:

— Que quarto é esse e onde está o meu copo de suco?

— Dona Leôncia, vamos passear, já está na hora de a senhora se exercitar!

“De novo essa menina que diz ser enfermeira... quero só ver quando o meu marido voltar... Zé vai pôr ela pra fora, e eu vou rir de me mijar.”

— Dona Leôncia?

— Já vou, garota, mas vem aqui me ajudar!

— Dormiu bem, dona Leôncia? Tem algo a reclamar?

— Dormi, mas acho que dormi muito, esse sol já está de matar. E meu marido, onde é que ele está?

— Viajando, dona Leôncia, mas ele não vai demorar a voltar.

— Mas você não respondeu, menina, por que me deixou dormindo até meio-dia? Não vê que as plantas vão queimar?

— Quem disse que é essa hora? Mal passa das oito, esse horário tá ótimo pra levantar.

— E como você explica esse sol? Ah... anda menina, me veste logo e não tente me enganar. Continuei olhando pro sol, não podia ser das oito. Essa mocinha acha que consegue me enrolar. Olhei por outro ângulo e percebi, que sol é esse, com escrita por cima?

“Vovó, a senhora é o meu sol! Deixei aqui pra senhora guardar, porque eu não acredito quando papai diz que a sua memória não vai mais funcionar”.

O estranho

Analice Pereira de Souza, 13 anos

Eu estava passeando tranquilamente em um campinho do parquinho e comecei a brincar com um mosquito. Comecei a brincar e a falar com ele e comecei a brincar de voar.

O mosquito era um tipo de joaninha, uma coisa maravilhosa! Meu amigo!!!

Mas...de repente, eu o matei sem querer!

A joaninha começou a tremer as perninhas! Enfim, acho que ela não morreu! Ufa!

Ela voou de uma forma estranha! Que nojo!

Dias depois, a joaninha começava a chorar e a fazer barulhos de uma forma estranha. O que houve com ela? Ela exclamava de uma forma estranha. Ela está querendo dinheiro?

Meu Deus! Eu já descobri! Ela estava querendo ter sua cidadania!

Está querendo ter sua vida própria!

Está querendo ter seu primeiro emprego!

Está querendo ter filhos!

Ela queria ir embora faz um tempo!

Então, percebendo que um dia eu serei como ela, eu a deixei ir embora!

E estas são as minhas lembranças de algo muito diferente, o estranho.



Afinal

Beatriz Urbano M. de Oliveira, 15 anos

Você era o amor da minha vida, a minha paixão, a minha felicidade, você era uma brisa boa. Você era minha praia serena onde só havia nós dois. O mar calmo, o sol ao se pôr que se confundia com a cor dos seus olhos.... o mar calmo igual sua voz... o vento que passava era como seus abraços, quentes, mas leves e me traziam calma.... até eu começar a sentir a areia se mexendo, o mar com ondas mais severas, o céu se fechar em nuvens escuras, o sorriso que havia em seu rosto estava cada vez mais estranho, meus olhos sem ao menos entender começaram a criar um mar de lágrimas, seus abraços eram como lava de um vulcão, quanto mais tentava te ter e te abraçar eu me queimava.

Pra mim era como se você fosse o meu café, mas eu nem gostava de café... você era quente, doce..., mas como todo café... um dia ele acaba ou nunca foi bom o bastante... você foi os dois, no final amargo, “intomável”, mas eu continuava, quanto mais eu continuava, fui vendo que a cada gole acabava cada vez mais...

A falta de afeto na relação, a falta de amor de verdade... me fizeram querer continuar até sentir o que é amar, dependia cada vez mais de você, não sabia como ia ser sem você. De dia sorria e de noite sentia falta do seu “eu te amo, boa noite linda”.

O engraçado de tudo isso é que nunca estive errada, sobre o fato de nunca ter te amado, e sim de estar em um sonho em que amava alguém e, no final, se tornava um pesadelo com a divina palavra “já foi, não entendo por que você é tão sentimental”, poxa eu só... só queria que fosse verdade, o amor, as lições, os abraços e os beijos, só queria que o que eu senti você sentisse também... mas obrigada por fingir que me ama, por me usar, por me iludir. E obrigada novamente por dar traumas.

A dor de uma paixão

Fernanda Lima Santos, 15 anos

Seus olhos eram lindos
Verdes como esmeraldas
Seu toque era suave
Trazia-me sensação de leveza
Seu abraço era aconchegante
Trazia-me paz
Falávamos a mesma língua
Até começarmos a falar línguas diferentes
Apaixonei-me por seus detalhes
Os mesmos fizeram-me desapixonar
A melhor parte disso tudo foi ver você feliz
Mesmo que tenha sido por um momento curto.



Felicidade apenas na memória

Murilo Ferreira Nogueira, 14 anos

Pseudônimo: Muhferreira

Chiago Nestor Afonso dos Santos, 14 anos

Pseudônimo: Nest

Era uma casinha no meio do nada.
Um pouco cinza, meio sem graça.
Eu amava com todo o meu ser,
mas um dia a vi desaparecer.

Lembro-me quando eu ia.
Na chegada era uma alegria.
Hoje não vou mais.
Eles morreram há uns anos atrás.

Eu amava ir para lá.
Hoje eu tenho medo.

Era um lugar maravilhoso.
E, agora, horroroso.

Eu caía e levantava.
Eu ria e chorava.
Eu falava e gritava.
Eu ia e sempre voltava...

Memórias retratadas,
muitas vezes caladas.
Queria conviver
mas, sem elas, só sei sobreviver.

Indo ao encontro do mar

Sophia Trajana Roca Kulikov, 14 anos

Em muitas lembranças consigo pensar
com relação à minha infância.
Mas a que eu mais gosto de contar
é a primeira vez que estive no mar.

Uma jovem criança
com uma “janelinha” em sua boca
dentro de um carro rumo à praia
Porém, é do lado de fora que seu olhar foca.

Grandes anseios para alguém tão pequeno.
O cheiro e o calor da praia começaram a invadir o carro por inteiro
Junto à vontade de estar naquele meio.

E não foi diferente.
Quando o carro parou, eu saí imediatamente
com uma boia em um dos meus braços
e o mar à minha frente.

Minha mãe gritava comigo
enquanto eu entrava no mar.
As ondas me levavam de um lado para o outro.
Era tão belo e relaxante.
Eu me vejo só de lembrar.

Ao minha mãe me alcançar,
a bronca já era certa.
Mas me senti recompensada por poder olhar
aquela vista maravilhosa do mar.

Um eterno pôr do sol

Chiago Nestor Afonso dos Santos, 14 anos

Pseudônimo: Nest

Naquele dia, fui andando até a sala da psicóloga para conversar, eu só esperava que ela não me fizesse aquelas perguntas constrangedoras e pessoais. Entrei, me sentei e só respirei.

— Mais uma semana, mais um assunto. Quer me contar algo?

— Você sabe... Nada demais, só fiquei lembrando algumas coisas...

— Coisas, que coisas?

— Eu encontrei uma coisa com fotos antigas, e nela uma foto com a Helena, minha melhor amiga.

— Melhor amiga? Você nunca me falou sobre ela, prossiga...

— Nós perdemos o contato, ela foi para o exterior. Ela me prometeu que iria voltar, mas não voltou... Fiquei triste por um tempo, mas ela deve ter motivo.

— Motivo?

— Sim, nós éramos muito amigos, muito companheiros, só queria revê-la, brincar e conversar com ela de novo. Ela era importante pra mim. Eu só penso se fiz algo errado.

— Nossa! Você gosta dela?

— Sim, eu a amava, mas nunca tive coragem para falar diretamente.

— Tem alguma lembrança com a Helena?

— Sim, a minha melhor memória é com ela.

— Vamos lá, me conte, então.

— Era uma tarde quente e ensolarada, aquele típico fim de tarde, onde na sombra está frio e no sol está quente. Logo o sol iria se pôr.

Eu estava com a Helena no meu quintal, nós estávamos jogando vôlei para nos distrairmos. Ela ia dormir lá em casa, porque no outro dia nós iríamos ver um filme, não me lembro qual era, enfim, nós estávamos jogando vôlei e me lembro que ela fez um saque muito forte, tão forte, que a bola caiu no quintal do meu vizinho.

Seu Renato era um velho muito rabugento, não sei porque me lembro disso. Ele tinha um cachorro muito bravo chamado Docinho. Tenho pesadelos com o Docinho até hoje, ele era tão grande que parecia um monstro, ele rosnava e babava muito. Um dia pensei que ele estava me olhando à noite.

Voltando ao assunto, a bola estava no quintal do seu Renato, perguntei para a Helena quem ia pegar a bola, nos olhamos e ela disse:

— Eu? Por que só eu? Vamos nós dois!

Eu estava com muito medo, mas, se eu não fosse, quem iria proteger Helena? Então lá fui eu com a mais pura e falsa coragem. Perguntei para Helena se ela tinha um plano e ela disse que sim.

Quando ela estava vindo para casa, reparou que a grama do quintal do senhor Renato estava muito grande e que o Docinho não iria nos ver.

— Espera! Vocês iam invadir o quintal dele por uma bola? Não era mais fácil esperar, pedir para o seu vizinho pegá-la para vocês?

— Não, o senhor Renato tinha uma política de que se algum brinquedo caísse no seu quintal automaticamente ele estaria confiscado. Por sorte, naquele dia ele estava dormindo em sua varanda, e nós podíamos entrar lá sem que ninguém percebesse.

— Ok, então, prossiga...

Onde eu parei? Ah, sim, eu e a Helena estávamos prestes a entrar no quintal do senhor Renato, eu estava com tanto medo, mas fingindo ser corajoso para a Helena não me zoar.

Entramos e imediatamente eu senti um calafrio. Aquele lugar era medonho. As árvores estavam secas e sem folhas, a grama era amarelada e grande. Eu senti um forte cheiro de enxofre. Havia um balanço que rangia com o vento.

Eu olhei para Helena e ela não estava com medo algum. Sussurrando, ela disse:

— Agacha para o Docinho não nos ver!

Agachei e fui seguindo Helena. De repente, ouvimos o cortador de grama ligar. O seu Renato havia acordado! Eu quase entrando em desespero:

— Levanta, pega a bola e corre!

A Helena concordou com o plano.

— Mas e o Docinho? Vocês não pensaram nele?

— Pensamos, mas naquela hora o que importava era fugir.

Levantamos e corremos como nunca. Olhamos para ver onde a bola estava, e ela estava bem do lado do Docinho! Helena, muito corajosa, pegou uma pedra e jogou bem longe para que Docinho fosse atrás. Então, correu, pegou a bola, e foi em minha direção. Eu já estava com um brilho nos olhos e muito orgulhoso pelo o que ela fez. Então, ela me puxou e corremos em direção à saída.

— E o senhor Renato?

— Calma, chegaremos lá.

Estávamos correndo até a saída quando encontramos o assustador senhor Renato que disse:

— Saíam daqui agora!

Eu e a Helena corremos como se não houvesse amanhã.

Quando chegamos em casa, olhei para Helena - que estava muito eufórica - e lhe dei um beijo. Agradei a ela por tantos momentos únicos que, certamente, ficariam na minha memória. E ficaram. Minha mãe nos chamou para jantar...

— Adoraria falar mais com você, mas o nosso tempo acabou! Mesmo horário semana que vem?

— Sim! Até lá!

Eu saí de lá contente e renovado, esperando o nosso próximo encontro, enquanto uma lágrima caía do meu olho por ter lembrado daquele dia incrível e da inesquecível Helena. Ah... Como são lindas as memórias!



A travessia dos meus avós

Samuel Stachurski Donizeti de Carvalho, 11 anos

Em um dia ensolarado, minha bisavó Leda, acho que na época ela tinha 97 anos... eu e minha bisa estávamos sentados na sala, enquanto ela tricotava me falava da sua vinda para São Paulo de barco. Eu não me lembro de qual país ela veio, mas em nossas conversas me disse:

— Eu ... vim de barco, passaram-se muitos dias e toda a noite nós tínhamos de apagar a luz para não morrermos atacados pelos submarinos alemães, pois eles afundavam navios inimigos e o Brasil era um deles.

Era durante a Segunda Guerra Mundial, tempo de tristezas, mortes e injustiças.

Minha bisa também contou que o barco fedia porque eles não tomavam banho. Era um barco pequeno de cor vermelha como o sangue e com um toque de branco e, para iluminar, eles usavam uma lamparina.

Era um mar calmo como o céu quando não há nuvens, era tão transparente e dava para ver o que tinha lá no fundo do mar, os peixes pulando e nadando. Os corais no fundo do mar com uma cor rosa escura, minha bisavó pegou uma vara de pesca e começou a pescar junto com o meu bisavô Casemiro, enquanto conversavam sobre onde iriam morar.

Minha bisa Leda disse ao meu bisavô que queria morar em São Paulo, pois parecia ser uma cidade mais tranquila que o Rio de Janeiro. Meu bisavô estava preocupado sobre onde iriam ficar, mesmo concordando que era melhor morar em São Paulo.

Para tranquilizar meu bisavô Casemiro, minha bisa disse que sua amiga estava construindo uma casa pequena, mas acolhedora, e que próximo de lá teria escola e padaria.

Ao chegar em São Paulo, foram morar naquela casinha que tanto sonhavam durante a viagem, este é o lugar recheado de histórias que minha bisa, até hoje, em sua sala, senta para tricotar e partilhar suas lembranças.

O pé de cajueiro e o cabra namorador

Daniela Felix Afonso, 11 anos

Estávamos eu e minha mãe no quarto, conversando sobre aparições, assombrações e fantasmas. Lembro-me de que ela me contou a história do meu tio-avô Raimundo e do dia em que ele viu um moço que não se sabe se era humano ou fantasma. A história foi contada mais ou menos assim:

Em uma noite de lua cheia. O céu estava iluminado pelas estrelas. O ar cheirava ao forte perfume do Raimundo, que por onde passava deixava rastros, era 23:28 não havia ninguém nas ruas, além dos perninhos gulosos que voavam de casa em casa. Raimundo era um rapaz galanteador de pele escura e cabelo cacheado. Por ser um rapaz muito bonito, ele era namorador, namorador até demais. Adorava dar uma saidinha para ir ao samba, dançar até o amanhecer. Quando a luz do sol já estava fugindo de seu esconderijo, Raimundo corria para casa para dormir. E hoje era mais uma dessas vezes.

No meio do caminho, havia um matagal gigante que atrapalhava sua passagem, então ele desviou o caminho, quando, de repente, ele escutou um batuque muito, muito alto, ele se virou e então uma enorme claridade em seus olhos o atingiu, mesmo não havendo nenhuma casa com lampião aceso.

Aquela claridade era anormal definitivamente, o enorme raio de luz vinha debaixo de um pé de cajueiro, debaixo da luz uma sombra samba alegremente, requebrando junto ao tambor. Raimundo se assustou, será um caboclo ou um ser humano? Logo tratou de cumprimentá-lo. — Tá dançando, hein cabra! - Raimundo gritou de longe e o moço abaixou o chapéu, sorriu, botou o chapéu de volta na cabeça. Ele viu que era uma assombração. Correu pisando em ovos, rumando para a sua casa, assombrado por ter visto um fantasma. Até hoje eu não sei o que era. Mas de uma coisa eu sei. Que com medo meu tio-avô nunca mais passou embaixo daquele cajueiro, e eu faria a mesma coisa.

Uma frase que refletiu

Isabelle de Araújo Lima, 13 anos
Pseudônimo: Belle Araújo

Na época, eu tinha seis anos, ainda me lembro da minha primeira boneca, ela era minha preferida, tinha cabelos loiros, olhos azuis e pele branquinha, brincava com ela de mamãe e filhinha. Fazia como minha mãe me influenciou e sempre me demonstrou. Tenho várias lembranças com bonecas, mas tem uma que me entristece.

Estava eu a caminhar me sentindo protegida com minha roupa, pois o jeito que ela se mexia era sutil, uma blusa longa e simples com minha calça preta e justa, mas nem tanto; quando um homem veio em minha direção e me disse: “Ô boneca linda”. O dia foi tão marcante em minha vida que lembro até hoje de suas vestes camisa vinho, bermuda velha e em sua cabeça um boné antigo.

Senti certo nervosismo e também um pouco desapontada com a situação que eu vivi, me fazendo refletir como uma palavra pode ter sentidos diferentes, a boneca da minha infância representando toda a minha ingenuidade e o jeito que aquele homem usou a mesma palavra para tirar um pouco de minha meninice. Uma palavra, muitos jeitos, sentidos e sentimentos, mas será que um dia os homens irão nos respeitar?

Campo e cidade: essa é minha história

Andreia da Conceição Santana, 14 anos

Todo mundo já teve uma fase ruim na vida, essa foi a minha. Eu, meu irmão e meus pais morávamos na Bahia. Eu gostava muito de lá, em frente a minha casa tinha um campo de milharal verde, eu e meu irmão costumávamos ir lá todo dia depois do almoço para brincar de esconde-esconde com um vizinho amigo, eu era pequena e nem lembro o nome de quem morava do nosso lado. Nós brincávamos a tarde toda, eu e meu irmão só entrávamos para casa quando minha mãe chamava. Ela gritava tão alto que eu achava difícil não escutar até lá na China.

Meu pai passava a maior parte do tempo fora, viajava sempre para São Paulo, mas nunca levava eu, minha mãe e meu irmão. Certo dia, ele ligou para minha mãe e falou para ela arrumar as coisas que a gente iria vir morar em São Paulo e que íamos viajar em dois dias. Minha mãe, sem nem pensar, arrumou as nossas coisas, quando chegou o grande dia, me despedi da minha família, do milharal verde e do meu vizinho amigo. Antes de ir embora, deixei uma blusa minha jogada na varanda pra ele ter de recordação... Hoje em dia, essa blusa talvez nem deva existir mais.

Minha mãe levou a gente para a rodoviária, onde iríamos pegar o ônibus, chegando lá encontramos meu pai. Ele e a minha mãe deram aquele beijo meloso e eu fui logo sentando na cadeira que fica do lado da janela, pois eu amo a vista da paisagem. Nossa viagem demorou três dias até que chegássemos em São Paulo. Foram três dias que pareceram três anos, imagina você sentado(a) em uma cadeira por três dias, muito ruim, é claro que tiveram paradas para tomar banho e comer, mas é estranho.

Chegando em São Paulo, logo de cara eu amei, pois não tinha mais mato, não tinha mais barro e a rua era de asfalto e também havia casas e prédios para todo lado. Fiquei muito feliz, meu pai levou a gente para casa nova e eu gostei, porque era espaçosa. Os dias foram passando e meu pai estava saindo demais, minha mãe sempre ficava ligando pra ele e eles ficavam brigando durante a ligação. Eu achava que era normal, porque todo casal briga, mas isso começou a se tornar uma rotina. Certo dia, vi minha mãe na ligação com ele chorando muito e ela dizia “vem pegar suas coisas e some”, minha mãe não conhecia nada em São Paulo, era tudo muito novo pra ela e pra mim. Meu pai veio pegar as coisas dele para ir embora. Esse dia, minha mãe nem olhou na cara dele, ele se despediu e foi embora. Minha mãe caiu no choro e fui abraçá-la e fiquei lá com ela até dormir. As vizinhas do quintal ajudaram a minha mãe a ter um emprego e ela começou a trabalhar para nos sustentar. Nós mudamos três vezes de casa e hoje somos muito felizes. Espero um dia trabalhar e dar tudo em dobro para minha mãe querida.

Isso aconteceu quando eu tinha 4 anos, hoje tenho 14 anos e posso admirar a guerreira que a minha mãe é, eu realmente amo muito ela eu conversaria com a morte só pra ver minha mãe feliz.

DRE

Jacaná / Tremembé

PICKUP FORD F1 - 1948

- **FABRICANTE DO BRINQUEDO:** MAISTO.
- **TIPO DE BRINQUEDO:** MINIATURA EM METAL.
- **CURIOSIDADE:** CONSTRUÍDO NA ESCALA 1/25.

A PICKUP F1 NASCEU PARA O TRABALHO E LEVAVA 500 kg DE CARGA. ELA FOI CRIADA PELA FORD EM 1948 E RECEBEU O NOME DE F1 PORQUE FOI O PRIMEIRO MODELO DA SÉRIE F.



Lembranças de um amor

Maria Eduarda Santos Neves de Oliveira, 14 anos

Pseudônimo: Maria Eduarda Neves

Lembrei-me daquele dia
Muita gente disse que eu não me recordaria
Eu tinha apenas 4 anos, quando tudo aconteceu
Eu não me lembro exatamente
Só sei que foi muito de repente
Minhas pernas tremiam
Meu peito tinha se desfeito em milhares de frangalhos
Tudo doía
Eu já não sabia para onde ir
Então foi aí que me ajoelhei naquele chão frio
Gritava e pedia que ela voltasse
Mas ela não voltou...
E foi assim, há 9 anos atrás eu perdi meu amor.

Memórias

Maria Eduarda Amadeu dos Santos, 12 anos

Memórias:
Com a família,
Com os amigos,
Com os colegas,
Na escola,
No parque,
Em casa.
Memórias do seu primeiro dia de aula;
Memórias de rir até a barriga doer;
Memórias onde você nem liga para o que os outros pensam;
Memórias onde só pensa em se divertir e aproveitar a vida como ela é;
Memórias em que você vê fotos de quando era pequena e pensa: Nossa! Foi em um piscar de olhos que eu cresci;
Memórias em que você não gosta de coisa alguma;
Memórias de você pintando ou cantando ou até dançando;
Memórias em que só você lembrará;
Simplesmente memórias.

Doces lembranças

Mariana Regina Gomes Cipriano, 14 anos

Uma vez eu li que jamais poderíamos deixar passar as oportunidades que a vida nos traz.

Aproveitar cada milésimo é essencial.

Até mesmo aquele *milk-shake* de chocolate com frutas vermelhas; o passeio ao parque Ibirapuera numa noite de domingo e aquele filme que estreou no cinema.

Esses momentos nos trazem lembranças boas.

Então deixo este recado: mergulhe fundo, pois carregamos trovões no peito que ninguém escuta.

Todo mundo aparece quando a chuva já passou e o que nos resta são as memórias.

Tarde demais pra lembrar

Nicolly Fernanda Germano de Assis, 14 anos

Pessoas vêm e vão e, sinceramente, eu não posso acreditar que seja tudo em vão, de tudo podemos levar uma grande lição. É como um álbum de figurinhas, mas essas não são colecionáveis; essas são especiais, raras, são únicas e, no álbum da vida, elas não ficam coladas para sempre.

As pessoas são desafios e construímos momentos únicos, porque não há repetição.

A vida me ensinou a amar, principalmente a mim e bem... Essa vida é só uma grande aventura enquanto a temos. Uma aventura para apreciar e amar com todo o nosso coração.

Infelizmente, precisamos perder para dar valor na simplicidade, acho que se vivêssemos como se fosse a última vez, a vida seria tão intensa e verdadeira.

Nunca sabemos quando será a última vez e, quando menos percebemos, o arrependimento está batendo na nossa porta da indecisão.

Então volto a repetir: viva agora e ame agora! Permita-se sentir agora, pois saudades não trazem ninguém de volta, e a única coisa que nos resta são as lembranças, os momentos de longo prazo de alguém que já foi embora.



Tão sincero como suas memórias

Gabriela Barranco Silva, 16 anos

Um sorriso sincero Um sorriso único
Um sorriso que guardarei em minhas memórias Um choro sincero
Um choro com dor

A dor que estará guardada em minhas memórias Estará guardada em meu peito
Estará guardada em meus pensamentos Pensamentos sinceros
Tão sinceros mas tão incompreendidos

Tão incompreendidos como minhas memórias

O ser humano é assim, tão sincero mas não compreendido Tem suas memórias mas também não é compreendido Por isso ele se torna único
Tão único que se perde em suas memórias.



Avôs e lobisomens, uma história de confiança

Eryka Vilácia Rocha, 13 anos

Essa não é só mais uma história sobre lobisomem, fantasiosa e duvidosa! E eu tinha apenas seis anos quando isso tudo aconteceu...

Todos os anos, nas férias de dezembro, minha família e eu viajavamos para o Icó, uma cidadezinha no Ceará, e, no ano de 2016, não foi diferente.

Eu me lembro que já era tarde, e eu estava brincando de esconde-esconde com uns amigos, quando, de repente, escutei uma voz rouca e fraca chamar pelo meu nome. Quando me levantei de trás do carro, onde estava escondida, vi uma cabeça com curtos cabelos grisalhos olhando ao redor, procurando algo. Era o meu avô, bem, na verdade, era meu bisavô que, desde que eu me entendo por gente costumo chamar de vovô.

Quando ele me viu, fez um aceno com a mão, me chamando para perto, eu já sabia o que ele iria dizer: o tipo de frase que todo adulto fala: “Vá para dentro, está tarde!”. Então, antes mesmo de ele poder dizer uma palavra sequer, eu exclamei:

— Só mais 10 minutinhos, vovô! Agora é que a brincadeira está ficando legal!

Uma amiga minha chegou bem perto e confirmou:

— Isso seu Dizinho, só mais 10 minutos. Não vai passar disso! - disse ela quase de joelhos.

Ele, sem reação alguma, disse placidamente:

— Sabe criança, acho melhor todos entrarem para suas casas. Logo, logo vai dar 11h, e seus pais devem estar preocupados.

E com apenas uma frase, ele colocou todos para dentro de casa, inclusive eu, que fiquei muito emburrada por não estar brincando. Ainda assim, eu o obedeci e entrei.

Ele, provavelmente preocupado comigo, perguntou se eu tinha fome e, contrariada, respondi secamente que não!

— Pois deveria, já que você esteve a tarde inteira nessa rua, correndo de lá para cá!

— Talvez mais tarde. - sentencieei.

Enquanto eu dizia que não estava com fome, ele puxava sua cadeira de balanço e um banco para próximo. Sentou-se em sua cadeira e ordenou que eu me sentasse no banquinho.

— Olha, quando eu era mais novo, com uns 19 anos, eu também amava ficar na rua até tarde da noite com outros jovens e crianças que eu conhecia da cidade e dos eventos de família. Foi assim, até que, um dia, minha mãe me chamou para entrar, e eu, teimoso, não fui. Pedi por mais dez minutos, e depois mais dez, e outra vez mais dez e por aí foi, até que todos os meus colegas haviam entrado em casa e eu era o único na rua, prestes a entrar em casa quando algo impensado aconteceu.

Nessa altura do campeonato, eu não estava escutando mais nada, apenas o que ele dizia. Ansiosa, perguntei:

— Por que parou? Até que...?? O quê?

— Calma, minha filha! Eu te conto tudo! No final da minha rua tinha um cruzeiro branco, enorme, e de lá eu escutei um estrondo muito alto, e fui lá ver o que era. Quando eu cheguei mais perto, meus olhos não acreditavam no que viam: era um lobisomem! Ele era enorme, peludo, assustador e falava:

— O que você, jovem desse jeito, faz até tarde da noite nas ruas??? E ainda me espiona procurando algo! Eu devo puni-lo!

— Por favor, não faça nada comigo! - implorei, enquanto ameacei correr. Mas ele foi mais rápido que eu.

— Não tente correr! Confronte-me e eu te libero e também a todos aqueles que você ama!

— Já que não tenho escolha... - eu disse, pegando rapidamente um graveto de tina no chão, comecei a atacá-lo. Mas a cada golpe que eu dava e ele desviava, eu perdia um grande pedaço da minha “espada” improvisada.

— Vai precisar mais do que isso para me derrotar! - o lobisomem exclamou alto. E eu nunca vi alguém correr tão rápido para uma construção perto dali como eu corri naquele dia, caçando alguma coisa para vencer o lobisomem, quando encontrei o objeto ideal.

— Agora eu quero ver eu perder com essa barra de ferro! - pensei comigo mesmo, com um grande e pesado pedaço de ferro em minhas mãos.

— Acha que vai conseguir me vencer com isso??? HAHAAHAHAHHA

— Acho que não vai dar risada quando eu fizer isso! - bati com o ferro pesado em sua cabeça umas quatro vezes até ele desistir da luta.

— Você é digno de levar a vitória! Agora escute bem, apenas conte essa história para a pessoa que você mais confia, mas tenha certeza que essa pessoa é totalmente de confiança!

Sem entender bem, meu avô assentiu e voltou para casa.

— E depois de tudo aquilo que tinha passado, eu entrei em casa e dei um abraço forte em minha mãe e agradeci em silêncio por, daquela vez, ter vencido o lobisomem. Notei sua cara confusa quando eu entrei correndo em casa e a abracei. Ela então me perguntou:

— O que aconteceu, garoto??

— Você não acredita, mãe! Eu, eu...

— Naquela hora, eu imaginei o grande lobisomem me dizendo para contar a história apenas para quem eu realmente confiasse.

— Nada não, mãe, só estou com fome. O que tem pra jantar? - eu disse andando atrás dela e mexendo nas panelas.

— É por isso que você sempre tem que entrar para casa assim que seu responsável chamar! Ou você vai querer lutar com um lobisomem? Vai?

— Então... o senhor me escolheu? O senhor acha que eu sou de confiança, vovô?

— Claro que eu confio. Aliás, você é minha netinha, né? Como eu poderia não confiar em você?

— Eu te amo vovô! - exclamei emocionada!

— Eu também, eu também te amo. Mas e agora... está com fome?

— MUITA!!!

E naquela noite eu fui dormir com a barriga cheia de mingau e pensando o quanto meu bisavô é corajoso de lutar contra um lobisomem para salvar toda a família!

Ana Gabrielly Borges de Oliveira, 14 anos



*Os textos foram feitos a partir da pedagogia visual, definida por Campello (2008, p. 131) “[...] como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender”, pois nossos estudantes têm como 1º língua a Libras, que é uma língua espaço-visual. Texto: Sentimentos - Casal feliz - Lindo apaixonar - Amor da minha vida - Romântico, carinhoso - Já não consigo mais viver sem você - Eu te amo.

DRE

Penha



Mascote

Sneider Elvis Cachi Mamani, 10 anos
Miguel Arthur Fernandes Ferraz, 10 anos
Débora Nataly Quispe Mamani, 11 anos
Gabrielle Oliveira Alves, 12 anos
Dérík Dantas Bessa, 12 anos
Gabriel Vinicius Da Silva Ruppel, 11 anos
Jefferson Abel Condori Quispe, 11 anos

João Victor De Souza Lima, 12 anos
Nestor Humbertth Mamani Quispe, 11 anos
Raiane Goncalves Da Costa, 11 anos
Anderson Dener Franco Herbas, 13 anos
Kevin Cristoffer Llusco Mullisaca, 13 anos
Estefani Luz Jauna Quispe, 13 anos

Meu netinho, vou te contar uma história:

Em um dia ensolarado, na minha festa, meu avô deu-me de presente 4 passagens para que eu e meus amigos pudéssemos viajar para a praia.

No dia seguinte, nós todos partimos para um final de semana diferente, mas, duas horas antes do passeio, Marcos lembrou-se que tinha um cachorro, um Rottweiler. Permiti que Marcos deixasse Thor na minha casa aos cuidados de meu avô Roger.

Naquele momento, meu avô percebeu que Thor estava com fome e saiu para comprar ração, esquecendo a grade aberta, deixando o cachorro livre pela casa.

Thor aproveitou a saída de meu avô para procurar alimento, mas não encontrou nada. Ele acabou avistando minha gatinha, Lisa, que dormia no sofá, querendo brincar com a gatinha e sem a menor noção de sua força, o cachorro abocanhouna, provocando um ferimento profundo nela, que desmaiou naquele momento. Quando Roger chegou em casa e viu a situação de Lisa, ele a levou imediatamente ao veterinário, mas enquanto ele pegava o bisturi, Lisa não aguentou e faleceu.

Meu avô me ligou, mas a ligação acabou caindo na caixa postal. Ele tentou novamente, mas desta vez ligou para Marcos, que atendeu e passou o telefone para mim. O avô explicou a situação da gatinha, não aguentei e comecei a me desmanchar em lágrimas, ficando cada vez mais irritado com Marcos, começando uma briga dentro do ônibus, fazendo uma algazarra tão grande, que nós quatro acabamos sendo expulsos pelo motorista.

No meio da rodovia, vimos um restaurante, peguei meu celular e liguei para meu avô, para que ele fosse nos buscar. Na volta para casa, disse a ele que não queria mais voltar à escola na próxima semana por causa do falecimento de Lisa, estava muito triste e magoado.

Depois de uma semana, quando finalmente voltei para escola, em minha sala, havia entrado uma nova aluna, fiquei encantado, quando perguntei me disseram que seu nome era Lisa.

Olhei para o fundo da sala e vi então o olhar enfurecido de Marcos... Bom, mas isso é história para outro dia, meu netinho...

— Está bem, vovô Daniel.

Pedro, neto de Daniel, se arrumou para a escola com medo de Bruno, o valentão da escola. Logo na sua chegada no 4º ano, quando foi barrado por Bruno que disse:

Dê-me seu lanchinho ou contarei para todos que você faz xixi na cama!

Ele ignora o valentão e passa reto, porque também é tratado dessa maneira por todos.

O menino popular conta a seus amigos populares que Pedrinho faz xixi na cama e todos começam a irritá-lo, atacando bolinhas de papel nele. Então, ele vai à Diretoria para se salvar do bullying. Quando perguntam para qual responsável devem ligar, imediatamente ele diz para chamarem seu avô, a quem ele amava muito.

No meio do caminho, Daniel encontra uma ninhada de gatinhos e pensa que talvez um mascote poderia animar o neto. Logo que encontrou Pedro, já foi contando o que viu no caminho e pensou que, em vez de pegar um gatinho, eles pudessem pegar a ninhada inteira e ajudar a doar os outros gatinhos.

A doação foi um sucesso, quando sobrou apenas um gatinho, algo inesperado aconteceu, Bruno, o valentão, foi quem apareceu, mas para a sua surpresa ele foi educado e calmo e quis adotar o bichinho. Quando Bruno pega o gato, pergunta a Pedro que nome ele daria, já que não sabia que nome daria a uma fêmea, e o garoto responde:

— Lisa

Bruno adota a gatinha e sai, Daniel vendo tudo aquilo fica espantado com a resposta do neto e pergunta de onde ele tirou esse nome, o que ele responde:

— Foi uma ideia boba do meu pensamento, vô.

Eles olham para o outro lado da rua e veem, ao mesmo tempo, um senhor falando com Bruno e, quando se aproximam, percebem que era Marcos.

Daniel se aproxima dos dois e fala com Marcos depois de tantos anos, e os dois, percebendo o tempo que perderam e a nova oportunidade que estavam tendo de retomar a amizade, se cumprimentam rindo de tudo, ao mesmo tempo Daniel e Bruno começam a conversar pela primeira vez com seus gatinhos no colo. Bruno nunca mais infernizou Pedro e ainda passou a defendê-lo dos outros perseguidores.



Entre memórias escondidas

Manuella Magalhães Dias, 12 anos

Bem, em março de 2020 aconteceu o fim das aulas presenciais em minha escola, e isso no começo era muito bom, mas acabou que foi ficando cansativo. Ficar trancada em uma casa por quase um ano. Eu não consigo me lembrar muito bem dos primeiros meses, apenas do mês do meu aniversário que foi em agosto, e foi daí em diante. Esse ano eu completava 11 anos, foi com essa idade que eu ganhei meu celular, que foi o presente que eu sempre quis ganhar desde criança e, por incrível que pareça, esse presente mudou minha vida, com ele eu mudei meus gostos musicais, estilo, caráter, notas etc.

Já 2021 foi um ano mais complicado, corrido, pois eu tive dificuldades e vários problemas diferentes de 2020, que mesmo tendo dificuldades também vai ser o meu ano preferido, mesmo eu não tendo nem 3 meses de aula no ano, não ter tido nenhuma conexão com os meus amigos, isso não me abalava, eu queria ter aproveitado aquele ano o quanto eu podia, gostaria de revivê-lo mais uma vez, como todos os outros anos da minha vida.

Em 2021, bem no começo do ano, eu já estava mais desanimada porque meu avô por parte de mãe havia acabado de sofrer um AVC e havia milhares de lições para fazer, provavelmente mais de 100 atrasadas e minhas notas estavam extremamente ruins.

Até que, em maio de 2021, a escola deu um comunicado que iriam começar as aulas presenciais novamente, e isso me fez ter a sensação dos meus primeiros dias de aula a cada ano que passava.

No começo foi complicado não ter ninguém para conversar ou apenas dizer um simples “oi”, mas ao longo do tempo fui me acostumando. Nos dias que eu precisava ir para a escola, eu ia apenas um dia sim e outro não, mesmo sendo poucos dias indo para a escola eu torcia para que não houvesse aula, pois sabia que eu teria que ficar sozinha de novo, e isso me lembra quando eu era do primeiro ano do Fundamental, quando a turma não gostava de mim e, até hoje, tenho certos problemas com o primeiro dia de aula e começo de ano na escola.

Depois, quase no começo de agosto, a escola mudou todas as regras, para metade dos alunos começarem a comparecer nas aulas presenciais que seriam uma semana sim, uma semana não.

No começo das aulas, eu fiquei muito nervosa, eu não sabia se iria reencontrar meus amigos de volta ou apenas pessoas que eu nunca suporrei. Quando eu já estava fazendo algumas semanas de aula, eu havia encontrado duas amigas que fazia quase dois anos que eu não via, elas eram Fernanda e Maria Fernanda, que, com o tempo, eu fiquei muito apegada a elas, então não desgrudávamos por nada.

Tudo ia muito bem na escola, até ela anunciar outro comunicado, que, no mês de outubro, todos os alunos de cada ano teriam que comparecer na escola para começar as aulas presenciais diariamente sem interrupção de dias da semana, e vamos dizer que pra mim isso não tinha sido nem um pouco agradável.

A volta às aulas com todos os alunos não tinha sido muito agradável, pois não estava me acostumando muito com tantas pessoas, mas pelo menos minhas notas estavam muito boas e isso me deixou feliz, pois pelo menos um dos meus objetivos estava dando certo.

Tudo corria normalmente, todos os dias pareciam os mesmos, até chegar no dia 25 de novembro, que foi o dia do aniversário do meu tio e a morte do meu avô. Isso afetou tanto a mim quanto à minha família, depois da morte dele as coisas começaram a ficar diferentes, minhas notas começaram a cair, não tinha ânimo para fazer nada, até chegar no dia 25 de dezembro.

O Natal por incrível que pareça tinha sido perfeito, tirando o fato de que no Natal e na comemoração do Ano Novo tem muitas pessoas, mesmo que seja a família, e eu não gosto muito. Para mim pode ser um pouco desconfortável, eu não sei explicar isso muito bem.

Nas férias, houve tanto coisas boas como ruins. No começo delas, eu havia pegado COVID 19 e tive que ficar 10 dias afastada de tudo e de todos. Aí, no começo das aulas, eu já estava me acostumando com todas as pessoas que hoje em dia estão na minha sala estudando junto comigo. Eu fiquei bem surpresa que em menos de 2 meses de aula, eu já ter gostado muito da minha sala e já ter me acostumado com ela, a professora é uma das melhores professoras que tem na escola, junto com a professora Roberta, ela e a Raquel foram as melhores professoras que já tive na vida.

Eu amo a professora Raquel, pois ela sempre tenta fazer com que a gente (meus colegas de classe) tenha um ótimo ensino e que nós tenhamos um ensino mais avançado que os outros 7º anos e isso é muito bom, e também é bem difícil quando ela nos dá uma bronca, fazendo com que nossa educação venha à tona. Já da professora Roberta, que foi minha professora do 2º ano, sou mais próxima, e isso me faz gostar muito dela.

Eu gostei muito da professora e da minha sala, já que eu tenho um grande problema que é o das muitas funções fora do horário de estudos, que são: Diretora Social do Grêmio, representante de turma, aluna monitora da robótica, membro da AEL, que acabam me cansando demais e isso acaba fazendo com que eu tenha pouco foco nos trabalhos/assuntos, mas, no final, eu tento fazer com que tudo saia em perfeito estado.

Minhas memórias são muitas? Umas muitas vezes boas e outras muitas vezes ruins, eu até gostaria de falar de alguns flashbacks meus, porém minha memória na hora de escrever não funciona muito e dá branco e algumas delas que consigo lembrar acabam que ficam borradas.

Mas independentemente de tudo isso, gostaria de ter memórias para guardar por toda a minha vida.



Minha boneca

Aline da Silva de Souza, 13 anos

Quando eu tinha mais ou menos cinco anos, me lembro de uma boneca que ganhei em meu primeiro aniversário, eu gostava muito dela, a levava para todo lugar, como se fosse minha melhor amiga.

Toda vez que chegava da escola, assistia a um programa de TV em que havia uma boneca que falava e interagia, como se fosse humana. Não pensei muito e logo percebi que era isso que queria.

Orei todos os dias, desejando que a minha boneca de pano se tornasse real, após muita espera, ainda não tinha esquecido do meu pedido.

E então, no meu aniversário de oito anos, ouvi uns barulhos, vindos de uma sala com uma porta trancada. Espiei pelo buraco da fechadura esperando levar um susto e vi minha boneca vivíssima bem ali. Esperançosa, tentei abrir a porta de todas as formas e, quando finalmente consegui, dei-lhe um abraço. Mas... não durou muito. Era um sonho e acordei com minha mãe dizendo que a cachorra estava esfaqueando Lili, minha boneca de pano. Peguei a boneca com uma perna rasgada e chorei.

Minha mãe então, vendo minha tristeza, decidiu que era uma ótima oportunidade para me ensinar a costurar. Assim, carreguei minha primeira costura acompanhada de muitas lembranças.

Tenho medo de te esquecer

Juliana Aparecida Soares Ribeiro, 14 anos

Tenho medo de esquecer você cantando para mim, todos os dias antes de dormir.

Tenho medo de esquecer você costurando sem parar.

Tenho medo de não lembrar de você sorrindo para mim, enquanto preparava o jantar.

Tenho medo de não lembrar daquele aniversário que você me fez chorar por comprar um brinquedo que eu queria tanto.

Tenho medo de quando entrar na sua casa, não te ver e começar a chorar sem parar.

Tenho medo de esquecer das festas de família que tu fazias.

Tenho medo de não ter mais a alegria que eu tinha quando estava em sua companhia.



Memórias dolorosas

Geovanna de Moraes Mafra Pinto, 14 anos

Durante muito tempo, lembrei daquele momento.
Por mais simples que tenha sido, me senti completa.
Ainda consigo lembrar do aroma terroso produzido pela chuva.
A música baixa e o som das risadas altas.
Por mais que o dia estivesse nublado e frio.
Ainda assim, consigo me esquentar com o calor do seu abraço.
“Oh querido amor! Volte para mim”.
Eu dizia a mim mesma em meus pensamentos.
Mas sabia que isso seria impossível,
Pois procrastinei demais, e os momentos
Que eu poderia ter vivido mais
Se tornaram memórias.

Lembrar dela

Nicholas Yuri de Carvalho, 14 anos

Memórias são uma coisa engraçada,
principalmente se é com alguém que você ama,
já amou....

Você conhece uma pessoa,
começa a gostar dela e assim nascem memórias.

No momento em que você namora aquela pessoa,
as memórias vão sendo construídas.

mas quando você termina com essa pessoa que você tanto amou,
as memórias são doloridas.

você e ela novamente são estranhos
mas basta uma “coisa qualquer” para reacender a memória daquela vez!



Ana Beatriz Duarte da Silva, 14 anos

Hoje foi o dia mais incrível da minha vida!

Eu tenho 14 anos e, pela primeira vez, eu saí com os meus amigos sem meus pais.

Saí para o meu primeiro rolê, e amei apesar dos perrengues.

Primeiro, minha amiga atrasou duas horas e, quando ela chegou, fomos logo comprar os ingressos. Pela demora, o lugar acabou sendo embaixo do telão, mas até que era bom. Na hora de pagar, o atendente não tinha troco para 50 reais, mas não me abati. Após não conseguir trocar, paguei o meu e do meu amigo que depois pagou a comida.

O filme foi incrível, gostei bastante.

Na hora de sair e ligar para os meus pais, percebi que não tinha mais bateria, e bora comprar uma tomada para ligar para meus pais me buscarem.

Quando voltei, fiquei muito irritada ao descobrir que todos tinham ido embora. Mas, no final, voltaram e não me deixaram sozinha, como amigos que verdadeiramente são.

Rayane Vitória Gomes dos Santos, 13 anos

Este meu dia na AEL 2022 foi mágico!

Nós chegamos muito animados, no dia anterior tínhamos combinado de fazer uma festa surpresa para a professora Paula.

Tudo combinado, bolo, velinhas e afins. Então, vendamos ela e fomos para a Sala de Leitura, que alegria, muito parabéns e muito amor!

Depois da festa, fizemos as atividades da AEL, escolhemos livros para leituras na próxima aula, na qual iríamos apresentar poemas, conhecemos livros novos que chegaram e até ajudamos a organizar o acervo.

AEL é sempre muito encantamento.

DRE

Pirituba / Jaraguá



Fragmentos das Memórias

Jessica Souza Cerqueira, 13 anos

Memórias são fragmentos de tempo que ficam guardados em nossa mente.
Memórias são um lembrete do passado, de algumas coisas que não podemos repetir.
Memórias guardam lembranças, que geram força.
Memórias guardam lembranças, que geram saudades...

Memórias às vezes trazem tristeza, que hoje se transformam em superação.
Memórias às vezes trazem alegria, que hoje se transformam em felicidade.
Memórias são memórias...
Memórias são aquele segundo que nosso cérebro registra algo que podemos um dia querer recordar.

Memórias são a versão da história de cada um!
Memórias são um tesouro que todos os dias lutamos pra manter.
Memórias viram histórias que os mais velhos contam para os mais jovens, sejam heranças boas ou ruins, mas sempre com um ensinamento a aprender.
Memórias são a nossa conselheira de vida, que nos cobra o que não podemos mais corrigir.

Memórias são tão vastas...
Memórias são coisas que lutamos para manter e podemos perder.
Memórias são coisas que tentamos esquecer, mas a lembrança nos domina, de forma que ficam marcadas para sempre.
Memórias são uma playlist que a alma cria para nos tornar humanos, é um flashback curtinho, um trailer do filme da nossa vida, que não pode ser mais assistido.
Memórias são algo assim, triste ou feliz, boa ou ruim, mas que enquanto vivermos nunca terá fim.



O início do sonho

Thiago Sousa Santos, 15 anos

Não lembro o dia nem a hora, mas era no turno da tarde. Apesar de não lembrar o dia, me lembro que foi no ano de 2018, me marcou, pois foi ali onde fiz minha primeira poesia.

A professora do quinto ano nos alertou: “Hoje vocês vão fazer poesias”; eu, um garoto de 11 anos, nunca havia feito nenhuma poesia em minha vida, e o porquê de fazermos aquilo? Simples, um poeta muito famoso iria vir à escola. Seu nome? Sérgio Vaz, e assim fizemos. Todos escrevemos nossas poesias e recitamos na frente de todos da sala.

Se eu tinha vergonha? Não, muitas e muitos ficaram perplexos com a poesia que um garoto de apenas onze anos havia feito, e a professora explicou que não só o Sérgio viria, mas também haveria um sarau e que eu poderia recitar minha poesia lá. E assim fiz, na frente de um dos maiores poetas do Brasil e da atualidade, eu li meu poema e ele gostou.

Repórteres também estavam lá, acompanhados de câmeras gigantescas, que confesso me assustaram um pouco, eles me entrevistaram depois de ter acabado o sarau e eu apareci numa reportagem.

Com minha primeira poesia fiz tudo isso.

Três anos depois, com essa mesma poesia, publiquei no livro “Descobrir-se autor”. Uma baita lembrança pra mim!

Memórias

Thiago de Sousa Santos, 15 anos

Armazenamento cheio nessas câmeras vazias
Memória do celular lotada com lembranças inexistentes
Com doces lembranças em sua galeria
E ao invés de smartphone, que tal guardá-las em sua mente?

Memórias moldam o que faço, gosto e o que sou
A cada dias novas lembranças eu promovo
Elas me ajudam a lembrar o que a vida ensinou
E me ajudam a não cometer os mesmos erros

Memórias me fazem lembrar aonde cheguei: por isso estou aqui
E todo dia uma nova lembrança é sempre bem-vinda
E se agora você está lendo o que escrevi
Parabéns, eu recordei: ao que dedico minha vida

Tenho lembranças de quando comecei a fazer poesia
Mente fértil e a caneta na mão
Logo depois veio a “cooperifa”
Valeu Sérgio Vaz, você é inspiração

Lembro da repórter nos entrevistando
Ali por jornalismo despertei um amor
E com um projeto criando
Em 2021 me descobri autor

Escuridão não há

Thais Vieira Granja Penhoela, 12 anos

Quando era pequena, aproveitava a infância, mamãe preparava o almoço: “Filha vem comer” - dizia. Papai disse: “Sua mãe está doente!”.

Sem acreditar, subi para o quarto de minha mãe, mas ela não estava mais lá, ficou no hospital!

Contava os dias para vê-la, sentia saudade daquele abraço, histórias, aquele macarrão que só ela sabia fazer...

Deitada na minha cama, papai falou para eu tomar banho e pôr uma roupa bem bonita, eu obedeci! Chegando no hospital, vi minha mãe com um roupão feio, pálida, no mesmo instante abracei ela! O tempo passou rápido! A enfermeira avisou: “Seu tempo acabou!”. Comecei a chorar e mamãe foi para o seu quarto.

Perguntei para o papai: “O que mamãe tem?”. Ele respondeu: “Ela tem tumor!”.

O tempo passava e eu ficava com mais medo de perder mamãe! Perdia a fome!

Certo dia, acordei com a feliz notícia que mamãe não estava mais doente, fiquei muito feliz!

Lembro até hoje quando fizemos a festa de aniversário no hospital, quando a médica desenhou minha mãe!

Na casa da minha vó

Nicolly Passos da R. Dantas, 13 anos

Lembro-me como era maravilhoso viajar para sua casa!

A melhor parte era quando já estávamos próximos de sua casa. E descíamos a ladeira cheia de buracos e com muitas pedras.

Estacionávamos o carro, e eu já ficava eufórica, não sabia o que ia dizer e nem o que ia fazer, mas sempre nos recebiam com um sorriso de orelha a orelha. E tudo que eu fazia era pedir a “bença” e dar um abraço caloroso em todos e percebia que não tinha motivo para ficar ansiosa.

A melhor parte do dia era na hora de comer! Suas comidas sempre foram as melhores, minhas tias tentam superar suas gostosuras e até minha mãe, mas nunca ficaram iguais. A sua comida tem um sabor inigualável!

Bom, são memórias inesquecíveis, mas é uma pena que não terá como criar novas memórias, porque você se foi, mas o que me resta são lembranças boas!



Um desabafo rápido

Jeovanna Lana Muniz Lopes, 12 anos

Durante a pandemia, eu só pensava em dormir e tentar viver “normalmente”. Quando tudo estava se restabelecendo, eu comecei a acordar cedo para ir à escola para tentar ter um ótimo dia, na medida do possível, até porque depois dessa pandemia ninguém ficou bem, “tipo normal”, sabe?

Eu não tinha problemas, antes da quarentena tudo era diferente, realmente normal, ninguém parecia ter tantos problemas. Eu mesmo era uma ótima aluna, eu fazia tudo certo, mas...

O que essa pandemia fez conosco?

Lembranças

Mayara da Silva Rezende, 12 anos

Às vezes, acordo triste, sem saber o que pensar,
Só me restam lembranças, que não irão mais voltar.
Sempre pensei comigo, como entender a vida?
Temos que sentir tristeza, para podermos vencer?
Perdi um pedaço de mim, minha mãe, minha vó querida!
E essa minha lembrança, jamais será esquecida.
Termino o poema assim...
Reflitam, amigos da AEL
Dê amor em abundância, àqueles que você ama,
Pra não terminar somente nas lembranças.

Memórias que formam a gente

Isabella Castro da Silva, 13 anos

Memórias são relativas,
algumas infelizes,
outras felizes.

Memórias são brincadeiras do nosso cérebro,
quanto mais não queremos lembrar,
mais lembramos.

São como sonhos,
os pesadelos são mais recorrentes,
e os sonhos, nem tanto.

Memórias são e sempre serão importantes,
por vários motivos, mas o principal:
para formar a gente.

Nostalgia

Marcela Rezende, 14 anos

Memória é quando você vive novamente seu melhor momento ou seu pior trauma.
Lembrar é ótimo, te faz ver o quanto mudou para melhor ou pior!
Se foi feito de vítima ou te ajudou a se perder.
Não sabe se foi lembrança ou um sonho, mas sempre se repete quando você pega no sono.
Aquele gostinho de infância, nostalgia daquele dia: é maravilhoso ou rancoroso?
O tempo te faz ver o quanto você amadureceu, depois do choro ver o que te fortaleceu.
Memórias te trazem felicidade.
Memórias te trazem tristeza.
Memórias te trazem raiva.
Memórias te trazem fraqueza.
Mas sempre te fazem sentir que ainda está vivo e não pode desistir.
Entre choros e risadas, tudo isso ficou no passado.
Mas nunca coloque um cadeado.

Pressa de uma vida devagar

Marina Santana Lisboa, 14 anos

Um parque, milhares de histórias, memórias, fofocas e correria.

Ah, essa doce e bela infância que tenho pressa para que volte, essa infância que tenho tantas memórias, e tanta saudade, de uma vida com gosto de algodão doce e pipoca.

Em um pátio multicores, correria de crianças cantarolando por aí.... Agora não mais um pátio multicolor, agora é tudo acinzentado, escuro e vazio, o que me resta são saudades.

O que me resta? Ah, me resta medo, medo dela, a pavorosa e assustadora adolescência, me resta também ansiedade, para que tudo passe com um estalar de dedos, ou com um abraço de minha mãe, afinal era assim que tudo era resolvido no passado, o passado que tenho pressa para que volte.



DRE

Santo Amaro



Carolina e Liliane, quase um cordel

Ana Clara Anjos Lima, 10 anos
Afonso Rodrigo Ferreira Gonçalves, 9 anos
João Pedro Damaceno dos Santos, 9 anos
Murillo Santos Nascimento, 9 anos
Brayan Freitas de Andrade, 9 anos
Dhenifer Feliciano Silva, 9 anos
Lorennna Alves Mendonça, 9 anos
Rayssa Vitoria dos Santos Bonfim, 9 anos
Victor Hugo de Oliveira Santos, 10 anos
Maria Eduarda dos Santos Vergniani, 11 anos
Maria Eduarda Silva Barbalho, 11 anos

Sophia Cristina Rodrigues da Silva, 11 anos
Kauan de Jesus Santana, 11 anos
Lorany de Souza Santos, 10 anos
Ketlyn de Lima Batista, 9 anos
Vitória Rodrigues Afonso, 9 anos
Nicoly Feitosa Fernandes, 10 anos
Enzo Henrique Pereira Silva, 11 anos
Pablo Henrique dos Santos Delfino, 11 anos
Vitória da Costa Silva, 10 anos
Livia Soares Cabral dos Santos, 10 anos

Na periferia da Cidade Ademar
Uma escola pequenina
Mas boa de estudar
Tem coisas legais
Mas precisa melhorar

Muito antigamente
Tinha aqui uma fazenda
O terreno era da Júlia
Que precisou pôr à venda
Então dividiu em lotes
Assim diz uma lenda

Uma parte virou campinho
Para se aproveitar
Tinha flores com espinho
Perigoso se espetar
Fazia parte do caminho
E era legal pra brincar

Depois anexo ao campinho
Um centro de convivência
A população atendida
Com muita eficiência
Negro, branco ou indígena
Era boa a experiência

Tantos interessados
Já não cabia mais gente
Sob a região acidentada
Plantada uma semente
Que muito frutificou
E cresceu absurdamente

O espaço foi ampliado
A escola de lata surgiu
No calor insuportável
No inverno muito frio
E com o vento forte
A escola quase caiu

Sobre uma mina e pedras
A escola foi construída
Comunidade atendida
Foi uma excelente saída
Todos do bairro estudavam
Só era difícil a subida

Numa área pedregosa
A escola na pedra criada
Seu primeiro nome dado
“Pedra sobre Pedra”, batizada
Todos ainda a reconhecem
De Pedra sempre chamada

Da precariedade da lata
O prédio de alvenaria chegou
Lembrei de nossa patrona
Que best-seller lançou
Da favela do Canindé
Pra casa de alvenaria mudou

Professora Liliane
Profissional respeitada
Nome oficial da escola
Sofreu tragédia inesperada
Na Avenida Engenheiro Arruda
Sua vida foi ceifada

Agora só têm crianças
Mas já teve EJA aqui
Mães e avós atendidas
Não queriam sair daqui
As famílias eram felizes
Mas não puderam decidir

Após vinte e dois anos
É preciso reestruturar
Melhorar as salas externas
No terreno irregular
Espero que esta reforma
Venha para melhorar

Na periferia da Zona Sul
Divisa com Diadema
Situação difícil
Viver é sempre um dilema
A educação é essencial
Pra mudar este sistema

Carolina Maria de Jesus
Na AEL homenageada
Por toda comunidade
Muito respeitada
A favela de Carolina
Pela educação transformada



Eu sei que ela está ao meu lado

Jeniffer Paloma Oliveira Costa, 14 anos

Joana Maria da Conceição, uma senhora com vários problemas de saúde, carinhosa, um ser humano normal, com defeitos e qualidades, morava na Zona Sul de São Paulo, Jardim Ubirajara, um bairro simples, mas muito alegre. Eu tenho várias lembranças com ela ali, mas tem uma que eu nunca esqueço, que foi a última memória.

Dia vinte de setembro de dois mil e vinte e um, um lindo dia por sinal, meu irmão estava brincando na laje junto com a minha cachorra, a Maya, eu estava na sala deitada no sofá mexendo no meu tablet. De repente, eu ouvi minha vó me chamando, fui até a casa dela que é debaixo da minha, chegando lá fui direto para o seu quarto, Joana começou a me mostrar onde ela guardava as coisas dela, principalmente as de mais valor, porque ela ia para o hospital, tomar um miserável e simples sangue. Algumas semanas antes, ela havia feito alguns exames e neles acabou mostrando que ela estava num estado gravíssimo de anemia, uma doença que leva as pessoas que nós mais amamos e que só deixa memórias e saudade para trás.

Naquele momento, eu acabei não dando muita atenção para ela, na minha mente meu tablet era bem mais importante que aquelas coisas que ela estava mostrando, nem me preocupei muito, e me arrependo amargamente.

Passaram-se dias, semanas, meses, e ela internada. Naquele tempo, ela acabou tendo que amputar as duas pernas. Para quem andava para cima e para baixo, não parava quieta, se pudesse viajaria o mundo inteiro andando, foi uma doideira aquilo; ficar parada não era com ela não.

Mas, por causa de uma bactéria que se espalhou pelo seu corpo, infelizmente, ela não iria mais poder fazer aquilo com tanta felicidade. Eu sofri muito naquele tempo, só de imaginar que as aventuras não seriam as mesmas, com aquela empolgação, com tanta alegria, como se fosse uma criança de cinco anos que não para quieta por nem um minuto. O que não me faltam são memórias dela andando.

Internada, o estado só ia piorando, a família inteira preocupada, eu principalmente, porque eu era a sombra dela, raramente as pessoas a viam sem mim, muitos diziam que eu era a companheira dela, porque desde que nasci, eu não saía do pé dela, e se eu soubesse que ela tinha saído sem mim, eu até chorava, era como se ela tivesse me abandonado.

Durante os três meses que ela ficou internada, eu só conseguia vê-la por chamada de vídeo, ali eu não conseguia matar muito a minha saudade, eu queria a tocar, abraçá-la, beijá-la, eu queria principalmente cuidar dela. Naqueles meses, uma outra memória que vinha sempre na minha cabeça era eu fazendo a unha dela nos finais de tarde, nos finais de semana ela arrumava os cabelos, e logo depois ela arrumava os meus cabelos também, para no domingo a gente ir cedo à igreja. Todos os domingos, acordávamos bem cedinho para adorar ao nosso senhor, nós duas éramos obreiras na igreja, a gente orava para as pessoas e ajudava o pastor.

Até que, num sábado, dia dezoito de dezembro de dois mil e vinte e um, um dia frio e chuvoso, com aparência bem triste, recebi a notícia que eu infelizmente já esperava: Joana Maria da Conceição, minha avó, minha mãe, minha guerreira, minha melhor amiga, minha companheira tinha falecido. Fiquei sem reação, no momento que eu recebi aquela notícia, não sabia se chorava ou se ajudava meu pai com o meu irmão.

Quando já era noite, fui até o quarto dela pegar sua roupa de obreira, porque uma coisa que eu não me esqueci foi de ela falando para mim que quando falecesse queria ser enterrada com aquela roupa, a peça de roupa que ela mais gostava. Ali separando a roupa, só passava na minha cabeça que eu tinha perdido a pessoa que eu mais amava na minha vida. Cada roupa que eu pegava era uma memória diferente, olhava para aquele quarto úmido e gelado e vinham mil e uma memórias na minha mente, tantas que até daria para escrever um livro de muito mais que quinhentas páginas.

Infelizmente, tive que enterrá-la no dia do seu aniversário, dia 20 de dezembro. Num cemitério sem graça, sujo, sentada numa cadeira, eu chorava sem parar, olhava para todos os lados sem poder acreditar que aquilo estava acontecendo de verdade, eu pensava, a todo momento, que aquilo era um pesadelo, que a qualquer hora eu acordaria. Eu pensava em tantas coisas que ela queria ter feito e que infelizmente não conseguiu.

Agora, depois de quase cinco meses sem a minha avó, só resta saudade e memórias que eu passei com ela, memórias tristes e felizes. Todo dia eu sinto um aperto no meu coração, mas eu sei que onde ela estiver ela está bem... Às vezes, eu até sinto o cheiro dela, um cheiro suave e gostoso de sentir, nesses momentos que eu sei que ela está ao meu lado.

Infância

Carolynne Moretto Chagas, 14 anos

Às vezes, sinto saudades da minha infância.
Em um bairro periférico cresci,
Morei até meus oito anos,
Ali era muito legal,
Parecia uma peça teatral.

Nos finais de semana,
A gente brincava na escolinha
De pega-pega e pular amarelinha.
Quando estava muito calor,
Moedas transformavam-se em geladinhos.

A situação não era boa,
Mas éramos felizes.
Não era o dinheiro que trazia a felicidade
Eram as brincadeiras até tarde...

Quando a primavera chegava,
Tudo melhorava,
O suor? A gente secava!
E tudo era uma bela palhaçada!
Não existiam lágrimas,
Nem decepções,
Éramos brincalhões.

Mas o futuro veio diferente...
Tudo mudou,
Tudo sumiu.
Agora, dos bons tempos,
Só restam lembranças...

Meu antigo companheiro

Vitória Francisca de Oliveira Cavalcante, 13 anos

Para César, um gato brilhante que se tornou uma estrela, que não poderá ler este texto, mas foi lembrado em cada frase.

César surgiu em minha vida com a mesma velocidade que partiu, rápido, mas foi o suficiente para eu amar e me apegar àqueles olhos verdes e pelo amarelo, um pouco puxado para o laranja na verdade. Um dia, eu fui buscar um gato calado, mas curioso, que dormia em uma pequena caixa com furos, e no outro, ele partiu sem nem me dizer que estava indo.

Fico triste quando me lembro dele, não porque meus dias foram tristes ao lado dele, mas fico triste por lembrar que ele não está aqui, ele foi meu pequeno companheiro laranja com olhos verdes brilhantes, e lembrar disso me deixa feliz. Lamento por não ter tido mais dias com ele, mas me conforta lembrar dos dias rápidos que tivemos, dos arranhões, de coisas minhas que ele destruiu em suas brincadeiras, aquelas coisas não me fizeram falta, se tivesse de destruí-las novamente para tê-lo aqui, as jogaria fora sem problema. Pode parecer bobo sentir falta dele assim, mas não consigo evitar isso, sempre gostei de gatos e outros animais.

Quando tinha mais ou menos seis anos, chegou em minha casa, no dia do meu aniversário, uma gatinha, que parecia não ser muito social, pois passava seus dias escondida atrás de um móvel na sala da nossa antiga casa. Com o passar dos anos, fui quebrando aos poucos aquele seu coração de gelo que não gostava de visitas e fui conquistando sua confiança. Hoje somos inseparáveis, seu nome é Shakira. Sim, um nome bem exótico para uma gata, mas eu não o escolhi, então não tenho como explicá-lo.

Quanto ao César, eu acho uma coisa estranha pensar que ele se foi tão rápido enquanto a Shakira está comigo há tantos anos, as pessoas dizem que o natural é o mais velho nos deixar antes, mas acho que nem sempre é assim, César se foi em cinco meses, mas Shakira me acompanha há anos. Acredito que não seja possível prever quando as coisas irão mudar e quando alguns amores irão partir. Não quero pensar nos maus momentos, eu nunca fui fã de remoer as memórias ruins ou focar no lado negativo das coisas. Não teve um só dia em que não ficasse triste lembrando do César, ele era aquele tipo de gato que parecia sentir o que seu dono sente, e ele me confortava quando eu estava triste.

César era tão especial que fez a beleza florescer em lugar que não era tão bonito, não estou falando do meu coração, se bem que ele, meu coração, também se tornou mais bonito depois que César apareceu. Enfim, falo dos fundos da minha casa, um quintal bem largo e meio esquecido pelas festas de família que antes aconteciam ali frequentemente. Lá cresciam aquelas plantinhas próprias de lugar abandonado, até que eu vejo uma certa beleza nelas, pois gosto de plantas, mas, em geral, elas são arrancadas e jogadas fora quando o dia da limpeza chega. Lá batia bastante sol durante o dia e, nas tardes ensolaradas, César amava ficar ali, aquele era o lugar favorito dele, e eu, como uma boa companheira, ficava lá passando algumas horas sentada, observando-o brincar. Aquelas tardes, além de me renderem bons momentos com César, me renderam ótimas fotos que hoje guardo com carinho. As fotos são para mim uma memória no tempo, retrato de bons momentos.

É assim que sempre vou me lembrar de César, ele tinha uma felicidade simples que o deixava contente com algo tão bobo como um carinho no queixo ou um quintal abandonado com entardeceres ensolarados. César sempre será assim para mim, brilhante como as tardes de um sol amarelo alaranjado na minha memória.



Esquisitos

Melaize Silva Bispo, 14 anos

Eu nunca tive amigo nenhum. Até um dia, na quarta série, quando entrou uma menina nova na minha sala. Eu conversava apenas com dois meninos que considerava meus colegas: Pedro e Lucas.

Pedro, como eu me lembro, era baixinho, meio gordinho, tinha um cabelo curtinho cacheado, e adorava k-pop. Para mim, sua característica mais marcante era que ele gritava por tudo! Particularmente, eu o achava bem engraçado. Apresentei ele para o Lucas, e os dois ficaram muito amigos porque, curiosamente, eles também tinham os mesmos gostos. Nós torcíamos para ganhar os livros de uma franquia de jogos de terror!

Pedro ganhava todos e fazia questão de mostrá-los, contar coisas sobre os livros e nos fazer ficar com mais vontade de ler. Com o tempo, a convivência com Pedro ficou insuportável devido a algumas coisas que ele fazia. Lucas tinha os cabelos lisos, diferente do Pedro, com seus cachos. Adorava jogos de terror e RPG, tinha problemas com o sono, sempre dormia durante a aula, isso acabava afastando ele das pessoas...

Quando cheguei na escola, ninguém se interessou ou tentou ir falar com ele, então criei coragem e me aproximei. Descobri que ele era uma pessoa muito legal e interessante, seu gosto musical expandiu meus horizontes e me fez descobrir coisas novas.

Há muitas coisas boas dessa época. Se eu fosse entrar em detalhes, ficaria escrevendo por semanas.

O problema é que, por conta de ele ser “esquisito”, eu fui julgado e xingado pelos garotos que eram populares entre as meninas. Nunca liguei para isso, mas que era horrível, era!

Um dia, eu reparei em uma garota (a menina nova). Ela estava desenhando um personagem de um jogo eletrônico, o que me deixou maravilhado e cheio de vontade de conhecê-la.

Eu nunca tinha falado com ela, porque o Pedro havia me dito que ela era estranha, mas depois que comecei a conversar com ela foi incrível: ela tinha muitos interesses e gostos parecidos com os meus.

O nome dela era Lucena.

Lucena tinha cabelos longos e lisos, um sorriso contagiante, olhos pretos como o espaço. Tinha um estilo emo/gótico, adorava k-pop, rock, desenhava muito bem. Adorava ler livros de terror, mas quanto à filme, preferia assistir comédia e romance.

Lucena, Lucas, Pedro e eu formamos um grupo chamado “Os Esquisitos”. Esse grupo era uma diversão para mim, e estar com eles sempre foi bom. Só que as coisas boas, principalmente na infância, na fase da escola ou em algum outro momento, começam, e começaram, a mudar. O grupo ficou bem estranho.

Quando estávamos todos juntos, a Lucena decidia ficar mais perto das meninas e ficava sem falar com a gente. Eu ficava lembrando sempre das histórias que ela contava. Ela gostava de ressaltar o fato de que era bruxa. Mesmo sabendo claramente que aquilo era mentira, eu me divertia, principalmente quando ela resolvia trazer velas e papéis com pentagramas desenhados. Lembro também que o Pedro ficava horrorizado com o que ela falava. Mas era um cara legal e, mesmo tendo medo, ele disse que continuaria a ser seu amigo. Lucena chegou a dizer para mim que sua avó era cirurgiã aposentada e que havia dado um coração para ela segurar durante um procedimento cirúrgico! Eu sempre me divertia com essas histórias absurdas e cheias de detalhes.

Eu não tinha me dado conta de que gostava da Lucena, até um dia em que tentei explicar isso a ela. Acabei não sabendo exatamente como fazer e ficamos os dois evidentemente muito confusos. Lucena disse que me via como apenas um amigo e naquele momento se sentia nova para isso, para abrir os olhos desse jeito para o mundo.

Infelizmente, esse grupo acabou se desfazendo com o tempo e eu sinto falta deles, por isso decidi contar um pouco desse tempo e de como eles eram. Escrever sobre eles é como trazê-los de volta mais um pouquinho.



Roubo de gargalhadas

Brenda Batista, 15 anos

Evelyn Halana Lima de Andrade, 15 anos

Soraia França, 11 anos

Yasmin Souza, 13 anos

Aos 15 anos, eu morava em uma cidade do interior com os meus pais e meus irmãos.

Um dia, após mais uma namorada terminar comigo e eu ficar desacreditado do amor, meus pais contaram que iríamos mudar para São Paulo, segundo eles, teríamos uma vida melhor.

São Paulo, cidade em que tinha o sapato do ano, o sapato da galera, o sapato que só pessoas da alta sociedade poderiam ter. Lembro-me, como se fosse ontem, da primeira vez que saí para procurar meu primeiro emprego e conseguir meu tão sonhado sapato. Fui a vários lugares, mas um em especial me chamou a atenção: a loja Sapatos da Luz.

Entrei, chamei o gerente e descobri que era “A” gerente, uma moça linda, com cabelos cacheados, cheiro de rosas e uma roupa incrível!

Na hora da entrevista, fiquei tão encantado com a beleza dela que, por alguns instantes, acabei esquecendo o meu verdadeiro objetivo, mesmo assim fui aprovado para a vaga de vendedor.

Trabalhei o mês todo muito feliz em estar quase atingindo o meu propósito, recebi meu pagamento e, ao final do dia, fui abordado de maneira rápida e assustadora por um garoto, com traços familiares: era baixinho, marrento, usava boné, camisa vermelha e short até o joelho.

— Parado, é um assalto! - ele gritou.

Fiquei com medo e entreguei tudo que tinha. Atordoado, voltei para casa e, quando pisei o pé na sala, encontrei o gatuno espertalhão sentado no sofá, tomando leite quente e comendo pão com creme de avelãs. Era Roberto, meu irmão mais novo, que pregara em mim uma peça, e, “às gargalhadas”, devolvia o meu salário.

A minha vontade era dar uns belos beliscões, porém, fiquei tão aliviado na hora que acabei gargalhando junto e esquecendo o ocorrido. Mas depois pensei que aquela brincadeira não tivera graça alguma.

No dia seguinte, me aprontei mais calmamente, fui comprar o meu tão sonhado sapato e, no mesmo dia, tomei coragem para pedir Jasmin, a “minha” gerente linda, em namoro.

Daí em diante, conquistei muito mais coisas que desejara, como por exemplo, sair para jantar com ela, comprar presentes e voltar a acreditar no amor novamente.



Eduardo de Macedo Soares Rodrigues, 14 anos
Elisa Reigota Peres Fonseca, 11 anos
Felipe Oliveira de Matos, 13 anos
Gabriel Bedini Vieira, 13 anos
Italo Roberto da Silva Freitas, 14 anos
Julia Medeiros Manenti, 13 anos
Maria Carolina Mendes da Silva, 14 anos
Thamiris Cristina da Silva Freitas, 12 anos
Victoria Carvalho Campos, 15 anos

Ana Luiza do Vale Cordeiro, 12 anos
Fernanda Pedrosa Valverde, 13 anos
Lais Moreira de Souza, 13 anos
Marina do Vale Alves de Souza, 9 anos
Jamylle Vitória Pereira da Silva, 14 anos
Alice Rodrigues Agostinho de Jesus, 11 anos
Alecio Henrique P. S. Mattos, 11 anos
Alicia Amanda Silva Santos, 11 anos

São Paulo, 20 de dezembro de 2022.

Querida Kitty,

Estou namorando faz um ano! Quer saber como começou a minha história de amor? Pois bem, vou lhe contar...

Eu estava no nono ano, curtindo sossegada o meu intervalo, quando Matheus, meu amor (mas que na época era só o garoto bonitinho da sala ao lado) roubou o meu lanche. Fiquei com muita raiva e acabei dando um “pescotapa” nele, começamos uma grande discussão, os ânimos estavam à flor da pele e acabamos nos empurrando, eu perdi o equilíbrio, acabei caindo por cima dele e quase nos beijamos por acidente. Foi um momento tenso!

Justo nessa hora, apareceu a Dona Jô, a inspetora de alunos da escola, e ao ver a cena toda achou que nós estávamos de “pegação”, você acredita!? Então, ela nos mandou para a direção, levamos a maior bronca e fomos alertados que se a gente ficasse namorando na escola íamos levar uma suspensão. Namorando... até parece! Nem deixaram a gente se explicar...

Depois desse rolo todo, para a minha surpresa, o Matheus veio se desculpar comigo, achei uma atitude fofa, afinal reconheceu o seu erro né, e, a partir daí, comecei a olhá-lo de uma forma diferente.

Contei o que estava sentindo para a minha melhor amiga Jamylle, que começou a “shippar” a gente.

Mas uns dias depois, ela começou a espalhar para a escola toda que eu e o Matheus estávamos namorando. Quando ele ficou sabendo do boato, achou que eu tinha inventado e espalhado a história, ficou revoltado e veio tirar satisfação comigo.

Ele me falou tanta bobagem, que minha vontade era de voar no pescoço dele, mas eu só consegui dizer que não havia sido eu e saí correndo para chorar no banheiro em paz. Eu estava envergonhada e com muita raiva.

Naquele mesmo dia, mais tarde, acabei recebendo uma mensagem dele pela rede social com um pedido de desculpas, mas somente ignorei. Na manhã seguinte, ele veio pessoalmente se desculpar, mas eu ainda estava com raiva e o deixei falando sozinho.

Matheus tentou se desculpar outras vezes, mas continuei ignorando, então sua última tentativa foi me convidar para ir ao cinema. Percebi que estava sendo dura demais, então resolvi aceitar o convite.

No final de semana seguinte, fomos assistir a um filme e, durante uma cena de beijo, comecei a chorar. O Matheus para me consolar passou o seu braço por cima do meu ombro, eu acabei apoiando a minha cabeça em seu peito e senti o seu coração batendo acelerado, olhei para cima e foi então que ele me beijou delicadamente. Depois disso, ficou um clima de vergonha no ar, mas ao mesmo tempo continuamos abraçados curtindo o resto do filme.

No fim da tarde, ele me levou para casa, mas não comentamos o que tinha ocorrido no cinema, me despedi e entrei correndo, cheia de vergonha, porém já apaixonada. Passei a noite toda pensando no Matheus e “stalkeando” suas redes sociais.

Na semana seguinte, passamos a trocar olhares durante os intervalos, mas ambos estávamos envergonhados e não comentamos sobre o beijo.

Eu não aguentava mais guardar aquele segredo e contei tudo para Jamylle. E o que ela fez? Saiu espalhando para geral!

A partir daí, em todos os intervalos, a galera começou a zoar com a gente, uns “shipavam”, outros faziam piadas e Matheus sempre envergonhado, desconversava.

Uns dias depois, para minha surpresa, o Eduardo, melhor amigo de Matheus, começou a me incentivar a não ficar mais com o seu amigo. Eu achei estranho, fiquei curiosa e perguntei o motivo, foi então que o Eduardo se declarou para mim!

Fiquei chocada! E justo nesta hora, o Matheus apareceu e ouviu tudo! Os dois começaram a brigar por mim, foi a maior confusão.

Foi nesse momento que passei o maior mico da minha vida, gritei para todo mundo ouvir que eu gostava mesmo era do Matheus, aí a briga parou, e o Eduardo saiu chorando envergonhado.

O Matheus resolveu me dar o maior beijão na frente de todos e, finalmente, se declarou e me pediu em namoro. Obviamente que eu aceitei!

Mas Kitty, você não sabe o babado que aconteceu depois disso, a Jamylle foi consolar o Eduardo, aí ela jogou na cara dele, “esquece a Marina e fica comigo”, nem deu tempo de ele pensar e ela já lascou um beijão nele. E para a felicidade geral da nação e dos amigos, agora temos dois casais apaixonados!

Ah querido diário, como é bom se apaixonar...



DRE

São Matens



Noah Frabris Silva, 13 anos

Havia um pequeno garoto que cantava quando todas as portas se fechavam
Que só cantava quando o mundo se perdia em sonhos
Que quando se encolhia, se via em um profundo buraco negro
Que quando se cobria, se perdia em memórias distantes
Que quando fechava os olhos
Via teu coração implorando por resgate
Que quando relaxava, se via no universo composto apenas por estrelas mortas
E cada uma delas perdeu o brilho assim como os olhos do pequeno menino
Para o pequeno garoto, as memórias são como um forte raio, o atingindo, consegue rasgar teu peito e lhe deixar o
coração partido.
Talvez a causa dessas terríveis memórias seja um antigo amor, que sem explicações o deixou
Com a solidão reinando dentro de si
O garoto se pergunta: “Por quais motivos eu ainda preciso existir?”
Eu já morri uma primeira vez
E não houve cerimônias para me dar motivo a viver.



Tempo voou

Miguel dos Santos Araújo, 13 anos

Quero começar estes poemas
Dizendo que antigamente eu vivia feliz
E relembro as memórias, vejo que
Estou vivendo infeliz

Tempo de pular corda, tempo em que realmente
Era possível se divertir, rir, dar gargalhadas de
Coisa besta e deixar livre a mente

As memórias têm diversas funções como
Trazer à tona momentos de decepção diversos
Momentos de euforia, tempos em que era normal
Vivermos com alegria, puxa, era sensacional

Hoje em dia, a maldade tem tomado conta da sociedade
Proibindo-nos de ter aquilo que mais queremos, a liberdade!

Eu ainda tenho muitas coisas a relatar, mas é necessário
Parar, uma pausa para aproveitar
ao menos um pouco deste mundo cruel
Torná-lo com mel

Memórias sejam elas boas ou ruins, todas têm uma função
Essencial para nossa vida e devemos lembrá-las em momentos
De uma vida deprimida a brilhar em um futuro com emoção.

Cicatrizes são experiências da vida
e todas ficam guardadas em nossa memória e devemos sempre saber:
memórias que ferem vão nos fazer lutar e avançar
Para uma vida que devemos ter.

Sonhos atordoados

Maria Júlia Nogueira da Silva, 13 anos

Meu sonho virou um pesadelo, meus pensamentos
São de terror, memórias doces, ah, meu Deus;
estão mais para show de horrores

Em um passado tão perto, lembro-me
de que ser criança ainda é minha esperança
A vida precisa ser uma crença de perseverança
Quanta dúvida em relação ao passado
Quanta incerteza pelo futuro
Brincar era muito puro, viver é duro

Um dia minha mãe me disse:
Filha, estude para ser alguém que brilhe
Lá fora todos precisam de luz
A luz que vem do teu sorriso é o que
as conduz

Essas palavras de minha mãe levarei
Buscarei encontrar razão das memórias que terei
Boa pessoa é o que me tornarei
E feliz eu serei

Lembranças e lambanças

Micaela Lorrany dos Santos, 13 anos

Pensar na minha pequena vida
Fez-me ver o quanto quero ser querida
Pelos meus pais, avós e tios
Algo que o dinheiro não compra
O amor que não vem dos vadios
Mas o amar que vem da família e que não são
Amores tardios

A esperança é poder voltar no tempo
Encontrar um consolo para meu lamento
A vida adulta é um sofrimento
Os encantos acabam e viram tormentos
Que dureza da vida. Que vida estranha
As paixões se acabam e o gosto acaba das castanhas

Naquele tempo, minha ingenuidade me levava a sonhar
Pensar na vida, brincar de representar, onde a vida era
Só cantar!!!
Antigamente tudo parecia bonito, tudo parecia colorido
Mas a idade vai chegando, e o colorido se tornando dolorido
E as ilusões se tornando um homem esbaforido
Que vida! Que noção! O menino ficando esquecido...

Por saudades

Lucca Ayala, 18 anos

Por todas as noites, me lembrei
Da saudade de sua pessoa.
Do quarto vazio que fica
Do silêncio, que na casa habita.

As tardes se tornaram tristes.
Com dores, sem intensidade.
Não há mais valores, conceitos
Os melhores por você.

Cafés de poesias
Que agora são cafés de memórias.
Cafés de saudades & muita história.

Vivemos com tanta liberdade
Que toda saudade se torna memórias.
A vida, como você me ensinou.
A viver, nossas memórias.

Por dias chorei, e em você pensei
Mas ao sentir tua presença, a paz
Enfim aceitei.
Muita luz a nós, e aos nossos passados.



O livro em formato de boneca

Micaella Brandão Almeida, 13 anos

Quando tinha quatro anos
Ganhei uma bonequinha no formato
De um livro e com cheirinho de chocolate
Que quando mamãe lia
Eu simplesmente dormia
Com o tempo, o livro-boneca foi perdendo
O cheirinho, mas mesmo assim,
Eu continuei amando a leitura
Eu gostava de manusear
Os seus cabelos,
As páginas e os olhinhos dela
Foi um desses motivos
Pelo qual eu me apaixonei por ela.
O encantamento aconteceu
A história mais bonita se deu
Quando de presente esse livro
De mamãe eu ganhei
Em minhas memórias eu guardei

Memórias

Hevilly da Silva Ribeiro, 14 anos

Memórias eu tenho de quando era criança,
A gente pulava, cantava e ainda brincava de dança.
Lembro de muitas coisas desse tipo
Até mesmo as brincadeiras de ficar escondido

Mas as melhores Memórias que tenho,
São aquelas em que estou lendo
Ler é simplesmente maravilhoso,
Imaginar-me em um mundo novo

O mundo da leitura é mágico,
Um lugar fantástico.
Lá podemos usar a imaginação,
Criando tudo com apenas uma simples ação

Lendo aprendi muitas coisas,
Como escrever, interpretar e até mesmo as morais que nos trazem coisas boas.
À dona leitura só tenho a agradecer,
Nunca teria chegado até aqui sem você!



DRE

São Miguel



Lembranças do passado

Karolina Aguiar Donato de Mesquita, 12 anos

Lembro-me do passado como se fosse ontem. Aos oito anos de idade, vendia picolé na rua para sobreviver, trabalhando naquele sol escaldante do sertão nordestino. Ainda criança, também plantava feijão, batata, milho, frutas e diversos outros alimentos para tentar sobreviver, pois era fome que sentia.

Uma pequena casa de paredes simples era a morada minha, dos meus pais e dos meus 7 irmãos. Estudava em uma sala com 60 alunos e me esforçava ao máximo para aprender o que era oferecido, pois não era fácil.

Brincava com meus amigos de jogar bola, de barra bandeira, pega-pega e de me esconder na mata durante a escuridão da noite à luz do luar... Também adorava tomar banho nos açudes de água doce com sabão. Ah, como eram gostosos esses momentos!!! Não havia tanta maldade no mundo como hoje em dia...

Meu almoço era feijão e farinha de mandioca. Às vezes (muito dificilmente), tinha uma mistura diferente. Não era fácil, afinal eram dez bocas que meus pais tinham para alimentar.

Junho era mês de festas. Celebrávamos o São João. Eram divertidas as brincadeiras, as danças... era tudo muito bom. Nos reuníamos durante a noite para contar histórias de Trancoso à luz do candeeiro... as horas passavam, nem percebíamos.

Gostávamos de passar um tempo na casa de nossos avôs. Lá a alimentação era bem melhor.

A seca, a busca por água e alimento nos fazia sofrer... Muitas vezes, eu oferecia ajuda às pessoas apenas para conseguir algum alimento. Não era fácil, porém éramos muito felizes.

Naquele tempo, as pessoas eram diferentes... Hoje em dia tudo mudou. As novas gerações não têm ideia de como eram nossas vidas.

Apesar de tantos momentos difíceis, sinto saudade daquela época... Éramos felizes com toda a simplicidade do mundo, pois apenas o amor e a bondade nos faziam felizes.

(Texto feito a partir da entrevista com o senhor José Donato de Mesquita)

De volta ao Ibirapuera

Emily Berto das Santos, 18 anos

Recentemente, fui a um dos parques mais conhecidos de São Paulo, ele mesmo, o Parque Ibirapuera, um lugar cheio de memórias, lembranças e emoções. O parque por si só é muito lindo, mas também carrega muita cultura e história. Graças à Academia Estudantil de Letras, tive o privilégio de conhecer um pouquinho do que a nossa cidade tem a oferecer.

Enquanto estava lá, lembrei-me de que muitos dos passeios, proporcionados pelo projeto, tinham como destino o Parque Ibirapuera, o Museu de Arte Moderna. O famoso MAM foi o primeiro museu que eu conheci juntamente com a AEL. Nossa!... Que experiência incrível!!! Hoje trago muitas lembranças daquela época e cultivo um carinho imenso por cada pessoa que dividiu aqueles momentos comigo, por mais que a maioria já não esteja presente em minha vida.

Recordo-me também de que todas as vezes que íamos ao Ibirapuera, tínhamos que fazer um piquenique e andar de bicicleta, após visitar o museu do nosso cronograma. Isso era meio que uma tradição, pois todos os anos cumpríamos esse roteiro. Puxa!!! Como foram bons aqueles momentos! Inesquecíveis!

O último ano que eu estive presente nesse maravilhoso passeio foi em 2019, antes da maior loucura mundial do século começar: a pandemia. Nós visitamos o MAC, o Museu de Arte Contemporânea e foi muito surreal! (Você não tem noção do que é uma arte contemporânea até conhecê-la com seus próprios olhos!). Depois, fizemos nosso ritual de andar de bicicleta e fazer nosso piquenique. Que delícia! Que emoção! Alugamos bicicletas e saímos em grupos explorando o parque. E o piquenique? Todos compartilhando o lanche sobre aquela enorme toalha estendida no chão. Muita algazarra. Muitas poses para as fotos registradoras de momentos inesquecíveis! E a natureza sendo cúmplice da nossa ingênua alegria.

Nessa última ida ao parque, tive o privilégio de reviver aqueles momentos e de refletir sobre a pessoa que me tornei, o que me trouxe um sentimento muito bom e gostoso.

Hoje sou uma aluna vitalícia, amiga literária de uma das melhores escritoras, a Lygia Fagundes Telles, conhecida também como “a dama da literatura brasileira”, e carregar esse sentimento de gratidão é tão forte por esse projeto tão lindo e tão bem cuidado pelas nossas professoras e pela escola (que um dia também já foi minha casa) só me faz ter saudades. Como eu queria voltar no tempo e aproveitar mais!

Memorial da lua

Karalyni dos Reis Guimarães, 15 anos

Em noites de lua cheia, costumávamos nos deleitar ao luar. Ah, como era gostoso! O aroma da brisa se misturava com a suave e memorável essência daquilo que não consigo mencionar. É clara a lembrança da melodia que tocava...era algo que nos remetia a refúgio, segurança e até mesmo cura para as feridas que se abriam durante as brincadeiras. Naquelas noites maravilhosas, rodávamos em cirandas e criávamos jogos com a nossa fértil imaginação.

Depois do banho a luz da lua, dormíamos como crianças despreocupadas, ingênuas e imaturas na espera de um novo amanhã. E ele chegava... ele sempre chegava. Assim eram os dias... As luas cheias, passageiras para nós, eram eternas...

Os dias iam e vinham, mas o nosso serviço não acabava... O amanhã chegava novamente depois de mais uma lua... Engraçado... Naquela época, às vezes, quando eu não via mais a lua cheia, achava que ela tinha sido comida... Na minha cabeça de criança, ela tinha sido devorada!

Lembro-me de que um dia, ao amanhecer, percebi que a metade da lua se fora e, com ela, ele também.

Agora só resta me lembrar dos banhos, dos sorrisos, das brincadeiras e das histórias de dormir. Lembro-me com saudades da luz que refletia em seu olhar durante o luau!!! Era incrível!!!

Ai, que saudade de quando a lua era cheia, de quando você ainda estava aqui!!!

Será que quando a outra metade da lua sumir, eu irei me juntar a ele?

Sabor de uma triste infância

Rafaelly de Souza Oliveira, 14 anos

Ungrid Alcântara Silva, 14 anos

Sozinha... perdida... sem amigos...
Eu cresci assim... sem me entender direito
De forma tão pequena e vazia.
Minha avó cuidava de mim,
Éramos eu e ela
Em perfeita sintonia.
Às vezes, ficava sozinha,
No alto de um morro de terra
De onde, solitária, observava
A estrada com carros passando...

Crianças a brincar no rio,
Outras, a brincar de elástico,
Meninas falando sobre seus namorados
E garotos discutindo sobre jogos
E eu? Eu pequena, prestando atenção em minha leitura
Sempre solitária, tendo meus livros como única aventura.

A escola era a hora do dia mais deliciosa!
Eu ficava em meu canto, lendo,
Conversava com os professores
Calma... ninguém podia me incomodar
Todos tinham receio por conta
Do assustador “cantinho da vergonha”

Humilhante!
Todos tinham um imenso medo dele.
Para muitos, ficar ali, sozinho, era horripilante
E para minha pessoa, ficar sozinho era relaxante...
Era calmo, sem crianças desinteressantes por perto.

A minha infância foi assim!
Confusa, solitária, melancolia ao certo
Éramos eu, minha avó e meus livros
Sinto falta desse gosto de infância...
Gosto de ingenuidade...

Também sinto falta do incrível gosto do doce de abóbora
Que minha avó fazia...
Ficava grandiosamente empolgada enquanto comia.
Tinha gosto de inocência...
Sentia tanto prazer ao comer aquilo.

Honestamente, esse sabor, esse momento me satisfaziam

Mas o tempo não perdoa
E em alguns anos
Eu perdi a chance de sentir aquele sabor novamente
Perdi, perdi minha única companheira
E agora, mais do que nunca, estou sozinha
Sozinha, vazia, praticamente sem vida

E agora, só restam eu e meus fiéis companheiros
Meus livros, minha aventura...
Que preenchem um pouco do vazio
Que a minha amada avó deixou.

Assim foi o final da minha infância
Mesmo que triste, confesso, mas incrível!
Que saudade da minha infância!
Que saudade de ser criança!



Minha querida Bahia

Rafaella da Silva Vieira, 11 anos

Eu me lembro de quando fui à Bahia com meus avós. Como iríamos viajar de madrugada, já fui com todas as malas para dormir na casa deles. Minha avó fez bolo de fubá e outro de laranja, que comi com o magnífico e saboroso café dela. Fui dormir.

Finalmente tinha chegado a hora de ir. Pegamos nossas coisas, nos trocamos e fomos. Ainda me lembro de como o carro do meu avô era confortável e quentinho.

Eu dormi muitas horas e, quando acordei, estávamos passando em cima de uma ponte com um rio embaixo. Achei demais!

Meu avô não via a hora de chegar e não queria parar, mas teve um momento que não teve escolha. Paramos em uma padaria, compramos café e pão de queijo, porém o café estava horrível e meu avô quase vomitou.

Finalmente, chegamos depois de muitas horas. Fomos muito bem recebidos, tinha café, tapioca, queijo, banana cozida, goiabada e um outro doce que não lembro o nome, mas era muito bom.

Comi e depois fui brincar na rua com os netos da madrinha da minha avó. Foi muito legal, mas olha, vou dizer: que lugar quente! Cansada de tanto brincar, era hora de comer e novamente tinha um banquete até com comidas que eu nunca tinha provado.

Pena que ficamos poucos dias e fiquei muito triste. Depois de um tempo, chegamos em casa, arrumei minhas coisas e me joguei na cama. Espero que algum dia eu possa ir de novo.



Você se lembra?

Giovanna Oliveira da Silva, 13 anos

Vários amigos estavam conversando e Juliana quis participar da conversa:

- Vocês se lembram?
- De quê? Perguntou Fábio.
- Daquele dia lá...
- Se você não der detalhes não iremos lembrar. Disseram todos os amigos, juntos.
- Vocês se lembram? É que eu esqueci a palavra.

Fábio arriscou:

- Aquele dia que a gente foi ao restaurante com a Gabi?
- A gente foi nesse dia com a Gabi, mas não é esse dia ao qual estou me referindo.
- Como eu vou lembrar, criatura de Deus? A gente sai toda hora com a Gabi.
- Aquele dia que você e ela... Deixa pra lá.
- Como eu vou deixar pra lá? Você começou, agora termina.
- Eu achei que você iria me ajudar a lembrar.
- Quer saber? Perdi o interesse.
- Eu também.

Os outros amigos continuaram a conversa como se esse diálogo nunca tivesse acontecido.

COORDENADORES DA AEL NAS DREs

BUTANTÃ

Rita de Cassia Almeida Braga

CAMPO LIMPO

Cleomar de Souza Lima
Elaine Silva Lacerda

CAPELA DO SOCORRO

Deusdete Cassio de Jesus

FREGUESIA/BRASILÂNDIA

Roberto Antônio Maciel

GUAIANASES

Maria Inês Alves Pereira
Tânia Regina da Silva
Valéria Silva Nascimento de Oliveira

IPIRANGA

João Rosalvo da Silva Junior
Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

ITAQUERA

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa
Lúcia Ramalho Nunes Munis

JAÇANÃ/TREMEMBÉ

Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva
Ivan Venturini

PENHA

Thalita Garcia Lopes

PIRITUBA/JARAGUÁ

Patricia Zerino Aguillera

SANTO AMARO

Cláudia Gonçalves da Silva

SÃO MATEUS

Priscila Alexandre do Nascimento Pereira
Izabel Cristina Macedo Amaral

SÃO MIGUEL

Vanessa Carneiro Dias



**CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO**



Academia Estudantil de Letras

